

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MAÉLY FERREIRA HOLANDA RAMOS

**O ENSINO CONFSSIONAL ADVENTISTA EM SÃO LUÍS/MA: na Reminiscência
da sua Trajetória Histórica as Pistas da sua Expansão**

São Luís

2010

MAÉLY FERREIRA HOLANDA RAMOS

**O ENSINO CONFSSIONAL ADVENTISTA EM SÃO LUÍS/MA: na Reminiscência
da sua Trajetória Histórica as Pistas da sua Expansão**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para obter o título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. César Augusto Castro

São Luís

2010

Ramos, Maély Ferreira Holanda

O ensino confessional adventista em São Luís/MA: na reminiscência da sua trajetória histórica as pistas da sua expansão/ Maély Ferreira Holanda Ramos. – São Luís, 2010.

137 f.

Orientador: Prof. Dr. César Augusto Castro

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, 2010.

1. Ensino Confessional – São Luís (MA)
2. Escola Adventista – Trajetória Histórica – São Luís (MA) I Título

CDU 372.8(812) (091)

MAÉLY FERREIRA HOLANDA RAMOS

**O ENSINO CONFSSIONAL ADVENTISTA EM SÃO LUÍS/MA: Na Reminiscência
da sua Trajetória Histórica as Pistas da sua Expansão**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para obter o título de Mestre em Educação.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. César Augusto Castro (Orientador)

(Universidade Federal do Maranhão)

Profª Drª Maria do Amparo Borges Ferro

(Universidade Federal do Piauí)

Profª Drª Iran de Maria Leitão Nunes

(Universidade Federal do Maranhão)

Profª Drª Diomar das Graças Motta

(Universidade Federal do Maranhão)

Dedico esta pesquisa a George Israel dos Santos Ramos, meu esposo, meu companheiro.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um sentimento nobre que revitaliza os relacionamentos e valoriza os indivíduos. Tenho muito que agradecer às pessoas colaboradoras da minha experiência durante a trajetória desta pesquisa.

Agradeço a Deus as coisas que Ele fez e fará por mim, a possibilidade de realização deste sonho, a concessão de saúde e força mentais para produção do texto, o presente de ter pessoas que tanto amo e a atenção de meus desabafos.

Agradeço ao meu esposo, George Ramos, o amor, a segurança, a calma, o consolo e por ser tudo o que eu preciso: meu porto seguro.

Agradeço aos meus pais, Maria de Fátima Ferreira Holanda e Raimundo da Silva Holanda, a confiança e a diligência, ainda que em meio a tantos sacrifícios.

Agradeço aos meus irmãos, Márcio Holanda e Márcia Corrêa, as lindas lembranças de infância, as vivências de hoje e os lindos sobrinhos que alegam os meus dias – Davi, Amanda e Mateus.

Agradeço ao Colégio Adventista de São Luís, a viabilidade das informações necessárias à pesquisa bem como a permissão do espaço para a realização das entrevistas.

No percurso de construção de conhecimento e de rememoração, o auxílio de alguns professores foi imprescindível, como as professoras doutoras Maria Alice Melo, Conceição Raposo, Fátima Gonçalves e de todo o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMA.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. César Castro, o tempo disponibilizado, o tratamento carinhoso e paciente manifestado durante o trilhar do desafio de escrever a história.

Por fim, agradeço ao Mestrado em Educação a contribuição de minha formação acadêmica e aperfeiçoamento pessoal e profissional. Agradeço também a CAPES a bolsa de estudo concedida.

“Esquecer é morrer.”

Bosi

*“Burilar, lapidar, trabalhar o tempo e nele recriá-lo,
constituindo-o como o nosso tempo.”*

Bosi

*“Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez
porque tenha decaído a arte de trocar experiências.”*

Bosi

RESUMO

O presente estudo trata da história do Ensino Confessional Adventista em São Luís do Maranhão, no período de 1943 a 2010, tomando como referência o Colégio Adventista de São Luís, por ser este a primeira Instituição Educacional da rede. Objetiva-se neste processo de investigação recuperar e analisar a reminiscência dessa história através dos discursos e práticas para, então, compreender as condições que favoreceram e possibilitaram o surgimento e expansão desta Instituição de Ensino. Estuda-se o Ensino Confessional Adventista inserido no Campo Religioso Maranhense em seu contexto de pluralidade nos séculos XX e XXI, considera-se que este é um lugar de manifestações simbólicas que colocam em prática pensamentos concorrentes em disputa de interesses. Entende-se que este é um campo de lutas, onde se percebe conflitos originados da disputa pelo poder em função da legitimação de uma ordem simbólica (SANTOS, 2006; BOURDIEU, 1990). Parte-se da origem da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) nos Estados Unidos e do seu movimento expansionista que culminou com a introdução da Igreja no Brasil, bem como da sua extensão institucional, a escola (SHUNEMANN, 2002; DOUGLASS, 2003). Trata-se de entender a história do Colégio Adventista de São Luís para desvelar as estratégias utilizadas para o seu desenvolvimento e expansão, enquanto influência proselitista (SARAIVA, 2000; CERTEAU, 1988; FOUCAULT, 1979). Sustenta-se este estudo numa abordagem qualitativa pautada na história oral enquanto método investigativo e na história cultural enquanto eixo analítico a partir da análise das reminiscências captadas nas entrevistas abertas e das práticas sentidas durante a observação participativa realizada no período de dois meses em contato com o campo de pesquisa. Postula-se a análise das memórias enquanto conexões entre o passado e o presente para a reconstrução da identidade, entendendo que a memória enquanto narrativa oral pode trazer a lembrança evidências políticas, econômicas, sociais, culturais e educacionais importantes para a compreensão de uma história. Analisam-se e interpretam-se as múltiplas relações que se estabelecem no campo religioso maranhense no que diz respeito ao Ensino Confessional Adventista, buscando entender sua ligação com a Igreja, sua proposta educacional, seu propósito e estratégias de expansão. Conjectura-se sobre sua suposta adaptação ao mercado educacional ludovicence para alcançar competitividade, num processo progressivo de “abertura” para o atendimento de clientes de outras religiões, num sutil distanciamento dos objetivos estabelecidos no início da sua trajetória.

Palavras-chave: Memórias. Ensino Confessional em São Luís. Escola Adventista

ABSTRACT

This present study is about of the Adventist Education Confessional in São Luís, Maranhão, during 1943 to 2010, having as a reference the Adventist College of São Luís because this is the first Educational Institution Network. The goal is to recover the research process and to analyze the historical reminiscence through discourses and practices and then to understand the conditions that favored and allowed the emergence and expansion of educational institution. Studies the Adventist Education Confessional entered the religious field of Maranhão in context of the plurality in the XIX and XX centuries. Considers that it is a place of symbolic manifestation that put thoughts of competing interests dispute. Believes that it is a field of struggle where perceive conflicts arising from competition for power as a function of the legitimation of a symbolic order (SANTOS, 2006; BOURDIEU, 1990). It starts with the origin of Seventy-Day Adventist Church in United States and its expansionist movement that culminated with the introduction of the church in Brazil, as well as its institutional extension: the school (SHUNEMANN, 2002; DOUGLASS, 2003). It is understand the Adventist College of São Luís to unveil the strategies used for its development and expansion, while proselytizing influence (SARAIVA, 2000; CERTEAU, 1988; FOUCAULT, 1979). Makes this study a qualitative approach based on oral history as an investigative method and cultural history while analytical axis from the reminiscences captures in open interviews and practices encountered during participant observation in two months in contact with the field research. It is postulated the analysis of memory as connections between past and present for the reconstruction of identity understanding the memory as oral narrative that can bring to mind the evidence political, economic, social, cultural and educational importance for the understanding of a story. It analyze and interpret the multiple relationships that are established in the religious of Maranhão in the Adventist Education Confessional to understand their connection with Seventy-Day Adventist Church and their educacional purpose, the goal and expansion strategies. It is assumed about adaptation to international market of São Luís to achieve competitiveness in a progressive process “opening” for customer service other religions in a subtle distance of the established objectives at the beginning of his career.

Keywords: Memories. Confessional Teaching in São Luís. Adventist School

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Baú/mala do primeiro colportor alemão a visitar o Brasil.	52
Figura 2 Cadeira da primeira escola paroquial adventista.	53
Gráfico 1 Números de Membros da IASB	55
Figura 3 Guilherme Stein Jr.(1871-1957)	57
Gráfico 2 Crescimento do CASL (2006-2010)	110
Gráfico 3 Percentual de alunos adventistas (2006-2010))	118
Figura 4 CASL 2008	120
Figura 5 CASL 2010	120

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Divisão dos Campos Administrativos do Brasil por Lideranças e Membros (1906 – 1910).....	54
Tabela 2 Cronologia dos Eventos entre 1942 -1960.....	94
Tabela 3 Cronologia dos Eventos entre 1961 -1970.....	99
Tabela 4 Cronologia dos Eventos entre 1971 -1983.....	101
Tabela 5 Cronologia dos Eventos entre 1984 -1991.....	106
Tabela 6 Diretores do CASL (1943-2010)	107
Tabela 7 Cronologia dos Eventos entre 1992 -2010.....	109
Tabela 8 Comparativo Ano-Número de Matrículas	111
Tabela 9 Os números de religião no Brasil.....	116
Tabela 10 Diversidade Religiosa – CASL 2010.....	117

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A INCURSÃO NO MOVIMENTO INVESTIGATIVO SOBRE A MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO	14
1 O NASCIMENTO DA IASD NOS ESTADOS UNIDOS E SUA INSERÇÃO NO BRASIL	31
1.1 A Grande Decepção	33
1.1.1 Período de Turbulências e Indefinições (1844 a 1850)	35
1.1.2 A Solidificação da IASD (1850 a 1863)	37
1.1.3 Período de Consolidação Institucional e Organizacional (1863 até 1901)	40
1.2 A IASD e a Experiência Religiosa nos Estados Unidos no Século XIX	42
1.2.1 Principais Características.....	42
1.3 Ellen White – A Voz de Um Movimento.....	45
1.3.1 Mulher e Líder	46
1.3.2 Ellen White e o Ensino Confessional Adventista.....	48
1.4 A Expansão Missionária e o Adventismo no Brasil.....	51
1.5 Educação Adventista no Brasil.....	56
2 O DESENVOLVIMENTO DA IASD NO MARANHÃO E A PROPOSTA EDUCACIONAL DAS SUAS ESCOLAS	63
2.1 O Campo Religioso Maranhense e a Diversidade Religiosa.....	64
2.2 A Introdução da igreja Adventista do Sétimo Dia em Solo Maranhense.....	68
2.3 A Proposta Educacional/Teológica Adventista no Maranhão.....	72
2.3.1 O Regimento Escolar: As Delimitações dos Parâmetros de Comportamento.....	78
2.3.2 O Ensino Confessional Adventista e as Raízes Teológicas da IASD.....	84
3 MÉMORIAS DO ENSINO CONFSSIONAL ADVENTISTA EM SÃO LUÍS E OS FATORES QUE CONTRIBUÍRAM PARA A SUA EXPANSÃO	89
3.1 O Ensino Confessional Adventista em São Luís: Criação e Funcionamento Precário (1943-1960)	91
3.1.1 O Cenário Maranhense no Período.....	95
3.2 Reformas e o Fortalecimento da Escola de Enfermagem (1961-1970)	97
3.3 Conflitos, Disputa pelo Espólio e o Fechamento da Escola de Enfermagem (1971-1983)	99
3.4 A Superação das Limitações Estruturais e a Inauguração do CASL (1984-1991)...	102

3.4.1 O Recomeço	104
3.5 A Expansão (1992-2010)	106
3.5.1 Analisando os Índices De Expansão.....	1210
3.5.2 Fatores que Contribuíram para a Expansão do CASL.....	114
CONCLUSÃO.....	125
REFERÊNCIAS	132
APÊNDICES	1368

INTRODUÇÃO

O estudo sobre a História do Ensino Confessional Adventista em São Luís do Maranhão, fruto de um processo de investigação, análise e de uma busca literária, resultou em descobertas relevantes que culminaram com a produção desta dissertação vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão. Esta pesquisa vem ao encontro das nossas experiências de docência desenvolvidas na Rede Confessional Adventista, onde atuamos durante dez anos, nas cidades de Belém, Altamira, Marabá (no Estado do Pará) e São Luís (no Maranhão). As canchas alcançadas através das vivências suscitaram a necessidade de entendermos o papel do Ensino Confessional Adventista na sociedade maranhense por meio do perscrutar da sua história.

Esse trabalho intenta proporcionar a reflexão sobre a necessidade de ir para além do simples ato de descrever, isto porque “[...] fazer história não consiste apenas em recolher os fatos para com eles formar imagens, mas igualmente em explicar o porquê desses fatos” (SCHAFF, 1983, p. 241). A explicação versa sobre os porquês, e sobre estes se reclina até que haja uma ação consciente e organizada para um fim – a *compreensão*. Dessa forma, procuramos investigar o Ensino Confessional Adventista em São Luís do Maranhão, tomando como referência o Colégio Adventista (CASL)¹ e consideramos o contexto histórico que retrata sua origem, desenvolvimento e expansão. Estão implícitas neste cenário as múltiplas relações e determinações entre escola, Igreja e sociedade.

Justificamos essa pesquisa pela necessidade de ampliação de conhecimento acerca da atuação de Instituições Confessionais Educacionais representativas do campo religioso ludovicense enquanto detentoras de influência proselitista e que demarcam sua participação na história da educação do Maranhão, no período estabelecido nos séculos XX e XXI. Justificamos, também, pela contribuição que dará à memória do CASL (re)constituindo a trajetória histórica, ante a falta de preservação das fontes que contariam seu percurso. Há poucos registros oficiais sobre a história do Ensino Confessional Adventista em São Luís no logradouro do seu nascimento, bem como acerca dos anos iniciais que constituíram o seu desenvolvimento. Só começam a surgir, de forma mais consistente, no ano de 1991 e, ainda assim, muitos foram dispersos por falta de comprometimento com a preservação da memória. Maria relata que *A igreja não tem quase nada registrado sobre a história da primeira escola adventista em São Luís, as pessoas não registravam e eu perdi alguns anos da minha*

¹ CASL – Colégio Adventista de São Luís, a mais antiga e maior unidade escolar da Rede Adventista da cidade.

aposentadoria por causa dessa falta de organização (informação verbal) ². No desabafo de Maria encontra-se o ponto central da nossa justificativa. Essas questões nos induziram a desenvolver a proposta dessa pesquisa que tem como temática: **O Ensino Confessional Adventista em São Luís/MA: na Reminiscência da sua Trajetória Histórica as Pistas da sua Expansão.**

Assim, analisaremos a História do Ensino Confessional Adventista por ser, atualmente, uma importante representação dessa categoria com 2.100 alunos em São Luís através de três escolas nos bairros COHAB, Monte Castelo, Cidade Operária e um colégio na COHAMA³. Esse estudo parte dos planos de expansão da IASD⁴ nos Estados Unidos, onde, originalmente a Rede de Escolas Adventistas, com sua proposta denominacional e denominacionalizante, foi projetada e estruturada até encontrar um ambiente favorável para o seu crescimento no Brasil e posteriormente no Maranhão. Parte também da iniciativa de Ellen White, que fez o movimento adventista crescer em todo o mundo e construiu as bases do Ensino Confessional Adventista ao desejar viabilizar uma educação cristã de qualidade. Pois,

Nossas idéias acerca da educação têm sido demasiadamente acanhadas. Há necessidade de um escopo mais amplo, de um objetivo mais elevado. A verdadeira educação significa mais do que a prossecução de um certo curso de estudos. Significa mais do que preparar para a vida presente. Visa o ser todo e todo o período possível da existência do homem. [...] Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo e, para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro (WHITE, 2007, p. 27).

White, durante o seu envolvimento com a IASD, esteve focada na intenção de oferecer um ensino diferenciado e suas investidas por esse tipo de educação solidificaram os princípios do ensino confessional ao unir a experiência religiosa à proposta educacional.

O contexto histórico aqui construído parte do entendimento de que a história é “sempre um relato” e que mesmo quando pretende “[...] desfazer-se da narrativa o seu modo de compreensão permanece tributário dos procedimentos e operações que asseguram a encenação em forma de intriga das ações representadas” (CHARTIER, 1985, p. 82). Assim, traremos à memória “relatos”, “ordenamento” e “composições” para buscar a compreensão histórica dos acontecimentos. O foco da nossa investigação está voltado para a reconstituição objetiva do passado pautada em indícios, isto é, “[...] da realidade reconhecida a partir dos seus vestígios” (CHARTIER, 1985, p. 85).

² Informação fornecida por Maria, um dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

³ Número de alunos por escola: COHAB (540), Monte Castelo (150), Cidade Operária (100), CASL (1310).

⁴ IASD – Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Estes rastros configuram a narrativa histórica da pesquisa que se organiza num sentido cronológico do desenvolvimento do Colégio Adventista de São Luís, a saber: Criação e Funcionamento Precário (1943-1960); Reformas e o Fortalecimento da Escola de Enfermagem (1961-1970); Conflitos, Disputa pelo Espólio e o Fechamento da Escola de Enfermagem (1971-1983); A Superação das Limitações Estruturais e a Inauguração do CASL (1984-1991); A Expansão (1992-2010). Não haurindo nesse percurso da análise da trajetória no sentido de objetivarmos a relação que se estabelece entre os agentes sociais e seus habitus⁵ e as forças do campo em que se movem. No relembrar dessa memória descrevemos as séries de transformações ocorridas e as relações que se estabeleceram (BOURDIEU, 1996). Todos os campos possuem seus próprios princípios, seus costumes e seus hábitos que são estabelecidos a partir dos interesses dos grupos. A ideia de campo se introduz entre as determinações sócio-econômicas, isto acontece porque há em cada campo princípios de organização que são referentes às suas estruturas e configuram um espaço de lutas (BOURDIEU, 1998).

Esta pesquisa está voltada para a área da história da educação com a preocupação de abranger o seu conteúdo e a organização institucional que lhe dá suporte, representada aqui na especificidade da memória da Educação Adventista⁶ e considerando o estudo dos lugares e das práticas que a instituíram. A História da Educação apresenta-se como “[...] um saber especializado, presente e legitimador do processo que separou a função docente do conjunto das demais funções desempenhadas pelas famílias e comunidades.” (NUNES; CARVALHO, 2005, p. 21). É nesse palco que delineamos as molduras do texto e da prática investigativa. Pensar a História da Educação a partir das contribuições da História Cultural abre caminho para novas pesquisas através da “[...] incorporação e da redefinição de problemas, temas e objetos de estudo, como que relegados aos historiadores da educação” (NUNES; CARVALHO, 2005, p. 41). Essa vertente historiográfica possibilita a ocupação “[...] massiva do próprio campo de trabalho do pesquisador em história da educação que não terá como ignorar a massa de conhecimentos produzida e as diferentes e enriquecedoras questões teórico-metodológicas” (NUNES; CARVALHO, 2005, p. 41) que facilitam a reflexão concernente a novos assuntos. Assim, abordaremos a educação enquanto cultura, através de questões culturais que se manifestam nas relações. Afinal, as experiências sociais “[...] são

⁵ Utilizamos as contribuições de Bourdieu para apresentar os conceitos de Habitus e Campo em todo o percorrer do texto.

⁶ Em alguns momentos chamaremos o Ensino Confessional Adventista de “Educação Adventista” por considerar que é essa a maneira como os líderes da IASD o identificam.

manipuladas em termos culturais: incorporadas em tradições, sistemas de valores e formas institucionais” Thompson (apud HUNT, 1992, p. 6).

Para compreender os vieses da memória da “Educação Adventista” em São Luís nos apropriamos dos conhecimentos da História Cultural, desviando o olhar para novos modos de ser e de fazer e para abarcar os significados que os sujeitos da pesquisa denotam “[...] das suas práticas, das práticas de outros grupos, da escola, dos agentes escolares, da sociedade, do papel que a escola deve ter na sociedade,” enfim, do complexo feixe de relações que constituem um ambiente escolar confessional (NUNES; CARVALHO, 2005, p.50).

Escolher a História do Ensino Confessional Adventista em São Luís como objeto de estudo permite ao pesquisador ampliar seus conhecimentos acerca do próprio campo religioso maranhense através de “[...] memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que delas são construídas” (HALL, 2001, p. 51). Destarte, formulamos o problema dessa pesquisa, a saber: Que condições históricas e sociais favoreceram o surgimento e a expansão do Ensino Confessional Adventista em São Luís?

Para dar conta de responder a pergunta, estabelecemos como objetivo geral analisar a história do Ensino Confessional praticado pela IASD, através da memória do Colégio Adventista de São Luís, no período de 1943 a 2010, a fim de recuperar a reminiscência, os discursos, as práticas e as estratégias para então compreender as condições históricas e sociais que favoreceram o surgimento e o crescimento da instituição. Buscamos ainda dados e informações sobre a Educação Adventista no Maranhão, através do levantamento de fontes documentais e depoimentos orais; análise dos pressupostos pedagógicos e religiosos do Ensino Confessional Adventista; compreensão dos fatores que contribuíram para a sua criação, desenvolvimento, crescimento e consolidação.

A hipótese geral é a de que o Ensino Confessional Adventista conquistou um importante espaço na sociedade ludovicense em virtude de adequar-se ao contexto de diversidade religiosa em São Luís; da postura empresarial notadamente mais competitiva no contexto do mercado educacional, bem como a oferta de um ensino fundamentado em valores morais e espirituais. Assim, as transformações que ocorreram neste ensino confessional, no decorrer histórico, demonstraram uma adaptação ao pluralismo da estrutura social, o que consolidou a expansão.

No cenário brasileiro a atuação de escolas confessionais pode ser sentida na contribuição para o ensino privado no Brasil e no crescimento do mercado educacional. A presença dessas escolas foi garantida desde a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e

Bases da Educação Nacional, de 1961, quando foi viabilizada a possibilidade de conceder aos pais o direito à livre escolha, de acordo com suas opções religiosas (FISCHMANN, 2007).

Sobre o ensino religioso, o artigo 33 da LDB de 1996, modificado em 1997, acrescenta: “[...] é parte integrante da formação básica do cidadão [...], assegurando o respeito à diversidade cultural religiosa no Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.” É neste contexto favorável à consolidação de escolas confessionais que a Educação Adventista se declara como “a maior rede educacional evangélica e a segunda maior rede confessional do Brasil e do mundo”. (DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2009, p. 8).

O Sistema Educacional Adventista no Brasil está composto por 500 unidades das quais são escolas, colégios e centros universitários. Há 114 anos no Brasil, comemorou no início de 2010, 4% de incrementos dos alunos. Em São Luís, Coroatá e Caxias marca presença há 67 anos e apresentou um crescimento de 35% em toda a rede (DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO MARANHENSE, 2010). As primeiras escolas adventistas no Brasil (1896) e em São Luís (1943) foram construídas nos “quintais” das igrejas com o propósito de atender apenas os filhos da IASD, não visavam à competitividade do mercado, o objetivo era proteger as crianças adventistas das influências do mundo. Suas estruturas físicas não eram, nem de longe, comparadas as de hoje. Somente em 1972, as Escolas Adventistas começaram a avançar no mercado educacional nacional, impulsionadas pelas modificações produzidas pela Lei de Diretrizes e Bases. Em 1980 foram construídas grandes escolas. Com as estruturas ampliadas e com um maior número de vagas, a Educação Adventista foi alargando seus domínios e adaptando seus princípios de origem para atender a demanda do mercado. O sucateamento das escolas públicas, nesse mesmo período, também contribuiu para o alavancar dessa rede confessional (SCHUNEMANN, 2002, p. 398).

Segundo os princípios anunciados pelo Ensino Confessional Adventista no Maranhão e em todo o país, suas escolas devem buscar “promover, através da educação cristã, o desenvolvimento harmônico dos educandos, nos aspectos físico, intelectual, social e espiritual, formando cidadãos pensantes e úteis à comunidade, à pátria e a Deus”. A proposta educacional/teológica adventista evidencia a intenção de “ser um sistema escolar reconhecido pela excelência, fundamentado em princípios ético-cristãos, com ampla participação no setor educacional.” (DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2009, p.45).

Um fenômeno, no entanto, chamou-nos atenção nas escolas adventistas distribuídas pelo Brasil, durante o ano de 2007, 70% dos alunos não faziam parte da IASD

(TODESCHINI, 2007). Nas escolas da Associação Maranhense,⁷ dos 1.706 alunos matriculados no ano de 2009, somente 463 eram adventistas. Em 2010, o Colégio Adventista de São Luís indica o seguinte quadro estatístico: 24,63% dos alunos pertencem à religião adventista, enquanto que 75,37% dos alunos são representantes de outras religiões (católicos, batistas, presbiterianos, entre outros) (SETOR FINANCEIRO DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA MARANHENSE, 2010). Na sua trajetória o Ensino Confessional Adventista experimentou acentuadas transformações que possibilitaram uma abertura às demandas do mercado para atender mais que os filhos da igreja e assim atingir a diversidade característica do campo religioso brasileiro. Essa mudança de postura tornou exequível a expansão e a consolidação, entre outros fatores que serão estudados neste trabalho.

Para discernir o contexto que configura a memória desta instituição educacional, buscaremos nos apropriar dos diferentes enunciados que transportam o passado como um objeto numa interlocução voltada para fora do discurso, para o não-dito, na tentativa de perceber o ausente. Como afirma Certeau (1982, p. 57), “[...] esta é a história. Um jogo da vida e da morte prossegue no calmo desdobramento de um relato, ressurgência e denegação da origem, desvelamento de um passado morto e resultado de uma prática presente.” Assim, este estudo se deteve na análise dos discursos por indicar que práticas são produtoras de ordenação, de afirmação, de distâncias e de divisões (MARTINS, 2009). Essas práticas constroem o mundo enquanto representação (CHARTIER, 1990). A cultura constitui-se um elemento fundamental para o entendimento dessas práticas.

Pensar a cultura na história é considerar o conjunto de significações partilhadas e construídas pelos homens para explicar o mundo, por ser ela uma forma de tradução e expressão da realidade que se faz de forma simbólica ponderando os sentidos transmitidos através das palavras, das coisas, das ações e dos atores sociais. Segundo Dosse (1994, p. 179)

O domínio cultural é, pois, fonte de riscos, de conflitos. Assim, cabe ao historiador levantar as linhas de força e de fuga. Mas só pode fazê-lo ao considerar os dois lados da análise: o social e o cultural, pois a difusão da cultura passa pelos grupos sociais e, portanto, por uma série de mediações e mediadores, cujo conhecimento é indispensável para a concretização da mesma. Nesse nível a análise social deve ser particularmente cuidadosa, pois, muitas vezes é nas brechas das estruturas sociais que se expõe com mais eficácia o intermédio cultural.

Referentemente a essas questões, é preciso entender que o estilo de vida religioso e a própria proposta educacional adventista se remetem à presença de fortes manifestações

⁷ A Associação Maranhense é o órgão administrativo que gerencia todas as instituições adventistas nas cidades de São Luís, Coroatá e Caxias.

culturais, determinantes na estruturação das bases dos princípios e valores que regem ambas. Sobre isso Foucault (1982, p. 128), explica que sua maior preocupação no estudo dos discursos sociais se destina a “ver historicamente de que modo os efeitos de verdade se produzem no interior dos discursos que não são em si mesmos, nem verdadeiros, nem falsos”, mas culturais.

A História Cultural decifra a realidade do passado por meio das suas representações, tentando entender as formas discursivas e imagéticas utilizadas pelos homens para expressar os sentidos deles próprios e do mundo. Neste contexto as fontes e os documentos são representações do passado que se materializam no olhar do historiador (CHARTIER, 1988). A abordagem da história cultural disponibiliza espaço para novos interesses e estudos, tais como: as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentesco, as relações familiares, as mobilidades de funcionamento escolar entre outros. Este perfil investigativo permite pensar melhor o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída e permite também compreender as formas e os motivos das representações do mundo social (CHARTIER, 1988). Assim, desenvolvemos também a ideia de representação enquanto presentificação de um ausente, enquanto imagem central de substituição que configura uma ausência e torna sensível uma presença (CERTEAU, 1982). As representações são expressas por normas, instituições, discursos, ritos que formam uma referência à existência dos indivíduos. A simbolização das representações possui uma função mediadora “[...] que informa as diferentes modalidades de apreensão do real, quer opere por meio dos signos linguísticos, das figuras mitológicas e da religião, ou dos conceitos de conhecimento científico.” (CASSIRER, 1972, p. 57). São essas formas simbólicas em suas categorias e todos os seus processos que constroem o mundo enquanto representação (CHARTIER, 1988).

Metodologicamente sustentamos nosso estudo numa abordagem qualitativa pautada na história oral, enquanto método de investigação, e na história cultural, no eixo analítico que possibilita a compreensão das relações sociais ativas no campo religioso ludovicense configurado pela pluralidade e no qual está inserido o Ensino Confessional Adventista. Através da história oral registramos a memória de sujeitos que participaram do surgimento e do desenvolvimento desse ensino confessional, por meio de uma técnica de entrevista para interagirmos com essas vozes. A ideia das vozes

[...] baseia-se na ideia de que a experiência humana não fala por si própria, mas precisa de vozes originais que a interpretem. As vozes são produzidas numa situação social, e gradualmente reconhecidas pela sociedade. [...] Funcionam como que

pertencem a pessoas reais com as quais se estabelece um diálogo que pode ser mantido para além do tempo e do espaço, sendo continuamente regeneradas em respostas a situações em mudanças, não sendo, portanto, ecos mumificados para serem ouvidos passivamente, mas ferramentas vivas de interpretação da experiência (BAKHTIN, 1997, p. 81-82).

Nesse contexto a oralidade assume um perfil histórico e cultural (HALL, 2000) possibilitando a materialidade dos modos de ser, de fazer e de relacionar-se, configurando identidades individuais e sociais. A história oral nos permite considerar os diferentes atores sociais em suas vivências, cada sujeito torna-se um fazedor da ação social e assim contribui com o universo da pesquisa disponibilizando os significados que ele próprio criou no decorrer da sua história (GEERTZ, 1989), é assim que [...] “quando o não significativo se transforma em indício, em pista possível daquilo que buscamos, os registros começam a documentar com maior precisão, a aparente dispersão [...]” (EZPELETA; ROCKWELL, 1989, p. 17). Assim, a memória cumpre um papel importante na pesquisa histórica por ser “o receptáculo em que a imortalidade dos feitos humanos foi armazenada afinal,

[...] na rememoração encontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante os muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. Encontramos os anos que se perderam no tempo, as brincadeiras de rapaz, os vultos, as vozes, os gestos dos companheiros de escola, os lugares, sobretudo aqueles da infância, os mais distantes no tempo e, no entanto, os mais nítidos na memória (BOBBIO, 1997, p. 31)

As experiências individuais e coletivas, mesmo quando esquecidas, silenciadas, podem ser trazidas à lembrança através da memória. Essa memória, enquanto narrativa oral, pode revelar novos campos de investigação. Portanto, a pesquisa transita em duas direções: epistemológica, com a análise das contribuições de diferentes autores relacionados à História Cultural; e metodológica, com a indicação dos passos estratégicos que conduziram a análise ao alcance dos objetivos propostos. O plano metodológico foi realizado em três fases.

Na primeira fase, que chamamos de *Localizando Rastros – Sentidos Históricos* (BURK, 1937), buscamos encontrar em fontes documentos referentes ao período de 1943 a 2005, que correspondem aos momentos históricos do surgimento da instituição e das principais transformações pelas quais o CASL passou, tais como: fichas de registros da secretaria, Livros de Atas e de Atos e em jornais internos da instituição, informações significativas. Essas fontes foram disponibilizadas nos arquivos da secretaria e no setor financeiro do Colégio Adventista de São Luís para a captação dos vestígios de um passado

esquecido⁸. Nesse mesmo momento da pesquisa realizamos, também, a observação participante, enquanto instrumento de análise, que nos auxiliou na compreensão do contexto escolar em questão e na apreensão dos sentidos expressos no complexo feixe de relações (FOUCAULT, 1979) que se estabelece no processo escolar, para “[...] tentar entender os eventos e as pessoas adaptando os papéis e as perspectivas daqueles que se estuda” (MATOS, 2006, p.12). Observamos como aconteceu o processo de matrícula para o ano letivo de 2010, as entrevistas feitas com alunos novatos e o contato com os pais; visualizamos também os primeiros meses de aula (janeiro e fevereiro) e como foi desenvolvido o processo de adaptação dos alunos às diretrizes do CASL.

Na segunda fase, chamada de *Reconstituindo o Passado*, confrontamo-nos com as vozes, ainda não ouvidas de professores, alunos, ex-alunos, ex-diretora e pais de alunos que participaram da construção da história do Ensino Confessional Adventista em São Luís em diferentes momentos que se configuram desde o surgimento em 1943 até os dias atuais em 2010. Os relatos contribuíram com a escrita dessa história. Nessa fase utilizamos entrevistas abertas para a coleta do maior número possível de informações acerca dos eventos históricos da instituição, bem como dos conflitos e crises que compuseram o cenário. Estivemos atentos à percepção das manifestações verbais e não-verbais que emergem do campo de investigação e que ocorrem entre pesquisadores e sujeitos entrevistados durante as sessões de entrevistas (LAPASSDE, 1993, apud FINO, 2006).

A entrevista “[...] permite romper com as certezas de que partilhamos de um mundo com pontos de vistas idênticos sobre uma realidade incontestável [...]” (BOUMARD, 2009, p.54). Nos diálogos estabelecidos durante o ato de entrevistar, deparamo-nos, vez ou outra, com a necessidade de efetuar desvios e redirecionamentos diante das eventualidades e imprevisibilidades da oralidade para, através da flexibilidade, criar condições de memorização e assim captar as frustrações, os temores, as inseguranças e as contradições expostas implicitamente. Aqui os depoimentos orais alcançados por meio da técnica da entrevista aberta representam uma modalidade de fonte de registro da memória e foram coletados no ambiente escolar do Colégio Adventista de São Luís. Os sujeitos entrevistados foram escolhidos respeitando as categorias de indivíduos que compõem um universo escolar (pai de aluno, professor, aluno, diretor, coordenador), bem como considerando os períodos nos quais mantiveram contato com a instituição e ainda, também, ponderando as relações que desenvolveram no ambiente escolar.

⁸ Nos documentos disponibilizados pelo CASL encontramos dados a partir de 1991, apenas. Ainda assim, muitas informações foram perdidas pelo descaso com os registros.

Na terceira e última fase, que chamamos de *Construindo Novos Sentidos*, analisamos o conjunto de informações disponibilizadas nos dados coletados referentes ao contexto atual do Colégio Adventista de São Luís, que corresponde ao período de 2006 a 2010, para confrontar com a hipótese geral, fazendo uma análise comparativa, para assim chegar ao resultado final da pesquisa. Aqui observamos os relatórios atualizados e disponibilizados pelo Departamento de Educação da AMA⁹ com a configuração da estrutura física, financeira e pedagógica do colégio. Toda essa construção crítica possibilitou a percepção dos discursos e a materialização da sua identidade confessional. Essa identidade também está marcada no não-dito e “precisamos compreendê-la como produzida em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas, por iniciativas e estratégias específicas” (HALL, 2000, p.100).

A coleta de dados foi baseada em um processo dedutivo e interposta por momentos de observação e análise. No processo dedutivo partimos do geral – O Ensino Confessional Adventista nos Estados Unidos e no Brasil, ao específico – O Ensino Confessional Adventista em São Luís. Escolhemos esta forma de abordagem por considerar importante a explicação do conteúdo das premissas, desenvolvendo uma cadeia de raciocínio em ordem decrescente. Os participantes desta pesquisa foram organizados em dois grupos: os **ouvintes diretos** (alunos, professores, pais de alunos, ex-diretora, coordenadora que experienciaram a história da Instituição ainda nos seus primórdios) e os **ouvintes indiretos** (professores, administradores e pastores não-vivos que deixaram registros importantes acerca da memória da rede de escolas). Como Instrumentos de Pesquisa utilizamos a observação participante e as entrevistas abertas. O método de investigação foi a História Oral através da análise do discurso dos participantes para reconstruir a memória enquanto representação do passado captada por meio de entrevistas e gravações de depoimentos dos sujeitos.

A configuração do cenário histórico representou o grande desafio da pesquisa considerando que a IASD no Maranhão não cuidou adequadamente da preservação da sua memória através da conservação das fontes que poderiam ampliar o olhar acerca dos eventos que construíram sua história. Por esse motivo, uma significativa parte das informações coletadas é originada de fontes orais. Na busca pela memória do Ensino Confessional Adventista em São Luís, percebemos que os raros registros que existem foram preservados por iniciativa individual de uns poucos membros da Igreja interessados em deixar esse legado de lembranças para as próximas gerações. É assim que os relatos suscitados aqui se tornam

⁹ Associação Maranhense, Órgão administrativo responsável pela gerencia das escolas adventista em São Luís, Caxias e Coroatá.

imprescindíveis para a reconstituição dessa história. Nos capítulos 1, 2 e 3 utilizamos as falas dos entrevistados¹⁰ para registro de memória, enriquecendo a narrativa histórica, assim, durante o desenvolvimento do estudo, chamaremos os sujeitos abordados suscitando as interfaces entre os componentes do passado em consideração às diferentes falas. Portanto, para garantirmos o anonimato dos sujeitos que contribuíram com esse estudo decidimos nominá-los utilizando alguns personagens bíblicos para fazer jus ao contexto religioso no qual estão inseridos. É importante enfatizarmos que durante o percorrer do trabalho utilizaremos os relatos dos entrevistados, destacando em itálico suas falas.

Sujeito (1): **Ana**, nasceu em 1968, na cidade de São Luís, foi professora no período da inauguração do CASL (1991).

Sujeito (2): **Ester**, nasceu em 1969, na cidade de São Luís, foi secretária da primeira escola adventista na mesma cidade.

Sujeito (3): **Mateus**, nasceu em 1986, na cidade de Belém/PA, é ex-aluno do CASL.

Sujeito (4): **Lia**, nasceu em 1970, na cidade de São Luís, é ex-professora do CASL e mãe duas alunas.

Sujeito (5): **André**, nasceu em 1993, na cidade de São Luís, é aluno do CASL.

Sujeito (6): **Raquel**, nasceu em 1988, na cidade de Pinheiro/MA, é ex-aluna do CASL.

Sujeito (7): **Sara**, nasceu em 1956, na cidade de São Luís, é ex-diretora da primeira escola adventista em São Luís (1969-1981).

Sujeito (8): **Tiago**, nasceu em 1970, na cidade de Miranda/MA, é pai de dois alunos do CASL.

Sujeito (9): **José**, nasceu em 1993, na cidade de São Luís, estuda há dois anos no CASL.

Sujeito (10): **Maria**, nasceu em 1972, na cidade de São Luís, foi professora da primeira escola adventista da cidade.

Na construção da narrativa histórica da pesquisa, desenvolvida a partir de uma seqüência cronológica, consideramos, implicitamente, algumas categorias empíricas que surgiram das falas dos sujeitos entrevistados durante a análise. As categorias não serão apresentadas de forma direta, pois escolhemos construir uma narrativa, no entanto, serviram como fundamento para o tratamento das falas coletadas e assim estarão permeando a

¹⁰ Apresentamos aqui, na introdução desse trabalho, os sujeitos entrevistados e as categorias empíricas para indicar as falas que constarão nos capítulos 1, 2 e 3.

reconstituição da memória do Ensino Confessional Adventista em São Luís. O foco em desenvolver uma forma narrativa justifica-se na necessidade de evitar a aparência de “retratos relativamente estáticos de épocas inteiras”, esse foi nosso desafio - buscar “narrativas complexas, expressando uma multiplicidade de pontos de vista” para tornar inteligíveis os conflitos e as vivências (BURKE, 2005, p. 160). As categorias são:

a) estrutura física: com o objetivo de descrevermos as características do ambiente físico do CASL desde o início da sua trajetória (1943) até o ano de 2010. Esta visualização feita em diferentes momentos históricos pelos sujeitos nos propiciou a percepção do desenvolvimento do colégio e, conseqüentemente, do Ensino Confessional Adventista em São Luís.

b) a Proposta Pedagógica: para entendermos qual é a proposta educacional da instituição, ao investigarmos se houve uma adaptação dos princípios teológicos que regem o ensino, e para discernirmos o papel dos professores no decorrer do tempo.

c) a Proposta Espiritual: procuramos fazer a relação entre a proposta pedagógica e os princípios teológicos da IASD, tentando perceber até que ponto as regras de fé da Igreja estão inseridas no cotidiano escolar e apreendendo a reação dos alunos não-adventistas e dos pais que buscam o ensino confessional.

d) ampliação e Expansão, entendemos os motivos que ocasionam a expansão do CASL.

e) as Relações e as Múltiplas Determinações, buscamos desvelar o contexto e o motivo em que as relações acontecem, suas intenções e conseqüências.

Refletir sobre as fontes exige reconhecer os limites não só das práticas institucionais, mas também das práticas discursivas no âmbito da história. Estas práticas são indícios desenhados na localização, conservação e divulgação das fontes (NUNES; CARVALHO, 2005). Os dados foram coletados e organizados nas etapas de identificação, transcrição e análise de fontes, as quais organizamos, também, em três grupos, denominados assim:

a) Inventários e Pistas - neste grupo estão as fontes impressas guardadas e esquecidas, nos acervos biográficos da Instituição. Aqui investigamos os relatórios da secretaria do CASL referente a eventos e decisões importantes e alguns jornais produzidos pela “Educação Adventista” no decorrer da sua trajetória iniciada em 1943. Notamos que não há dados na secretaria do CASL referente ao período de 1943 a 1990, no entanto, encontramos alguns poucos registros de membros da IASD guardados na biblioteca do Colégio. Nesta etapa visitamos uma vila de adventistas em Gaspar Alto – SC para

observarmos as informações contidas no museu que relembra a primeira Escola Adventista no Brasil. As fontes serviram para complementar o período histórico da presente pesquisa. As informações retiradas dos registros contribuíram para desvendar eventos importantes da memória da instituição. O historiador precisa se voltar para os arquivos não apenas para informar seu conteúdo, mas para, fazer uma leitura crítica dos documentos. É necessário sofisticar a análise “com o intuito de ao menos perceber de que modo alguns aspectos, dos quais não tratam diretamente (seja pelo silêncio das fontes, seja pelas suas opções), atuam sobre aqueles nos quais se fixam.” (NUNES; CARVALHO, 2005, p. 35). Nossa busca foi no sentido de encontrar os rastros da história para evitar a dispersão/destruição das informações contidas nos arquivos. As investigações revelaram a ausência de fontes impressas que poderiam referenciar a história da “Educação Adventista” em São Luís. Para a superação da dificuldade de conservação dos registros é necessária a organização de planos de destinação e conservação dos documentos dos arquivos para explorar as fontes existentes com “certa totalidade e organicidade das atividades/funções desempenhadas” pela instituição e pelas pessoas envolvidas. Afinal, os acervos interessam não apenas ao historiador que deseja escrever sua história, mas também “[...] às instituições que as detém e à sociedade em geral.” (NUNES; CARVALHO, 2005, p. 51).

b) arquivos Vivos - para dar conta de montar esse complexo quebra-cabeça histórico precisamos lançar mão dos depoimentos orais de pessoas que presenciaram alguns momentos importantes que não estavam registrados nas fontes impressas. O mapeamento das fontes vivas foi imprescindível para preparar o terreno para uma crítica empírica vigorosa que possibilitou a percepção de novos problemas e acontecimentos. O instrumento da história oral nos acrescentou as informações necessárias à tessitura do trabalho investigativo, visto que sentimos grandes dificuldades com a ausência de fontes impressas referentes ao período de 1943 a 1990. Daí a necessidade de complementar e enriquecer a pesquisa com os “**Arquivos Vivos**”. Sobre isso Febvre (1984, p.98) afirma que

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permita utilizar para fabricar seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas dos campos e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a estrelagem dos cavalos de tiro Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, exprime o homem, demonstra presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.

Com um pensamento complementar à análise de Febver, Bloch critica a ilusão que alguns historiadores têm em imaginar que todo problema histórico possui um específico documento correspondente:

Seria uma grande ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos, especializado para esse uso... Que historiador das religiões se contentaria em consultar os tratados de teologia ou as recolhas de hinos? Ele sabe bem que, sobre as crenças e as sensibilidades mortas, as imagens pintadas ou esculpidas nas paredes dos santuários, a disposição e o mobiliário das tumbas têm pelo menos tanto para dizer quanto muitos escritos (BLOCH, apud LE GOFF, 1984, p. 98).

Em atitude concordante desbravamos não apenas as fontes impressas facilitadas e disponibilizadas em um contexto de revolução documental que reflete uma enorme ampliação da memória histórica já detectada nos anos de 1960, mas também as vozes por meio das entrevistas realizadas (NUNES; CARVALHO, 2005, p.41).

c) Retratos Atuais - O historiador precisa suscitar em si o desejo de ir para além do ato de apenas registrar e desenvolver uma atitude crítica diante da realização da análise comparativa para avaliar a importância dos fatos a serem registrados. Pois, Carr (1996, p.57) defende que “o principal trabalho do historiador não é registrar, mas avaliar, porque se ele não avalia como pode saber o que merece ser registrado?”.

Assim sendo, buscamos em relatórios da secretaria e do setor financeiro do CASL dados atuais que revelassem o perfil do Ensino Confessional Adventista em São Luís na atualidade para contrastar com as delimitações da sua origem. Este exercício nos possibilitou perceber as transformações do colégio no decorrer do tempo e das suas relações com o mercado educacional ludovicense.

O campo religioso no qual o Colégio Adventista de São Luís está inserido denota estruturas de diversidades, nas quais as formas de poder e os tipos de capital eficientes do universo social considerado variam de acordo com os lugares e os momentos, isto porque essa estrutura não é imutável (BOURDIEU, 1996). Perceber a dinâmica de transformação da instituição foi determinante na formulação do resultado final.

Todo esse processo investigativo vem ao encontro dos estudos sobre as **Instituições Escolares, Saberes e Práticas Educativas**, tendo como foco a análise de Instituições Escolares Confessionais no campo religioso maranhense, especificamente em São Luís, a partir do estudo sobre a memória do Colégio Adventista de São Luís, principal representante da rede educacional adventista na cidade. Estabelecemos aqui a relação da

trajetória sócio-histórico-cultural dos sujeitos envolvidos com o processo de escolarização em um ambiente confessional para assim compreendermos como esse ensino tem interagido na sociedade ludovicense através da oferta da proposta educacional/teológica.

Esse trabalho está dividido em três capítulos. Na introdução apresentamos as conjecturas que impulsionaram o movimento da pesquisa, dando origem ao processo investigativo. Diferentes fatores estimularam a busca e se constituíram uma razão instigadora para o conhecimento da realidade proposta. Assim, justificamos o estudo ao indicar suas contribuições para o campo religioso maranhense e para as instituições confessionais adventistas ludovicenses, além de levantar propostas da abordagem e apresentar a temática da pesquisa. Damos a conhecer um pouco do contexto do Ensino Confessional Adventista em São Luís a partir das influências da IASD nos Estados Unidos na pessoa de Ellen White, principal idealizadora da proposta educacional/teológica adventista. Explicamos também como foi desenvolvida a investigação sobre a memória do Colégio Adventista de São Luís nas etapas da sua trajetória. Apresentamos, também, o desenho do aporte teórico que fundamentou a pesquisa por meio das contribuições da História Cultural e da História Oral dentro do campo da História da Educação. Indicamos os procedimentos metodológicos, expondo as técnicas e instrumentos de coletas de dados que foram utilizados na pesquisa para reconstituir a memória do Ensino Confessional Adventista em São Luís. Fecha-se, assim, a introdução.

O primeiro capítulo foi constituído a partir de uma perspectiva dedutiva, a exemplo do andamento de todo esse estudo que aponta, inicialmente, um contexto geral (Estados Unidos/Brasil) que vai se afinando até alcançar o contexto específico (Maranhão/São Luís). Nesse capítulo analisamos a estruturação da identidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia nos Estados Unidos, após uma crise desorganizadora que acometeu o movimento millerita no século XIX e o papel de Ellen White durante o processo, bem como as transformações da IASD que culminaram com uma intensa investida expansionista que proporcionou a sua proliferação em países de outros continentes, como o Brasil. Abordaremos a chegada da IASD em solo brasileiro e a implantação das suas instituições (escolas, hospitais, editoras), comparando os modelos do Brasil e dos Estados Unidos com canchas estrategicamente empresariais. Esse momento da pesquisa é importante para estabelecer a forte relação existente entre a IASD e suas instituições educacionais que incorporam os princípios teológicos da Igreja e as orientações de Ellen White nos Estados Unidos. Finalizamos o primeiro capítulo com a apresentação dos eventos que marcaram a introdução do Ensino Confessional Adventista no Brasil. Para a construção do estudo sobre a origem da

IASD e suas instituições às sociedades estadunidense e brasileira utilizamos pesquisadores que auxiliaram na conjectura dos eventos (SCHUNEMANN, 2002; MESLIN, 2008; DOUGLASS, 2003; MAXWELL, 1982; entre outros). Ainda nesse capítulo articulamos as falas dos sujeitos que indicam as percepções acerca da proposta espiritual do Ensino Confessional Adventista.

No segundo capítulo, tratamos da chegada da IASD no Brasil e da sua missão expansionista, a exemplo do que ocorria nos Estados Unidos e em outros países, que visava alcançar todos os estados brasileiros. Analisamos a ação de missionários estrangeiros que atingiram, inicialmente, as comunidades alemãs ao fortalecer vínculos e preparar estratégias para alargar sua influência através do uso da língua portuguesa. A concentração desse plano expansionista focalizou, primeiramente, as regiões Sul (onde havia maior número de comunidades alemãs), Sudeste e Centro-Oeste para, posteriormente, estender-se às regiões Norte e Nordeste. Abordamos, também, a introdução da IASD e das suas instituições educacionais no Maranhão, para compreender a configuração do campo religioso maranhense e a diversidade religiosa característica do momento. Utilizamos aqui autores que contribuíram com essa pesquisa ao oferecer perspectivas de análise que configuraram o campo religioso (SANTOS, 2006; BOURDIEU, 1996, 1998, 2003; LESSA, 1938; CERTEAU, 1982; MESQUITA, 1940; SARAIVA, 2000; entre outros). Analisamos, ainda, a proposta educacional/teológica do Ensino Confessional Adventista no Maranhão e o seu sistema disciplinar através do Regimento Escolar das instituições, fazendo uma relação entre a proposta educacional do Colégio Adventista de São Luís e as bases teológicas da IASD (KNIGHT, 2005; FOUCAULT, 2004; AFONSO, 2008; entre outros). Ainda nesse capítulo, trabalhamos as falas dos entrevistados que se pronunciaram a respeito, do sistema disciplinar do colégio e da relação entre Igreja e instituição educacional.

O terceiro capítulo representou o maior desafio desse trabalho, por significar a reconstituição da memória do Ensino Confessional Adventista em São Luís, a partir do estudo da história do Colégio Adventista. O desafio foi marcado por grandes dificuldades em encontrar registros. Para tanto, lançamos mão de informações contidas em livros, trabalhos de pesquisa e nos arquivos do colégio e da Associação Maranhense, bem como nos dedicamos ao tratamento dos depoimentos orais para enriquecer a análise. Assim, o terceiro capítulo apresenta a trajetória histórica da primeira escola adventista em São Luís por meio do estudo do seu surgimento, desenvolvimento e crescimento que se constituíram no período de 1943 a 2010. Buscamos dialogar com elementos teóricos proporcionados pela história cultural associando-os à análise das categorias já indicadas para encontrar as pistas e os rastros da

memória. Durante o decorrer da apresentação da trajetória inserimos as falas dos sujeitos que fizeram parte da história. Ao final do capítulo analisamos os índices de crescimento do colégio e os fatores contribuintes.

Na conclusão apresentamos os resultados alcançados e o cenário geral que representa o Ensino Confessional Adventista no Mundo, no Brasil e em São Luís do Maranhão. Entendemos que “[...] no sentido preciso do termo, qualquer conclusão [...] estaria fora de lugar” (BURK, 2005, p. 162), visto que ainda há muitas nuances dessa história que precisam ser estudadas, mudanças/rupturas que emergem das relações e estabelecem novos sentidos.

As relações que se estabelecem no campo religioso maranhense suscitam múltiplas determinações (FOUCAULT, 1979), por ser este um campo de lutas (BOURDIEU, 1998). É nesse contexto que está inserido o Ensino Confessional Adventista e onde se materializam as relações de poder. Analisar esse cenário nos permitiu captar as configurações sócio-culturais, em que se manifestam as “competições”, a construção dos “habitus” e a “figuração, o padrão sempre mutante de relações entre as pessoas” (BURK, 2005, p.73), o que possibilita o aprimoramento do olhar acerca do ensino confessional maranhense.

CAPITULO I
O NASCIMENTO DA IASD NOS ESTADOS UNIDOS E SUA INSERÇÃO NO
BRASIL



Figura 2 - A Primeira Igreja Adventista do 7º Dia no Brasil
Fonte: CASA, 2010

A relação entre a visão do passado e a visão do presente é envolvente, pela perspectiva de uma é possível compreender a outra, e pelas nuances desta se revivifica aquela. É uma relação interdependente e fascinante. O passado só é inteligível à luz do presente e só é possível compreender o presente à luz do passado. É neste movimento dinâmico das vivências destes diferentes momentos históricos que se constrói a história enquanto registro, daquilo que uma época encontra em outra, digno de nota. Ao analisar uma trajetória histórica o olhar do pesquisador deve buscar os sentidos que se constroem na confrontação entre o presente e o passado, isto porque

[...] se existe, pois, uma função histórica, que especifica a incessante confrontação entre um passado e um presente, quer dizer, entre aquilo que organizou a vida ou o pensamento e aquilo que hoje permite pensá-los, existe uma série indefinida de sentidos históricos. (CERTEAU, 1982, p.45)

Sendo assim, o propósito deste capítulo é buscar no passado sentidos históricos para entender o presente do Ensino Confessional Adventista em São Luís do Maranhão. A trajetória do movimento de construção de uma identidade institucional religiosa e educacional começa oficialmente na segunda metade do século XIX, no palco do pluralismo religioso norte-americano com o surgimento do Adventismo do Sétimo Dia após a Grande Decepção¹¹. Neste período de turbulência religiosa relacionado ao Movimento Millerita surge a personagem principal da Igreja Adventista do Sétimo Dia – Ellen White. É a partir da sua liderança que se estabelece uma visão de Igreja enquanto Organização Empresarial com alvos declarados de expansão através de missões que se espalharam por diversos países, um destes o Brasil. Este capítulo faz uma análise acerca do surgimento da IASD na sociedade estadunidense e seu movimento missionário que culminou com o estabelecimento da Igreja Adventista e da Rede de Escolas Confessionais Adventistas no Brasil.

¹¹ A Grande Decepção aconteceu em diversas ramificações dentro do movimento millerita após o clímax da pregação “produzida pelo cálculo que indicava 22 de outubro de 1844 como a data do cumprimento da profecia das 2300 tardes e manhãs, até então, proclamada como o dia da volta de Cristo.” Muitos se desfizeram de tudo o que tinham para esperar o retorno de Jesus (SHUNEMANN, 2002, p.57). Esse desapontamento citado se refere a situação de frustração que todos os seguidores do movimento embrionário, defendido por G. Miller, sofreu em 1844. Quando a profecia não se concretizou o Movimento Millerita foi se dissolvendo, as pessoas que seguiram esses líderes se dispersaram.

1.1 A Grande Decepção

O Adventismo do Sétimo Dia nasceu oficialmente na segunda metade do século XIX, principalmente no decorrer dos anos 1820 – 1860 (MESLIN, 2008). Entende-se que foi um período longo, caracterizado por crises. O processo de organização e desenvolvimento do Adventismo pode ser descrito em três fases, indicamos as seguintes etapas: “(a) período de turbulências e indefinições entre 1844 e 1850; (b) período de cristalização entre 1850 e 1863; (c) período de consolidação institucional de 1863 até 1901.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 57). Toda a configuração do que é hoje a IASD e o Ensino Confessional Adventista no Brasil é reflexo da construção da estrutura organizacional estabelecida nos Estados Unidos.

Apesar de o Adventismo ter surgido oficialmente só na segunda metade do século XIX, a sua origem está relacionada ao movimento “reavivacionista nos Estados Unidos” na primeira metade do mesmo século. Todo o sentimento de reavivamento espiritual foi impulsionado pelo Movimento Millerita que teve sua procedência, principalmente, em William Miller¹² (SCHUNEMANN, 2002, p. 7).

William Miller realizou um estudo aplicado da Bíblia, apontou que Jesus Cristo voltaria à Terra para buscar aqueles que lhe foram fiéis e indicou uma data específica para o retorno – o ano de 1843. Suas declarações alcançaram grande difusão “[...] nas mais diversas denominações protestantes nos Estados Unidos e também na Inglaterra.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 57). Muitos aguardavam que no ano determinado a profecia se cumprisse.

Não temos como objetivo o estudo da Doutrina Millerita, o foco na contextualização está centrado no grande sentimento de desapontamento que tomou conta de todos os que estavam envolvidos com o Movimento Millerita e, portanto, dos que esperavam que Jesus Cristo voltasse em 1843 e 1844. É a partir dessa grande decepção e da dispersão que acometeu o Movimento que surgem as bases para o nascimento da IASD.

Com a aproximação da data prevista para o retorno de Jesus Cristo, Miller, juntamente com outros pregadores, intensificou a difusão de tal descoberta através de

¹² William Miller é o “mais famoso milenarista da história americana. Ele foi durante muito tempo um simples fazendeiro em um lugarejo pouco expressivo chamado Low Hampton, no Estado de New York.” Miller se destacou como pregador leigo da Igreja Batista, ele desenvolveu um sistema de regras da fé que apelavam a lógica e ao bom senso, “o pensamento centrado no pragmatismo do bom senso” orienta toda a maneira de interpretar de Miller. Foi Miller que chegou a conclusão de que Jesus Cristo voltaria numa data aproximada do ano de 1843. “Tomando como base a profecia das Setenta Semanas” do livro bíblico de Daniel, capítulo 9, Miller estabelece um tempo profético para a volta de Cristo, este tempo terminaria por volta de 1843, tempo que ele indicaria para a “ocorrência da volta de Jesus”. Miller Chegou a esta conclusão em 1818, e desde dessa data começou a pregar anunciando a sua descoberta. Foi a mensagem de Miller que deu origem ao Millerismo (SCHUNEMANN, 2002, p. 14).

publicações periódicas onde se apresentavam as idéias principais do movimento do segundo advento, houve também a intensificação das pregações.

O ano de 1843 começou com grande expectativa, a ansiedade aumentou, todos esperavam que a qualquer momento Jesus voltasse à Terra. A data pronunciada já havia chegado, era início do verão de 1844 e Jesus não voltou. O movimento de frustração e dispersão se principiou, alguns foram desligados das suas igrejas, no entanto, apenas “um número pouco expressivo de pessoas abandonaram a fé na proximidade do segundo advento.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 27).

A esperança na volta de Jesus Cristo permaneceu ao entenderem este “atraso”, como um “tempo de tardança”¹³ e a idéia fortaleceu outra vez o movimento. Miller reiniciou viagens para pronunciar um novo momento de espera e para pedir que todos permanecessem fiéis, pois havia feito uma reinterpretação acerca do cumprimento da profecia. É através do novo cálculo que Miller chega à data de 22 de outubro de 1844, o que ocasionou uma “nova agitação”. (SCHUNEMANN, 2002).

O dia 22 de outubro de 1844 chegou e Jesus Cristo, novamente, não voltou como foi pronunciado, o não cumprimento das expectativas relacionadas à nova data “teve um efeito desastroso e desorganizador sobre o Movimento.” Estavam envolvidas nesta expectativa diversas religiões, com concepções particulares sobre o cristianismo, e como conseqüência desta segunda decepção, a unidade do Movimento se desfez. “Inevitavelmente vão surgir grupos dissidentes, dos quais o mais bem sucedido são os Adventistas do Sétimo Dia.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 29).

O Millerismo foi um movimento de reavivamento constituído nas bases da esperança na volta de Jesus Cristo à Terra, este sentimento de proximidade do Juízo Divino foi divulgado nos jornais comunitários da época e muitos dos que não estavam envolvidos com o Movimento tinham o temor de que a mensagem Millerita fosse verdadeira, isso, portanto, impactou a sociedade religiosa dos Estados Unidos.

Após a Grande Decepção um longo período foi trilhado até a fase de consolidação institucional e organizacional do Adventismo de 1863 até 1901. Com o sentimento de desapontamento afrontando e desorganizando o Movimento Millerita houve a necessidade de tentar entender o que deu errado no cálculo da profecia e de buscar novas bases de

¹³ A idéia de que este atraso no retorno de Jesus Cristo era apenas um “tempo de tardança” se fundamenta na Bíblia, mais especificamente na “parábola das dez virgens, relatada no Evangelho segundo Mateus, no capítulo 25, que aponta para o atraso do Noivo (o tempo de tardança) e então o brado de que o Noivo se aproxima. Este Noivo é visto como Cristo, que volta para a Igreja, a noiva nesta parábola.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 28). Entendendo que esta era a resposta para o momento de decepção que viviam, os fiéis do movimento do segundo advento acreditavam que após este “Tempo de Tardança” Jesus, enfim, voltaria.

sustentação para fé. É neste contexto de frustração que o Adventismo do Sétimo Dia começa a construir sua identidade religiosa.

1.1.1 Período de turbulências e indefinições (1844 e 1850)

É importante entendermos que o Movimento Millerita era interdenominacional, haviam concepções particulares e variadas envolvidas no contexto. Após o não cumprimento da profecia, uma grande confusão de ordem doutrinária estabeleceu-se dentro do Movimento, todos tinham a intenção de corrigir o erro pronunciado na predição. Assim, observa-se o surgimento de diversas doutrinas divergentes. Objetivando diluir as confusões doutrinárias, foi realizada a Conferência de Albany, New York, em 1845, para “[...] demarcar o que os milleritas aceitariam ou não como sendo verdade”, houve discordâncias e muitos foram excluídos do Movimento. Alguns destes excluídos “[...] constituíram o núcleo embrionário do Adventismo do Sétimo Dia”. (SCHUNEMANN, 2002, p. 57).

Entre 1844 a 1851 o grupo embrionário do Adventismo contava com apenas 200 membros e eram considerados sabatistas por entenderem o dia de sábado como um dia santo, separado por Deus. Os principais líderes na formação do Adventismo neste período podem ser organizados em dois grupos, os líderes não-intencionais, que possuíam uma função mais voltada para a transmissão dos princípios religiosos do grupo e auxiliavam na organização da Igreja (Hiram Edson, O. R. L Croisier, Frederick Wheeler, Thomas Prele, Raquel Oakes) e os “[...] agentes ativos do estabelecimento do grupo” (SCHUNEMANN, 2002, p. 59), estes foram os principais formadores da mentalidade institucional adventista: Joseph Bates ¹⁴, James White, Ellen White.

Este grupo embrionário defendia, insistentemente, a ideia de que só eles possuíam a verdadeira compreensão sobre o que aconteceu em 1844 e, por isso, tinham o dever de alertar a todos quantos pudessem. Eles acreditavam que a salvação estava restrita àqueles que

¹⁴ **Joseph Bates** (1792 – 1872) “é o único dentre os formadores do Adventismo do Sétimo Dia que, de algum modo, esteve ligado a liderança do movimento millerita, fez parte dos primeiros fundadores da associação que coletava e gerenciava os fundos de pregação e contribuiu muito com seus recursos pessoais na pregação da mensagem millerita.” Na formação do Adventismo do Sétimo Dia, seu papel era relacionado à divulgação das doutrinas principais do grupo, tais como a observância do sábado. Bates foi o primeiro presidente da Associação Adventista de Michigan (SCHUNEMANN, 2002, p. 59). **James White** (1821 – 1881), embora estivesse envolvido com a mensagem millerita, era ministro da Igreja Cristã a qual pertencia, James White casou-se com Ellen Harmon, principal nome da IASD até os dias atuais. Na formação da IASD destacou-se na área de publicações, especialmente as relacionadas aos escritos da sua esposa. Assim, James liderou a obra editorial, educacional e médica da Igreja (DOUGLASS, 2003). **Ellen White** (1827 – 1915), “sem dúvida, é a principal personagem do Adventismo do Sétimo Dia, foi tida pelos seus contemporâneos adventistas como portadora do Dom Profético, o que permite compreender o papel de liderança exercido na formação de uma mentalidade adventista do sétimo dia.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 60). Estes três líderes da IASD estavam ligados ao Movimento Millerita, mas apenas Bates estava envolvido mais diretamente com a liderança do Movimento.

estavam esperando pela vinda de Jesus Cristo no dia 22 de outubro de 1844, portanto, todos os que não acreditaram na mensagem millerita já estavam perdidos para sempre. “Os futuros sabatistas estavam entre aqueles que mais, firmemente, aderiram a esta ideia.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 59). Percebe-se, aqui, que a preocupação do grupo, neste momento, não é de alcançar o maior número possível de fiéis, mas, apenas, de conquistar os outros grupos relacionados ao Millerismo, convencendo-os a aceitarem as doutrinas dos sabatistas como verdades absolutas, que divergiam das que compunham as normas da fé millerita determinadas na Conferência de Albany. O alvo do grupo era bastante restrito, estava focado somente nos que aguardaram o retorno de Jesus em 1844, portanto, podemos afirmar que o grupo embrionário da IASD ainda não possuía a visão expansionista característica dos seus movimentos missionários que introduziram o Adventismo em diversos países alguns anos depois.

Este momento foi marcado por conflitos e indefinições referentes à constituição do corpo doutrinário da IASD. A mentalidade sabatista defendida pelo grupo embrionário do Adventismo diferenciava-se dos demais grupos milleritas e foi rejeitada pela principal liderança do Millerismo, no início da sua trajetória os sabatistas representavam um dos segmentos menos importantes relacionados ao Movimento. Essa rejeição “veio, principalmente, por ideias consideradas divergentes do cristianismo protestante de seus dias” (SCHUNEMANN, 2002, p. 63), entre elas, defendidas como doutrinas pelos sabatistas, estavam a “Santificação do Sábado” como dia guarda e o “Dom de Profecia” materializado na pessoa de Ellen White como mensageira escolhida por Deus para revelar a vontade divina, os demais grupos milleritas não acreditavam neste “Dom de Profecia” e, portanto, não aceitavam a liderança de Ellen White.

A doutrina defendida pelos sabatistas que confere uma proteção aos decepcionados de 22 de outubro de 1844 é denominada de “Porta Fechada”, caracterizando que a salvação estaria “fechada”, não disponível, para aqueles que não aguardaram a volta de Jesus naquela data. O período de conflitos foi marcado por este princípio religioso (SCHUNEMANN, 2002).

Em 1848 foram realizadas algumas “Conferências Sabatistas” com o objetivo de constituir oficialmente o corpo doutrinário da IASD, assim, as doutrinas do Sábado e do Dom de Profecia, dentre outras, foram formalizadas durante as reuniões (SCHUNEMANN, 2002). A ideia era fortalecer o grupo embrionário considerando a grande rejeição que sofreram por parte dos Milleritas. O período inicial do Adventismo do Sétimo Dia ressalta o momento da passagem de nenhuma doutrina para um conjunto organizado de novas doutrinas. É

importante destacar que após as “Conferências Sabatistas” o pequeno grupo embrionário demarcou aos poucos sua separação dos grupos milleritas, os vínculos iniciais foram sendo progressivamente finalizados (SCHUNEMANN, 2002,).

1.1.2 A Solidificação da IASD (1850 a 1863)

O período de 1850 a 1863 foi marcado pela “progressiva organização da Igreja enquanto uma instituição”, denominada oficialmente por “Igreja Adventista do Sétimo Dia”, pela aceitação do Dom Profético de Ellen White e pela necessidade de se criar “um senso missionário mundial” (SCHUNEMANN, 2002, p. 76).

Com a consolidação da “obra de publicação” basicamente fundamentada nos escritos de Ellen White para a expansão do sabatismo, foram criadas novas possibilidades de se conquistar antigos milleritas, no início deste período ainda existia a mentalidade que restringia a “salvação” somente àqueles que esperaram a volta de Jesus em 22 de outubro de 1844. “A razão básica é que a doutrina da Porta Fechada focalizava a necessidade de trabalhar entre os adventistas que não estavam aceitando o sabatismo.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 76). É importante enfatizar que eram considerados adventistas todos os que participavam do Movimento do Segundo Advento, dos que aguardavam o retorno de Jesus, a maioria não aceitava a Doutrina do Sábado.

Com a expansão da Obra de Publicações e das mensagens sabatistas foram encontradas pessoas que não conheciam o pensamento millerita, mas que aceitaram a mensagem sabatista, isto representava uma afronta à ideia da Porta Fechada. A necessidade de expansão e de sobrevivência da Igreja pela Porta Fechada foi abandonada por volta do ano de 1852, o que representou uma significativa abertura para o crescimento da IASD. Knight (2000, p. 54) destaca que “os primeiros adventistas só desistiram da doutrina da porta fechada porque a presença de novos convertidos os forçou a assim proceder.”

Com a abertura para a expansão missionária após a renúncia do conceito de Porta Fechada uma necessidade surgiu: era preciso organizar oficialmente a Igreja. Por volta de 1853, “Thiago e Ellen White insistiam na organização da Igreja para eliminar pastores não credenciados e estabelecer uma base estável para a conservação das propriedades da Igreja.” (DOUGLASS, 2003, p. 184). Ellen White em reunião com os outros líderes adventistas instava em uma transformação para o crescimento da Igreja.

O que queremos agora é uma reorganização. Queremos começar desde os alicerces, e construir sobre um princípio diferente... Deve haver mais que um, dois ou três

homens a preocupar-se com todo o vasto campo. Grande é a obra, não há mente humana capaz de traçar planos para a obra que precisa ser feita... De acordo com a luz que me foi concedida – e como deve ser realizada não posso dizer – deve-se introduzir maior vigor na força administrativa... Deve haver uma renovação, uma reorganização; é preciso introduzir nas comissões um poder e uma força que são necessários. (DOUGLASS, 2003, p. 185).

Esta proposta dividiu a IASD entre aqueles que defendiam a ideia da organização da Igreja e aqueles que afirmavam que a tentativa de organização seria um risco e poderia corromper os membros. Os que não queriam a organização defendiam que não havia necessidade disso tendo em vista que Jesus não retardaria por muito tempo seu retorno à Terra, mesmo sem uma nova data marcada para o retorno de Jesus, a maioria ainda acreditava que o episódio poderia acontecer a qualquer momento.

Os que defendiam a organização da IASD justificaram esta proposta afirmando que manter um empreendimento evangelístico “seria impossível sem uma organização que coordenasse os esforços e recursos.” Dois fatos foram determinantes para que a organização fosse realizada: “o primeiro em 1856, há um desânimo entre os sabatistas, especialmente pregadores, que fazem declinar os pequenos recursos, e em 1857 o pânico econômico nos Estados Unidos.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 83). Com a necessidade de alcançar maiores recursos para manter a Igreja, a organização foi efetivada. Assim, em 1860 um nome é definido para o grupo de sabatistas que facilitou a designação com o movimento, a saber: Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Sobre a escolha da denominação da Igreja, Ellen White, principal líder do movimento sabatista, expôs sua opinião durante as reuniões para este fim. White (2007, p. 79)

Não podemos adotar outro nome melhor do que esse, que concorda com a nossa doutrina, exprime a nossa fé e nos caracteriza como povo peculiar. O nome Adventista do Sétimo Dia é uma contínua acusação ao mundo protestante. O nome Adventista do Sétimo Dia exhibe o verdadeiro caráter de nossa fé e será próprio para persuadir os espíritos enganadores. Como uma flecha da aljava do Senhor, fere os transgressores da lei divina, induzindo ao arrependimento e a fé no Senhor Jesus Cristo.

Em 1863 foi estabelecida uma Associação Geral que centralizou a administração das Igrejas e reuniu sob sua tutela todas as associações estaduais. A partir da data há uma padronização nas formas de se administrar as igrejas e suas atividades missionárias (SCHUNEMANN, 2002). A organização da IASD desagradou alguns membros, o que ocasionou dissidências, além da não aceitação do Dom Profético de Ellen White e questões referentes aos hábitos de saúde relacionados ao uso do fumo, dentre outras (MAXWELL, 1982).

Nota-se, neste período, uma preocupação em estabelecer escolas paroquiais, “estas pequenas escolas mantidas pela Igreja eram uma prioridade para que as crianças da Igreja não sofressem a influência mundana e incrédula das escolas públicas.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 85). Após a Grande Decepção e com o passar dos anos, os pais pertencentes à denominação Adventista começaram a enviar seus filhos para “aprender a ler e escrever em escolas públicas, que abancavam a criação de um corpo com os ideários de mudanças sociais republicanos em pleno desenvolvimento do território americano”, o que não agradava a Igreja (SCHUNEMANN, 2002, p. 85). Com a organização da IASD os principais líderes, sob influência de Ellen White, indicaram como prioridade a educação de crianças e jovens adventistas ao intentar estabelecer uma educação com a mentalidade da Igreja.

Assim, as instituições adventistas, das quais destacamos as escolas, foram criadas com o propósito de manter uma identidade religiosa distinta e de atrair novos conversos. Na origem desta trajetória educacional a principal função das escolas paroquiais, tanto em internatos quanto em externatos, era de colaborar para a formação de uma mentalidade adventista (SCHUNEMANN, 2002).

É importante destacar que no início da sua trajetória a IASD não intencionava investir na área da educação, isto se justifica pela crença na breve volta de Jesus Cristo, os esforços estavam direcionados para a disseminação desse juízo, afinal, após a Grande Decepção muitos ainda aguardavam, mesmo sem uma nova data marcada, o retorno de Jesus Cristo. De acordo com Silva (2006, p. 6)

O sistema educacional foi o último desenvolvimento institucional do Adventismo. Isto se deve ao Millerismo. Raciocinavam os primeiros adventistas que, em crendo eles na eminente volta de Cristo à Terra, não tinha sentido enviar seus filhos a escola.

A trajetória do Ensino Confessional Adventista nos seus primeiros dez anos de existência foi constituída de instabilidade, problemas financeiros e dispersão do “modelo adventista” idealizado por Ellen White que pensava em um maior rigor metodológico para a realização de um processo de qualidade visando o desenvolvimento físico, mental e espiritual. Apesar dessas dificuldades e desvios, “a educação tornar-se-ia um elemento cada vez mais presente no Adventismo do Sétimo Dia.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 85). Este momento de problemas financeiros vivido pelas escolas adventistas representa o reflexo da instabilidade financeira da IASD neste período, a relação das escolas com a Igreja era, e ainda é hoje, de dependência.

1.1.3 Período de consolidação institucional e organizacional (1863 até 1901)

Após o abandono da doutrina da “Porta Fechada” o Adventismo entra no campo missionário com considerável letargia, sua mentalidade ainda não estava direcionada à ação evangelística e tinha como objetivo a conquista de novos membros (MAXWEL, 1982), no entanto, o período de 1863 a 1901 representa uma nova fase e marca o estabelecimento definitivo de um senso missionário mundial, com a organização da IASD o desejo de expansão, para além das fronteiras dos Estados Unidos, tomou conta dos líderes da Igreja. O período da “Porta Fechada”, momento inicial do Adventismo, pode ser entendido como um tempo de antimissão, mas a partir de 1863 a IASD construiu outro sentido de missão, voltado à ampliação dos seus empreendimentos missionários.

No transcorrer dos anos de 1874 a 1889 o Adventismo estabelece estratégias para buscar novos membros entre protestantes de outras nações e a partir de 1890 a IASD assume o mundo como sua missão, o alvo não é mais apenas os protestantes, mas todos que aceitassem suas doutrinas. É nesta arrancada evangelística que a IASD alcança o Brasil.

Entendemos que a mudança no sentido da missão da Igreja, de um empreendimento missionário fechado para outro aberto e abrangente, deve-se a uma reestruturação da IASD iniciada no ano de 1874 e que culmina com uma organização centralizada nos Estados Unidos, o qual tem a coordenação e funcionamento das Igrejas nos diversos países de representatividade adventista. A partir de 1901 a organização central da IASD acontece através da Associação Geral, órgão administrativo que direciona as ações da IASD no mundo. Esta reestruturação marca um traço empresarial da IASD e, com uma “rígida centralidade na Associação Geral”, a Igreja passa a ser comandada a partir “do topo”. Assim, sob esse comando as Igrejas locais perdem sua autonomia e são orientadas a seguir uma hierarquia administrativa padrão, inclusive nos empreendimentos missionários voltados, cada vez mais, para a ampliação do número de membros e Igrejas no mundo. O perfil administrativo favorece a expansão da IASD em outros países. Schunemann (2002, p. 199) defende que

Dentro desta mesma linha de administração observamos o nítido processo de organização burocrática da Igreja, no sentido que Weber (1982) propõe para a organização do trabalho. A racionalização das hierarquias e da divisão de trabalhos e responsabilidades, a centralização do controle financeiro, ao mesmo tempo que aumentam uma supervisão transnacional, indicam bem, de perto, a construção da burocracia administrativa da Igreja.

Com a liberdade de ação das igrejas restringidas ao poder centralizado na Associação Geral que estabelece outras pequenas Associações nos países para reproduzir o padrão criado e manter o controle, uma nova forma de administrar as igrejas é implantada.

O planejamento de expansão do Adventismo também se repete na sua extensão denominacional – a escola. A educação é um dos elementos característicos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, investimentos da Igreja foram aplicados na área com o objetivo de estabelecer um sistema educacional próprio. O preceito que orienta a sua expansão educacional está vinculado ao intuito de construir uma escola paroquial para cada igreja, no entanto, “nem em todos os países por onde a IASD se expandiu, ela teve êxito em estabelecer seu sistema educacional.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 255). Apesar de estar presente em 209 países, somente em 146 obteve sucesso na implantação de sua proposta educacional, isto porque em alguns países a representatividade ainda é mínima e em outros a Igreja não possui aporte financeiro para investir na educação (CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IASD, 2004).

A estrutura educacional da IASD começou a ser planejada em 1872 nos Estados Unidos, onde ocorreu intensos debates sobre educação¹⁵ e foram travados importantes debates que influenciaram, posteriormente, a organização da IASD em quase todo o mundo. Os oficiais e principais representantes da igreja se reuniram para autorizar o funcionamento da primeira escola adventista, e, desta forma, no dia 3 de junho de 1887 “foi inaugurada a primeira instituição educacional adventista, na cidade de Battle Creek, Michigan, EUA.” (MESLIN, 2008, p. 98). A abertura da escola significou o início da trajetória da Educação Adventista em 146 países, segundo dados da IASD. A data foi um marco importante do nascimento da rede de escolas confessionais.

Após a inauguração da primeira escola adventista, outros passos foram dados para a consolidação da rede de escolas adventistas em outros países: a estruturação do sistema educacional; a criação de um Departamento de Educação na Associação Geral dos Adventistas, que foi efetivado em 1887 para gerenciar os assuntos da área educacional; e a realização da primeira convenção de professores adventistas no ano de 1888 com a presença de trinta docentes representantes de cinco escolas (MESLIN, 2008).

¹⁵ Os debates foram realizados por grupos de oficiais da IASD nos Estados Unidos com o objetivo de “expor diante da Igreja e dos membros os princípios que deveriam reger a Educação da Juventude, esta apresentação inicial incorporou as características principais da fé adventista,” que estabeleceram a filosofia básica da Educação Adventista (MESLIN, 2008, p. 97).

1.2 A IASD e a Experiência Religiosa nos Estados Unidos no Século XIX

Os Estados Unidos na segunda metade do século XIX configuraram o cenário do nascimento e desenvolvimento da IASD. Para entendermos os eventos que construíram este cenário é preciso contextualizar o quadro histórico da formação do Adventismo do Sétimo Dia através do estudo das principais características religiosas da sociedade estadunidense no período indicado.

1.2.1 Principais características

Durante o período de formação do Adventismo, na segunda metade do século XIX, os Estados Unidos experimentavam os problemas gerados pela Guerra Civil, “os eventos posteriores acabam definindo alguns aspectos da estrutura teológica e escatológica, principalmente os eventos de ordem religiosa.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 89).

Com a expansão territorial configurada a partir da anexação do Texas (1845), do Território de Oregon (1846) e a incorporação de dois terços do território mexicano (1845-1848) o sentimento de renascimento nos Estados Unidos se fortaleceu, os sonhos expansionistas tomaram conta do país o que acirrou a divisão da sociedade estadunidense no que concerne as questões sobre o sistema escravagista. Os conflitos gerados desencadearam a Guerra Civil que é, muitas vezes, relacionada ao problema da escravidão dentre outras questões políticas. A prosperidade estadunidense desta época pode ser descrita “por uma sociedade violenta, em constante mutação e imprevisíveis crises financeiras, além do mais, há uma constante modernização da sociedade, em que a religião em sua forma tradicional exerce cada vez menos apelo.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 95).

A experiência religiosa nos Estados Unidos é marcada por dois momentos importantes, o crescente antagonismo referente aos problemas da escravidão (1850) e os movimentos de reavivamento e santificação no período do pós-guerra (1870). Este influenciou de forma determinante a consolidação institucional e a organização da IASD.

O pós-guerra atribuiu vários aspectos importantes à experiência religiosa dos Estados Unidos. Com a crescente urbanização as grandes cidades começaram a se formar depois de 1870, os movimentos reavivacionistas ganharam espaço com características que copiavam “as técnicas de eficiência nos negócios”, em que o foco estava sempre nos

resultados com a constante atenção na ampliação do número de membros. Schunemann (2002, p. 97) “Não se pode omitir que uma das características dos movimentos era a solicitação de recursos para manter os diversos empreendimentos de cunho social e educação religiosa” dos programas reavivacionistas.

A grande imigração no pós-guerra e a ampliação de contingentes de parte da Europa Oriental e Meridional proporcionaram um fluxo maior de católicos em um país protestante. Muitos cristãos ortodoxos e judeus migraram para os Estados Unidos causando um desconforto relacionado à ideia de uma América Protestante livre do poder católico, criando, inclusive, um sentimento de comprometimento da identidade americana. Este fenômeno de imigração ampliou a diversidade religiosa estadunidense.

A mudança no clima intelectual da segunda metade do século XIX proveniente do impacto do liberalismo também marcou a religiosidade durante o período. Ideias desenvolvidas na Europa alcançaram os Estados Unidos ao introduzir concepções evolucionistas e materialistas que questionavam os dogmas tradicionais do Cristianismo. A autoridade bíblica foi questionada e temas como a evolução biológica deixaram o protestantismo em crise. “De fato, a crise não foi provocada pela evolução, mas sim, pela mentalidade racionalista que vem desde o século XVIII, principalmente na teologia alemã.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 99). A introdução e o fortalecimento dessas concepções também podem ser entendidas como consequência da imigração maciça do pós-guerra, composta, essencialmente, por irlandeses e alemães. Com a expansão dos Estados Unidos as concepções modernistas inspiradas em ideias agnósticas ou atéias levantam grandes questionamentos dentro das igrejas protestantes.

À medida que as questões modernistas foram surgindo no seio das Igrejas, as reações conservadoras foram se apresentando com o objetivo de neutralizar ameaças. É neste sentido que “há uma volta à crença pré-milenialista, que há algumas décadas havia sido grande força do movimento millerita.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 99).

Ao pensar na origem do Adventismo do Sétimo Dia, Douglass (2003, p. 45) enfatiza que “em grande parte, somos todos filhos do nosso tempo”. Desta forma, é possível estremar as linhas que ligam a IASD e o campo religioso da sociedade estadunidense.

A formação da mentalidade Adventista está relacionada às experiências religiosas dos Estados Unidos no século XIX, a Grande Decepção, a reinterpretação das datas para a realização da profecia do segundo advento de Cristo, a busca por um novo sentido acerca do não-cumprimento da profecia para amparar os decepcionados são alguns exemplos já mencionados. Estes eventos impactaram a IASD de forma tão significativa que serviram de

base para a definição de algumas das suas mais importantes doutrinas como as doutrinas do “santuário celestial” e do “juízo investigativo”¹⁶.

A construção doutrinária do Adventismo representa bem as ideias puritanas da sociedade estadunidense num período em que a religiosidade desenvolvia-se a partir de uma intensa leitura da Bíblia. Ball (1981) considera que as concepções apresentadas pelos adventistas encontram semelhanças no reavivacionismo inglês, tais como a suficiência da Bíblia, o batismo, o sétimo dia como o sábado, o retorno de Cristo, entre outros.

O estilo de vida adventista, também, reflete o contexto social do período de formação. É preciso entender que no seu nascimento, a IASD era uma religião de “classes não-privilegiadas”, não no sentido de classe pobre, mas no sentido de menor poder econômico e político. Delumeau (1977) indica, ainda, que os grupos milenialistas, os quais ele estudou, não eram formados pela classe dominante, a IASD nasce desses grupos e com esse perfil. A maioria dos adventistas, no nascimento da IASD, eram fazendeiros, com um número bem representado de trabalhadores urbanos, e possuíam maior influência no Adventismo deste período. Schunemann (2002) defende que a IASD manifesta características de um puritanismo relacionado à classe média e pobre da sociedade estadunidense, mesmo tendo representatividade de profissionais liberais e empresários.

A IASD também desenvolveu *princípios de vida saudável*¹⁷ que regem o seu estilo de vida e que marcam uma identidade. As diferentes recomendações quanto à saúde são efeitos da influência da sociedade estadunidense, “boa parte do movimento millerita esteve envolvido em movimentos de temperança.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 99). No século XIX os Estados Unidos apresentavam uma medicina bastante limitada e problemática, como

¹⁶ As doutrinas do santuário celestial e do juízo investigativo não foram formadas de imediato; “na realidade, houve um lento processo de elaboração até que adquirisse as características atuais. No sentido histórico, foi o elemento mais importante do pensamento adventista do sétimo dia, porque forneceu uma distinção dos demais milleritas e abriu caminho para novas concepções religiosas que se agregam na formação da IASD” (SCHUNEMANN, 2002, p. 255), como a doutrina do sábado. A doutrina do santuário começou com a Grande Decepção em 1844, o grupo embrionário do Adventismo defendia que nesta data iniciou seu ministério expiatório no santuário, sendo Cristo o Sumo Sacerdote Celestial. Esta é uma “obra de juízo investigativo, a qual faz parte da eliminação final de todo o pecado” (IASD, 2005, p.18). O juízo investigativo revela aos seres celestiais quem dentre os mortos dorme em Cristo e revela, também, quem dentre os vivos permanece em Cristo e está apto para receber seu reino eterno. Este é considerado um processo de julgamento que decidirá o destino de todo ser humano.

¹⁷ Alguns pontos sobre os princípios de vida saudável – (1) importância do controle do apetite; (2) carne suína não deve ser consumida em nenhuma circunstância; (3) o tabaco em qualquer forma é veneno; (4) o corpo e a residência devem ser limpos e asseados; (5) café e chá são venenos; (6) bolos, tortas e pudins são prejudiciais; (7) comer entre as refeições sobrecarrega o estômago; (8) deve haver um intervalo regular entre as refeições; (9) evitar a última refeição ou que esta fosse leve; (10) evitar frituras; (11) a glotonaria desenvolvem paixões corruptas; (12) crianças que comem carne e alimentos condimentados têm mais tendência para a indulgência sexual; (13) medicamentos típicos da época são venenos; (14) os pais transmitem suas fraquezas morais para os filhos; (15) luz solar e ar puro são importantes dentro de casa, entre outros (SCHUNEMANN, 2002, p.116). Segundo a IASD os princípios de vida saudável foram construídos a partir das “visões” de Ellen White.

resultado disso, algumas práticas alternativas surgiam para minimizar o cenário precário da saúde no País.

O Adventismo, na estruturação do seu corpo organizacional, apresenta um típico pensamento conservador estadunidense, mesmo tentando manter um perfil conservador “ao mesmo tempo, necessita da postura de uma sociedade moderna com o conceito de liberdade de expressão, principalmente, a religiosa, para realizar sua expansão e conquistar novos membros.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 99).

1.3 Ellen White - A Voz de Um Movimento

O personagem central da IASD é uma mulher – Ellen White. É ela a principal mente por trás de toda a estrutura organizacional do Adventismo do Sétimo Dia, sua influência desenhou grande parte do perfil da Igreja. A relação entre a IASD e Ellen White é tão estreita que não é possível separá-las nas narrativas históricas. “Tentar entender uma sem a outra tornaria ambas ininteligíveis e inexplicáveis.” (DOUGLASS, 2003, p. 182).

No Manual da Igreja da IASD (2006), documento que rege todo o padrão de funcionamento do Adventismo do Sétimo Dia, encontramos uma menção clara sobre o papel de Ellen White. Neste material direcionador a mesma é indicada como sendo uma profetiza, a Mensageira do Senhor, seus escritos são considerados revelação divina e possuem autoridade incontestável nas igrejas adventistas. O manual afirma que “como a mensageira do Senhor, seus escritos são uma contínua e autorizada fonte de verdade que proporciona conforto, orientação, instrução e correção à Igreja.” (IASD, 2006, p. 15).

Não nos deteremos, aqui, a verificar a função de “profetiza” que é pleiteada pela IASD para Ellen White, nosso foco está voltado para uma breve análise do papel de liderança desenvolvido por ela ao direcionar a estruturação da IASD enquanto instituição religiosa. Ela, juntamente com seu esposo, Tiago e seu companheiro de missão Joseph Bates “foram o centro de união para os milleritas que se tornaram adventistas sabatistas.” (DOUGLASS, 2003, p. 182). White foi a principal “voz” que unificou e motivou os decepcionados milleritas e estabeleceu os critérios para a organização da IASD. Foi dela e do seu esposo a força propulsora para a criação das instituições médicas e educacionais espalhadas pelo mundo. A partir das suas “visões” boa parte da base doutrinária da Igreja foi constituída. Ellen é uma importante “voz” organizadora que impulsionou o movimento de expansão missionária da IASD nos Estados Unidos e em outros países. Podemos, assim, afirmar que esta mulher foi uma das principais pessoas organizadoras do Adventismo do Sétimo Dia como é conhecido

atualmente, com o auxílio de Tiago White e Joseph Bates, dentre outros. Ressaltamos, no entanto, que ela é “considerada equivocadamente a única fundadora da Igreja Adventista”, algumas doutrinas centrais da identidade adventista não foram criadas por ela, tais como o santuário celestial e o sábado. Outros personagens também ajudaram a construir essa identidade, como os que já foram citados aqui.

Sua influência unificadora foi tão determinante que até os dias atuais os adventistas mantêm sua estrutura organizacional em moldes padronizados por todo o mundo, a exemplo de uma grande empresa com filiais em diferentes países que precisam manter as características padrão de funcionamento, é por este motivo que a IASD é entendida por seus membros como uma rede institucional. As Igrejas não são independentes, são todas regidas pela unidade central nos Estados Unidos que estabelece o padrão, um perfil idealizado por White juntamente com outros líderes adventistas da época e que é rigorosamente seguindo até hoje. Segundo eles, a forma organizacional foi dada aos líderes da IASD por inspiração divina.

Spence (1958, p. 79) descreveu o papel dela ao afirmar que

Durante toda a sua longa vida, ela exerceu poderosa influência sobre os crentes adventistas do sétimo dia. A Sra. White era a reconhecida inspiração do movimento... Suas ideias estabeleceram o mundo do Adventismo em sua obra médica, educacional e missionária em todo o mundo.

As mensagens de White “eram de grande alcance”, suas palavras tinham influência determinante, muito do que era dito por ela era cumprido pela Igreja, isto porque Ellen era considerada a “voz de Deus”.

1.3.1 Mulher e líder

White se transformou na principal mente do Adventismo do Sétimo Dia após a grande decepção, muitos acreditavam que ela tinha um dom divino e estes acabaram por segui-la na formação de uma nova Igreja. Segundo os fiéis adventistas este dom se materializava na concessão de mensagens de Deus à Ellen através de visões, sua primeira visão foi reivindicada aos 17 anos. Ao receber as visões escrevia em tom de conselhos e orientações para a igreja. White escreveu 49 livros e 5.000 artigos, dos quais muitos foram considerados normas de fé da IASD por reforçarem instruções bíblicas. Atualmente “incluindo publicações de seus manuscritos, mais de 100 livros estão disponíveis em inglês e

cerca de 70 em português.” (TUDO..., [2010]). Seus escritos abrangem diferentes assuntos relacionados à religião, educação, saúde, relações sociais, evangelismo, profecias, trabalho de publicações, nutrição e administração.

Ellen White viveu os primeiros vinte anos em Portland, Maine, nascida em uma família metodista, “aceitou junto com seus familiares a mensagem do advento quando Miller pregou na região onde moravam.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 60). Foi casada com Tiago White e foi mãe de quatro meninos. Dois de seus filhos morreram, um deles, o mais novo, faleceu com três meses de vida em consequência de erisipela, o outro, o mais velho, morreu com 16 anos, vítima de pneumonia.

Ellen possuía uma saúde frágil, no início da sua vida um acidente causou-lhe um traumatismo que atingiu o lobo temporal do cérebro, por isso precisou parar de estudar. Alguns de seus críticos defendiam que suas visões seriam crises de epilepsia do lobo temporal, o que não foi confirmado por médicos da Universidade de Loma Linda. O acidente em questão aconteceu enquanto Ellen voltava da escola, uma menina atirou-lhe uma pedra que acertou o nariz, as cicatrizes no rosto acompanharam Ellen por toda a vida. Segundo a IASD, White morreu em 1915 aos 88 anos de idade com 2.000 visões e sonhos declarados e mais de 100 mil páginas escritas, sua casa foi transformada em um museu (TUDO..., [2010]).

As obras de White alcançavam destaque na IASD assim como seus conselhos e orientações, no entanto, mesmo ocupando um status diferenciado na Igreja, ela encontrou oposições à sua liderança. Os direcionamentos administrativos suscitavam, em alguns, contrariedades e geravam opositores dentro do movimento, apesar disso, sua autoridade manteve-se sólida. Em 1888 Ellen desabafou

Meus irmãos têm contestado, criticado, comentado, rebaixado e selecionado tanto os meus testemunhos até que não signifiquem nada para eles. Dão-lhes a interpretação que desejam em seu julgamento finito e ficam satisfeitos. Se eu tivesse ousado, teria desistido deste campo de conflitos há muito tempo, mas alguma coisa tem me sustentado. Deixo tudo isso, porém nas mãos de Deus. Sinto o afastamento de muitos dos meus irmãos. Eles não me compreendem, nem a minha missão, nem a minha obra; pois se compreendessem, jamais teriam adotado este modo de agir (DOUGLASS, 2003, p.76).

É importante destacar que o corpo doutrinário da IASD está fundamentado na Bíblia e nas visões e obras de Ellen White, portanto, se suas mensagens fossem desconsideradas, a Igreja, como está hoje, não poderia permanecer, o que ocasionaria o surgimento de outra religião. Seu papel de mensageira do Senhor sempre conquistou a

maioria dos fiéis da IASD e é uma doutrina da Igreja, ainda assim muitas oposições surgiram à sua liderança.

Ellen liderava a IASD sem possuir cargos de destaque em igrejas. No Adventismo do Sétimo Dia, as mulheres não têm o papel de ocupar cargos importantes de liderança, os cargos que podem ser ocupados são secundários, as mulheres não podem liderar igrejas, sendo que esta função é concedida apenas aos homens. Sendo assim, a IASD surge principalmente da liderança de uma mulher, dentre outros fatores, mas as mulheres não têm a possibilidade de liderar igrejas.

Controvérsias a parte, é fato que a liderança de Ellen White, mesmo sendo considerada Mensageira do Senhor pela IASD, encontrou críticas, oposições e conflitos que não atingiram sua autoridade e seu status de profetiza. A IASD defende que a Igreja será “sacudida”, provada, repreendida por Deus quando Jesus Cristo estiver próximo de voltar e alguns problemas serão a causa deste “refinamento”, um deles é “a rejeição ao ministério de Ellen White”. Isto revela o destaque que Ellen possui até hoje.

1.3.2 Ellen White e o Ensino Confessional Adventista

As Instituições Escolares Adventistas fundamentam-se em uma filosofia educacional que parte de uma cosmovisão bíblico-cristã originada dos escritos da Bíblia e dos vários livros e artigos produzidos por Ellen White (DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IASD, 2009). Ellen se aproximou das instituições de ensino para familiarizar-se com as problemáticas emergentes do contexto educacional e para orientar, segundo ela, a partir de inspirações divinas, a estruturação e o funcionamento das escolas adventistas.

Em 1872 Ellen White apresentou a primeira orientação em forma de artigo que foi determinante na tomada de decisão referente à abertura da primeira Escola Adventista (MESLIN, 2008). Com o título “A Devida Educação” a autora expôs “diante da igreja e dos membros os princípios que deveriam reger a educação da sua juventude, esta apresentação inicial incorporou as características principais da fé adventista.” (MESLIN, 2008, p. 97). Os princípios declarados aos principais representantes da Igreja naquele ano estabeleceram a filosofia básica da educação adventista. White (1976, p. 131) enfatizou

A mais bela obra a ser empreendida por homens e mulheres é lidar com mentes jovens. O máximo cuidado deve ser tomado na educação da juventude, para elevar de tal maneira a instrução que desperte as nobres e elevadas faculdades da mente. Pais e mestres acham-se igualmente inaptos para educar devidamente as crianças, se não aprenderem, primeiro, a lição do domínio próprio, paciência, tolerância, a

brandura e o amor. Que importante posição para os pais, tutores e professores! Há poucos que compreendem as mais essenciais necessidades do espírito, e a maneira como devem dirigir o intelecto em desenvolvimento, os pensamentos e sentimentos crescentes dos jovens.

O firme apelo de White por uma educação elevada e diferenciada, mobilizou o movimento adventista em prol de uma educação que significasse “mais do que a prossecução de um certo curso de estudos”. No discurso da autora a educação deveria contemplar o “desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais.” (WHITE, 2007, p. 8). A autora defendia que a verdadeira educação deveria vivenciar estas orientações.

É obra da verdadeira educação desenvolver estas faculdades, adestrar¹⁸ os jovens para que sejam pensantes e não meros refletores dos pensamentos de outrem. Em vez de limitar seu estudo ao que os homens têm dito ou escrito, sejam os estudantes encaminhados às fontes da verdade, aos vastos campos abertos na pesquisa da natureza e na revelação (WHITE, 2007, p. 17)

Ellen White é até hoje fonte de direcionamento nas decisões referentes à Educação Adventista nos 146 países espalhados pelo mundo. Atualmente, no Brasil, a IASD tem investido em cursos de “Denominacionalização” que visam criar nos professores novatos e fortificar nos professores antigos uma mentalidade adventista, o mesmo acontece com todos os funcionários. O objetivo é fazer com que professores e funcionários mantenham uma postura uníssona com os princípios teológicos das Instituições. Estes princípios teológicos reforçados nos cursos de Denominacionalização são regidos pelos escritos da Bíblia e de White, cada ano os encontros denominacionais acontecem para denominacionalizar¹⁹ todos os profissionais das Escolas Adventistas, estes, por sua vez, serão multiplicadores nas salas de aula.

Os artigos escritos por Ellen White que falam sobre educação, “foram agrupados em quatro livros específicos” (MENSLIN, 2008, p. 97), intitulados: Conselhos sobre Educação; Educação; Fundamentos da Educação Cristã e Conselhos aos Pais e Estudantes. Todos os livros foram traduzidos e publicados pela editora da IASD no Brasil e são disponibilizados em valores acessíveis para que todos os fiéis tenham acesso ao material.

É importante esclarecer que os escritos de White ganham notoriedade na “Educação Adventista” porque a Igreja dirige ao redor do mundo suas escolas, colégios e

¹⁸ A autora utiliza aqui o termo adestrar no sentido de conduzir crianças e adolescentes num caminho de integridade e espiritualidade.

¹⁹ Entendemos por denominacionalizar o ato de inculcar nas mentes de professores e funcionários o padrão religioso da Instituição, solicitando o cumprimento das normas que refletem as características religiosas da denominação.

universidades. A ligação estabelecida entre a Igreja e a Educação tem o propósito de alcançar singularidade para o cumprimento do objetivo da Igreja: a educação religiosa é o principal foco das Instituições Educacionais Adventistas como forma de reprodução dos seus princípios religiosos.

Neste sentido, muitos esforços são direcionados para a concretização de uma educação religiosa. As grandes escolas adventistas possuem pastores que acompanham espiritualmente professores, funcionários, alunos, pais e responsáveis. Na ausência do pastor, professores de Ensino Religioso assumem a função. A preocupação com uma educação religiosa justifica-se no objetivo principal da Instituição que é de atender, a princípio, crianças e jovens da IASD. No Regulamento Nacional Adventista (1994) é enfatizado que o maior interesse das escolas adventistas é o de conseguir a inscrição de todos os jovens da Igreja nas escolas denominacionais. As matrículas de alunos não-adventistas devem ser feitas com muita cautela

As escolas da Igreja devem ter o cuidado de admitir somente aqueles alunos não adventistas que se adequarem ao programa da escola e que poderão beneficiar-se com ele. Não devem admitir alunos não-adventistas provenientes de outras escolas sem antes examinar primeiro os registros acadêmicos e sem ter referência de seus caracteres (REGULAMENTO..., 1994, p. 105)

Apesar de visar uma educação confessional, o acompanhamento espiritual segue, atualmente, uma abordagem mais suave, sem trabalhar doutrinas religiosas. Isto porque houve uma abertura quanto ao público alvo das escolas por conta da busca pelo aumento do número de matrículas. Mantêm-se o interesse por alunos adventistas, no entanto, há hoje uma maior aceitação de alunos não-adventistas e um controle menos restrito para alcançar maior competitividade no mercado.²⁰

Um dos elementos fundamentais dos princípios metodológicos das Instituições Adventistas é a Integração Fé e Ensino, este princípio remete o ensino à concepção de uma educação integral capaz de desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e espirituais tão defendidas por White.

Segundo a IASD a Integração Fé e Ensino se propõe, portanto, a aproximar o aluno de Deus. “Todo o esforço humano no rumo das descobertas científicas é visto como atrelado ao poder criador de Deus, do qual o homem conserva a característica da individualidade.” (DIVISÃO SUL-AMERICANA, 2009, p. 72). De acordo com a proposta educacional adventista, o princípio metodológico na educação torna possível o que White

²⁰ Estas questões serão analisadas do Capítulo III.

chama de a “Devida Educação”, na qual todo o ser em desenvolvimento real tem sua fonte no conhecimento de Deus. White (2007, p. 14) afirma que “Encontra-se nesta comunhão com Deus a mais elevada educação”. Defendia que este era o próprio método de Deus para o desenvolvimento.

Em vez de limitar o seu estudo ao que os homens têm dito ou escrito, sejam os estudantes encaminhados às fontes da verdade, aos vastos campos abertos à pesquisa na natureza e na revelação. A ciência está sempre a descobrir novas maravilhas, mas nada traz de suas pesquisas que, corretamente compreendido, esteja em conflito com a revelação divina. O livro da natureza e a palavra escrita lançam luz um sobre o outro. Familiarizando-nos com Deus, ensinando-nos algo das leis por cujo meio Ele opera (WHITE, 2007, p. 128).

De acordo com a IASD nas práticas docentes a Integração Fé e Ensino deve acontecer relacionando os conteúdos das disciplinas com os preceitos bíblico-espirituais e deve ser efetivada por todos os professores na medida do possível. A recomendação do Departamento de Educação da Associação Geral da IASD às escolas adventistas está voltada para a necessidade de estabelecer escolas de excelência voltadas à redenção e fundamentadas na perspectiva bíblica de educação (DIVISÃO SUL-AMERICANA, 2009), é o discurso transmitido repetidamente. Assim, esse perfil desperta o interesse de pessoas que procuram um ensino pautado em princípios cristãos, Mateus afirma que o aspecto espiritual tem sido “pregado” constantemente durante as atividades da escola (informação verbal)²¹. José explica que existem programas espirituais que são trabalhados continuamente, isso tem sido estimulado durante todo o tempo que eu estudei aqui, através de programas como o PMDE (Programa de Mestre e Desenvolvimento Espiritual), que tenta mostrar a face de Jesus para todos os alunos (informação verbal)²².

1.4 A Expansão Missionária e o Adventismo no Brasil

Com a identidade da IASD estabelecida e com a igreja organizada a inserção e expansão missionárias em outros países passam a ser o foco. Esta postura é um retrato da mentalidade adventista cada vez mais voltada para o aumento do número de membros e igrejas, e conseqüente para uma afirmação internacional.

Por meio das Missões Evangelísticas Estrangeiras a IASD foi alcançando diversas partes do mundo, como o Brasil. Um grupo de missionários alemães conseguiu introduzir e fixar o Adventismo em solo brasileiro. Num primeiro momento, a expansão foi difícil e lenta

²¹ Informação fornecida por Mateus um dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

²² Informação fornecida por José um dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

pela diferença de língua e de cultura e pelo contexto sócio-econômico. Por esse motivo os primeiros contatos aconteceram apenas nas colônias alemãs em solo brasileiro. Os missionários diziam possuir a “verdade bíblica” e tinham o objetivo de dividi-la com todos quantos assim o quisessem (SCHUNEMANN, 2002). O pleito proselitista propiciou a implantação e o desenvolvimento do Adventismo no Brasil.

A influência da missão alemã justifica-se pela expansão do Adventismo na Alemanha. Em 1873, o pastor John Nevins Andrews, primeiro missionário a sair dos Estados Unidos, começou a evangelizar a Europa, expandindo, também, para os países escandinavos e posteriormente para a Alemanha, Rússia, França, Portugal, Espanha e em todos os países do Continente (SARAIVA, 2000).



Figura 1 – Baú/mala do primeiro colportor alemão a visitar o Brasil.
Fonte – IASD/ **Autoria**: Maély Ramos

Com o Adventismo solidificado na Alemanha, algumas missões estrangeiras chegaram ao Brasil, outros colportores²³ vindos da América de nacionalidade alemã também fizeram o movimento, não só para o desenvolvimento da Igreja, mas para o estabelecimento da Educação Adventista. Em 1890 o primeiro colportor oficial da Conferência Geral chegou ao Brasil – Albert B. Stauffer, suas literaturas eram vendidas somente em alemão e em inglês, não havia tradução para o português, o que dificultava a divulgação. Stauffer, vendeu suas literaturas primeiramente para as comunidades alemãs que viviam no Brasil, seu primeiro conversor foi o alemão Alberto Bachmeier²⁴, que também se tornou colportor. As investidas

²³ O colportor faz parte da estrutura de evangelização e expansão do Adventismo, sua função é vender literaturas institucionais que promovam na comunidade local o conhecimento da IASD e sua doutrina.

²⁴ Esse jovem alemão convertido ao Adventismo tornou-se posteriormente o primeiro professor da Educação Adventista no Brasil, na primeira escola em 1896, na cidade de Curitiba, no Estado do Paraná (Menslin, 2008).

iniciais dos adventistas restringiram-se às comunidades alemãs no Brasil e posteriormente foram se abrindo aos brasileiros (SARAIVA, 2000).

Desta forma, oficialmente, o Adventismo, enquanto empreendimento missionário institucional, alcançou a inserção no Brasil na década de 1890. Em 1895 foram realizados os primeiros batismos e organizadas as primeiras comunidades em Gaspar Alto - SC e em Santa Maria - ES (SCHUNEMANN, 2002). Os primeiros batismos aconteceram nessas localidades em virtude da grande incidência das missões estrangeiras alemãs da IASD em Santa Catarina e no Espírito Santo. As colônias alemãs estavam espalhadas pelos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, e Rio Grande do Sul. Na pesquisa de campo realizada em Gaspar Alto -SC, percebemos que o vilarejo é composto apenas por adventistas, lá encontramos a primeira escola paroquial que até hoje funciona com apenas 5 alunos, a IASD mantém o funcionamento dessa escola como memorial da história da sua rede educacional. Para chegar à comunidade Adventista em Gaspar Alto é preciso percorrer uma trilha perigosa e longa, lá está o berço da História da “Educação Adventista” no Brasil. Durante a pesquisa de campo, observamos, também, o museu da Educação Adventista na mesma comunidade, pudemos registrar imagens importantes como uma carteira da primeira escola paroquial no início da trajetória, mesa de professor, o baú/mala que o primeiro colportor adventista alemão utilizou para chegar ao Brasil, fotos e documentos antigos. Foi possível observar, também, que atualmente a comunidade é constituída por famílias descendentes dos pioneiros²⁵ adventistas, tais como os Belz e os Schirmer e que muitas casas ainda mantém as estruturas antigas com mais de 100 anos. Ali os pioneiros viveram e morreram. Também existe próximo ao museu um cemitério só para os pioneiros adventistas, onde estão enterrados os primeiros colportores vindos da Alemanha, pastores e missionários que foram importantes para a implantação do Adventismo no Brasil.



Figura 2 – Cadeira da primeira escola paroquial adventista.
Fonte – IASD/ **Autoria**: Maély Ramos

²⁵ A IASD utiliza o termo pioneiros para se referir às pessoas que foram responsáveis pela introdução do Adventismo no Brasil e localidades.

Sete anos após os primeiros batismos e após a organização das comunidades adventistas, a IASD no Brasil ascendeu para o status de Associação²⁶, visto que “já havia uma certa quantidade de recursos no país para a manutenção do trabalho da Igreja Local indicando que aos poucos pastores que estavam no Brasil eram sustentados pela Igreja Brasileira.” (SCHUNEMANN, 2002, p.214).

No período de 1906 a 1910 os Campos Administrativos da IASD²⁷ no Brasil estavam divididos em quatro grupos distribuídos: (grupo 1) no Rio Grande do Sul, (grupo 2) no Paraná e Santa Catarina, (grupo 3) em São Paulo, (grupo 4) no Espírito Santo e Minas Gerais. Os campos eram administrados por pastores, denominados presidentes, que comandavam toda a estrutura organizacional das Igrejas naqueles estados. Os presidentes de origem alemã representavam os interesses da IASD mundial, regida pela Conferência Geral nos Estados Unidos.

Tabela 1 - Divisão dos Campos Administrativos do Brasil por Lideranças e Membros
(1906 – 1910)

Região	Pastor-Presidente	Membros
Rio Grande do Sul	H.F. Graf	444
Paraná e Santa Catarina	Waldemar Ehler	427
São Paulo	Emílio Hoelze	23
Espírito Santo e Minas Gerais	Frederich Spies	150
Total dos Campos	-----	1044

Fonte - MENSLIN, 2008

²⁶ De acordo com a organização das IASDs, um grupo de Igrejas só pode se tornar Associação se obtiver condições financeiras para se auto-sustentar, sem depender de auxílios financeiros externos.

²⁷ A IASD possui Campos Administrativos que são localidades onde estão situadas as sedes (escritórios) administrativas de cada região.

Observando a tabela 1, é possível perceber que a imigração alemã impôs forte influência à estrutura organizacional da IASD no início da sua trajetória no Brasil e que nos lugares onde estavam concentradas, anteriormente, as colônias alemãs houve de fato o desenvolvimento da Igreja. Os Estados demonstrados na tabela 1 concentraram as colônias alemãs no final do século XIX e isto possibilitou a aceitação dos missionários da Alemanha e dos Estados Unidos. Segundo a (DECLARAÇÕES... 2010), a igreja é um corpo organizacional com 12 milhões de membros na maioria dos países do mundo, no Brasil são mais de 1.600.000 membros (CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IASD - UNB, 2009).

Analisando comparativamente os dados informados pela IASD confrontamos os números do período de 1906 a 1910 e os números de 2009 no que concerne à quantidade de membros adventistas no Brasil, a partir do estudo comparativo foi possível divisar o contraste entre um tempo e outro. No período de 1906 a 1910, o número de membros da IASD era de 1044, considerando todos os campos²⁸ regiões brasileiras. Em 2009, ponderando os mesmos critérios, o número aumentou configurando um total de 1.600.000 membros, o que representa um crescimento de 15315670 %, como é possível perceber no gráfico 1.

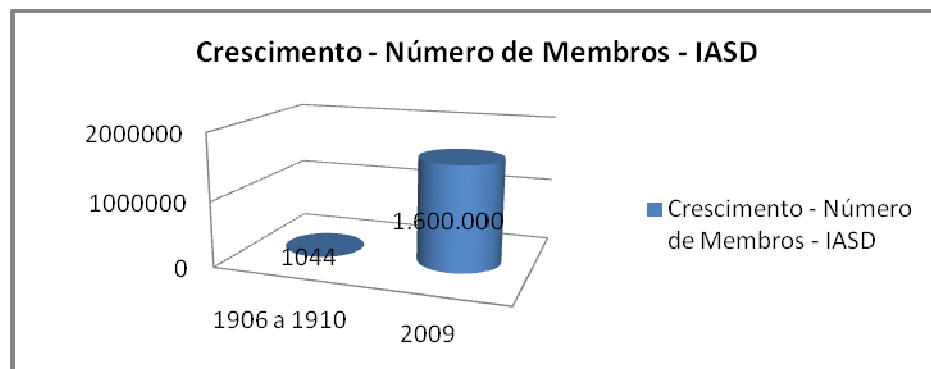


Gráfico 1 – Números de Membros da IASB
Fonte - MENSLIN, 2008

Realizando um estudo a partir dos dados do Censo Demográfico de 2000 percebemos uma diferença no número de fiéis adventistas no Brasil no que concerne a indicação dos registros de membros da IASD. Segundo Jacob (2003, p. 71) os adventistas, “[...] com 1,2 milhões de fiéis, representam 14, 3% dos evangélicos de missão, apesar disso, a Igreja Adventista pode ser considerada também de dimensão nacional, pois está presente em

²⁸ Em cada região brasileira a IASD possui um Campo que é dirigido por uma sede administrativa (UNIÃO) que direciona o funcionamento das Igrejas em Associações e Missões, mais a frente explicarei essa estrutura organizacional.

todo o país.” Temos então a seguinte diferença nos dados, a IASD indica 1,6 milhões de membros; o IBGE indica 1,2 milhões de membros no Brasil. Isto pode ser justificado pela falta de atualização nos registros das igrejas adventistas locais. O problema no controle dos registros de membros excluídos ou que abandonaram a fé, contribui para o estabelecimento da diferença. Todavia, o Adventismo marca uma boa representatividade no Brasil, atingindo, inclusive, todas as regiões brasileiras.

Ainda segundo os dados do IBGE (2000), alguns estados como o Espírito Santo e Santa Catarina apresentaram áreas de diversificação religiosa em consequência da ação de colonos de origem alemã que através de um plano missionário internacional tentavam implantar as religiões evangélicas de missão. É conforme o movimento missionário que o Adventismo chega ao Brasil. “O Evangélico de missão é o novo nome dado aos evangélicos tradicionais ou protestantes tradicionais pela nomenclatura utilizada pelo IBGE para o recenseamento de 2000.” (JACOB, 2003, p. 69). O IBGE classifica o Adventismo do Sétimo Dia como religião evangélica de missão.

1.5 A Educação Adventista no Brasil

É de Martinho Lutero a afirmação: “[...] ainda que não existisse alma, nem inferno, nem céu, seria preciso ter escolas para satisfazer nossas necessidades como habitantes deste mundo [...]” (MESLIN, 2008, p. 38). A escola representa, de forma direta ou indireta, a construção dos meios para a realização pessoal. É considerando esses aspectos que a IASD investe na área educacional como via propagadora de influência.

A entrada da Educação Adventista no Brasil ocorreu como fruto do processo de evangelização, “[...] ideário dos primeiros missionários enviados para esse país, com o intuito de propagar a nova doutrina.” (MESLIN, 2008, p. 99). Os missionários de organizações confessionais, intentavam, também, por meio da educação estabelecer sua influência como estratégia proselitista. Santos (2006, p. 171), esclarece que

[...] as organizações confessionais eram oriundas das denominações organizadas, como os Colégios Americanos, que visavam pela educação, criar indivíduos influenciados pelos valores e ideais protestantes. Tratava-se de uma estratégia proselitista mais voltada para as elites, mas que atendia a alunos carentes com bolsa de estudos. Também os Institutos e Seminários de teologia visavam formar liderança eclesiástica afeitas a confessionalidade de cada grupo carente, de fixar sua identidade eclesiástica, distinguindo-se dos demais grupos sociais.

Na esteira do pensamento adventista foi investida a estratégia proselitista que tinha na educação sua grande fonte de disseminação do seu estilo de vida e dos seus princípios espirituais. Foi assim que a visita dos missionários americanos e europeus, tais como Alberto Berger e H. F. Graf vindos da Alemanha e dos Estados Unidos em 1895 ao solo brasileiro, possibilitou a abertura das igrejas que geraram, posteriormente, escolas. Desta forma,

[...] precisamos reconhecer que, desde os seus primórdios, a educação adventista do século XIX esteve intrinsecamente ligada às missões estrangeiras. Por exemplo, a abertura do primeiro Colégio Adventista e o envio do primeiro missionário ocorreu em 1872. Esse fato não foi uma coincidência. O propósito do Battle Creek College era treinar obreiros para o serviço das missões dentro e fora dos Estados Unidos (KNIGHT, 2004, p. 29).

No Brasil, em 1893 representantes da Associação Geral concluíram o processo de organização da IASD, a partir das questões levantadas em reuniões administrativas, surgiu a proposta de oferecer aos filhos da Igreja a oportunidade de um preparo acadêmico fundamentado nos ensinamentos bíblicos através de uma educação cristã. No mesmo ano foi decidido em assembléia a criação de escolas que no decorrer do tempo passaram a atender todos os que simpatizavam com a proposta educacional adventista (CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IASD – UNB, 2004).

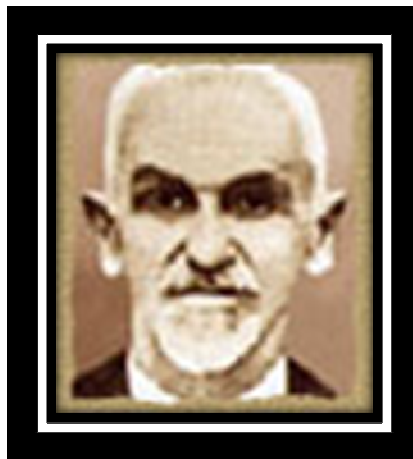


Figura 3 - Guilherme Stein Jr. (1871-1957)
Fonte - DSA (2009).

A primeira escola adventista do Brasil foi inaugurada no ano de 1897 em Gaspar Alto - SC, dois anos depois o Colégio Internacional em Curitiba começou a funcionar sob a direção de Guilherme Stein Jr. Suas linhas filosóficas foram pautadas nos princípios da IASD que foram delineados na Bíblia e nos escritos de educadores cristãos (DIVISÃO SUL-AMERICANA, 2004). A escola recebeu o nome de “Colégio Internacional” por conta das

influências das missões estrangeiras que introduziram tanto o Adventismo quanto a Educação Adventista. Stein Jr. (DIVISÃO SUL-AMERICANA, 2009) comenta que

[...] veio à carta do irmão Graf, de Curitiba, onde se achava estabelecido, para seguirmos para lá, a fim de tomar conta da primeira escola (adventista) fundada no Paraná. Curitiba era naquele tempo o que podemos chamar quase que uma cidade universitária, com grandes colégios, mas seguindo ainda a rotina de soletração nas escolas primárias. A nossa escola progrediu rapidamente, o que devemos em parte ao sistema fonético do professor mineiro Felisberto de Carvalho, que introduzimos e defendemos malgrado a oposição dos colégios, como o grande colégio alemão, cujo corpo docente defendia o sistema hoje arcaico, tendo nós de sustentar uma disputa pelo jornal alemão *Der beo-bachter* (O observador), defendendo o nosso sistema. A escola que começou com uma meia dúzia de alunos, acusou ao cabo de seis meses uma matrícula de mais de 120 alunos.

Em 1896, Stein Jr. fundou uma nova escola em Gaspar Alto, Santa Catarina, a partir daí o trabalho educacional cresceu e muitas escolas foram agregadas a essa, formando a rede de escolas adventistas. Azevedo (2004, p. 35) indica informações sobre o crescimento ao afirmar,

É interessante observarmos que, já em 1945, havia no Brasil 123 igrejas organizadas e 136 escolas em funcionamento, o que indica um percentual de 111% de escolas existentes em relação ao número de igrejas organizadas. Mas o ponto culminante desta expansão ocorreu em 1950, quando haviam 142 igrejas e 165 escolas, aumentando a proporção igreja-escola para 116%.

É importante destacar novamente que a influência das colônias alemãs atingiu o início da Educação Adventista no Brasil. A escolha da cidade de Curitiba para se fundar a primeira escola adventista deve-se ao fato de que a evangelização realizada pelas missões alemãs começou com os imigrantes de mesma nacionalidade e com a maior concentração das colônias alemãs em alguns estados bem desenvolvidos, entre eles, estava Curitiba, que de acordo com Menslin (2008, p. 100) era a “mais centralizada para que os líderes do movimento adventista administrassem o trabalho e tivessem acesso a esses estados de forma mais ampla, tendo em vista que as ferrovias, em amplo desenvolvimento” eram o melhor meio de transporte da época.

Mundialmente, a “Educação Adventista” está representada por mais de 7.442 instituições da Educação Infantil ao Ensino Superior, no total de 1.479.136 alunos (CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IASD – UNB..., 2009). No Brasil existem mais de 500 unidades escolares e 128.000 alunos. Além destas unidades, a organização mantém 12 colégios em regime de internato, da educação básica à superior e centros universitários em São Paulo, na Bahia e em Belém (DECLARAÇÕES..., 2010).

O avanço da “Educação Adventista” no Brasil ocorreu devido ao movimento originado pelas mudanças produzidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação²⁹ 5691/72 no cenário nacional, que impulsionou uma adaptação da proposta filosófica da rede de escolas adventistas. Com as novas exigências, a “Educação Adventista” qualificou seus professores e a estrutura física das escolas para atender melhor os alunos. “Roberto Azevedo³⁰ começou uma campanha através da Revista Adventista para conscientizar que era fundamental que as congregações se mobilizassem para a construção de uma escola adventista dentro das novas exigências legais.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 398).

As congregações da IASD responderam positivamente ao apelo iniciado por Roberto Azevedo. Assim, em 1980 foram construídas grandes escolas com capacidade para oferecer os cursos completos do Ensino de Primeiro Grau, especialmente nas grandes capitais como São Paulo e Curitiba. Com as estruturas ampliadas, as escolas disponibilizaram uma quantidade maior de vagas, das quais muitas foram preenchidas por alunos não adventistas, “em um momento em que a Política Pública de Educação produziu um rápido sucateamento da qualidade da escola pública.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 398). Antes de iniciar o processo de crescimento, a maior parte das escolas adventistas era, literalmente, de fundo de igreja.

Em condições estruturais mais atraentes, as escolas adventistas alcançaram maior visibilidade e aceitabilidade na sociedade, e segundo Schunemann (2002, p. 399) “[...] a manutenção de um padrão disciplinar conservador serviu de atração para vários segmentos da classe média, descontentes com a escola pública”, que foi abandonada pelo governo e não experimentou as melhorias necessárias. Desta forma, aumentou consideravelmente a procura pela Educação Adventista, o que alavancou sua expansão.

Com a maior concentração de adventistas no centro-sul do país, houve uma distribuição irregular das escolas e colégios no território brasileiro, o que também se relaciona com a mentalidade dos líderes de cada região e com a disponibilidade de recursos financeiros para aplicação em investimentos educacionais.

No intuito de inserir a identidade religiosa no material pedagógico, a IASD estabeleceu uma parceria entre duas das suas grandes instituições, a Educação Adventista e a editora³¹. Para atender as escolas no trabalho com a filosofia educacional adventista, a Casa Publicadora Brasileira iniciou em 1983 a edição de livros e materiais didáticos fundamentados

²⁹ As exigências da LDB quanto à qualidade do ensino ocasionaram, dentro da Educação Adventista, um movimento de melhoria, isto para estar de acordo com os padrões de qualidade exigidos por lei.

³⁰ Pastor Adventista e comunicador, um dos pioneiros da Rádio Adventista no Brasil.

³¹ A editora é de grande relevância na difusão da identidade adventista, a Casa Publicadora Brasileira é a editora representante da IASD no Brasil. Em todo o mundo totalizam 56 filiais. A Casa Publicadora Brasileira foi fundada desde 1904 no Rio de Janeiro e a partir desta data foi ampliando seus serviços e foi se estendendo em

nos princípios bíblicos. Até 2004 a editora contava com mais de 80 títulos didáticos e cerca de 100 paradidáticos (CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IASD - UNB, 2004).

Com a sua expansão a “Educação Adventista” viabilizou a produção do seu próprio material didático através da Casa Publicadora Brasileira. A produção dos livros didáticos de todas as disciplinas obedece aos alicerces religiosos, “[...] o fato do livro didático de ciências possuir uma visão criacionista acabou ganhando destaque na imprensa, por ocasião de um debate sobre livros didáticos em 1987.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 400). Esta postura na abordagem do livro de ciências foi criticada na Revista Ciência e Cultura da SBPC no mesmo ano, por ser considerada uma ameaça ao desenvolvimento da ciência no Brasil.

Apesar das críticas contínuas à essência criacionista bastante demarcada nos seus livros didáticos, a Educação Adventista não modificou a abordagem dos seus livros. Na realidade, as críticas acabaram divulgando esses materiais didáticos e, desta forma, muitas escolas não-adventistas passaram a utilizá-los, inclusive pela rede pública de ensino. “Esses livros consistem em um importante meio para a veiculação de uma ideologia cristã tradicional como uma opção às vertentes materialistas predominantes nos livros didáticos atuais.” (SCHUNEMANN, 2002, p. 400). Segundo informações da livraria SELS³² (2010), em São Luís do Maranhão, no ano de 2010 sete importantes escolas não-adventistas adotaram os livros da Casa Publicadora Brasileira, a saber; Reino Infantil, Dom Pedro, Batista, Educato, Senaza, Cristão Evangélico, Paralelo.

A mensagem criacionista é bem explícita nestes livros, mesmo com o passar do tempo e com a reformulação das edições este perfil não muda. A editora recebe críticas de professores que preocupados com a aplicação dos conteúdos temem que os livros não sejam competitivos no mercado educacional. O perfil criacionista dos livros representa, em muitos momentos, uma barreira de aceitação nas escolas.

No período em que a IASD investiu de forma mais intensa nos seus livros didáticos, foi justamente o momento em que a proposta filosófica torna-se menos rígida, distinta e doutrinária. Nos anos de 1970, houve uma ênfase nos aspectos relacionados à salvação e um reforço dos temas pautados na graça divina. Esta mudança foi sentida na

outros estados brasileiros. É responsável pela publicação de toda a literatura adventista no Brasil com um consumo mensal de papel de 320 toneladas aproximadamente (CASA, 2010). A editora adventista no Brasil produz, também, seu próprio material didático que é utilizado nas escolas adventista. Os materiais produzidos pela CASA são levados mensalmente às famílias adventistas para a realização de um estudo diário das doutrinas religiosas.

³² SELS significa Serviço de Educação, Lar e Saúde. A livraria SELS é a representante oficial dos livros da Casa Publicadora Brasileira.

formulação dos livros didáticos (SCHUNEMANN, 2002). Esta flexibilidade compete à necessidade de buscar um lugar no mercado educacional abrangendo um maior número de interessados. No entanto, o perfil centralizado no criacionismo permanece, porém em tons mais suaves.

A “Educação Adventista” posiciona-se no transcorrer da sua história como uma organização institucional que oferece um ensino cristão conservador, balizado nas concepções filosóficas construídas a partir das orientações bíblicas. Com pressupostos bem delineados, a rede de escolas da IASD aceita os fundamentos básicos da visão bíblica para a educação mediante uma perspectiva criacionista. Ela assume essa ótica em todas as propostas pedagógicas, contrapondo-se à visão evolucionista. Segundo a IASD a perspectiva desta educação é bíblica e declara que “Deus criou o homem à sua imagem” (GÊNESES, 2000, p.3), o ser humano deve ser entendido sob o ponto de vista de Deus, esta visão filosófica educacional envolve os livros didáticos, paradidáticos e toda a ação pedagógica (CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IASD - UNB, 2004).

Cunha (1979) indica que a ação pedagógica é a imposição da cultura de uma classe por meio de um poder que tende a ser reconhecido como legítimo e a ação pedagógica “se realiza através de trabalhos pedagógicos, os quais são atividades contínuas e sistemáticas de inculcação dos princípios culturais que devem persistir após a cessação da ação pedagógica.” Cunha (1979, p. 86). O produto da ação materializa-se nos modos de pensar, agir sentir e perceber absorvidos pelos seus receptores. Esses modos passam a ser termos de referência da interação social, e norteiam as vivências sociais. É assim que se constrói o *ethos* pedagógico adventista – o produto da interiorização realizada. O Sistema de Ensino Adventista visa reproduzir um conjunto de ideias que se confundem com princípios religiosos e para tanto necessita de um material didático homogêneo que confirme sua cultura escolar, assim livros didáticos, paradidáticos, manuais e etc. assumem a proposta educacional da instituição.

Em suma, após a Grande Decepção, a IASD vai progressivamente construindo as bases para sua organização oficial e a partir das transformações administrativas passa a buscar novos conversos pelo mundo através de campanhas missionárias. O Brasil recebe alguns missionários da Alemanha e dos Estados Unidos, o que viabiliza a introdução do Adventismo, a princípio, nas colônias alemãs e em seguida com extensão para os brasileiros. A IASD instaura no Brasil a inserção de uma das suas principais instituições. Acontece, assim, escolas confessionais adventistas construídas para atender os filhos da igreja e, posteriormente, a necessidade de expansão e de competitividade no mercado educacional, além do atendimento

às pessoas de outras religiões. As escolas constituem uma das mais eficazes formas de reprodução dos princípios religiosos adventistas e são utilizadas tanto para a conservação dos membros quanto para a busca de novos interessados.

CAPITULO II
O DESENVOLVIMENTO DA IASD NO MARANHÃO E A PROPOSTA
EDUCACIONAL DAS SUAS ESCOLAS



Figura 6 - Colégio Adventista de São Luís em 2006.
Fonte - DEAMA, 2010.

O Adventismo do Sétimo Dia no Brasil representou mais um objetivo alcançado do plano missionário de expansão da IASD dos Estados Unidos, a igreja foi introduzida em solo brasileiro por meio dos programas de missão que foram realizados, inicialmente, nas comunidades alemãs por uma facilidade de comunicação com os imigrantes vindos da Alemanha. Com a Igreja introduzida no Brasil, primeiramente em Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais e Espírito Santo, um movimento de nacionalização da doutrina adventista e expansão institucional é iniciado com a meta de alcançar outras regiões brasileiras e obter representatividade em todos os estados. Desta forma, os trabalhos voltados para a expansão foram direcionados ao Mato Grosso, Goiás e “a maioria dos pequenos estados do Nordeste” (SCHUNEMANN, 2002, p. 245), com o passar do tempo há o crescimento da igreja no Norte e Nordeste do país. O Maranhão é um dos estados que foram alcançados pelo programa de nacionalização da IASD apresentando um campo religioso diversificado e propício para o estabelecimento de novas religiões.

Neste capítulo analisaremos a trajetória da inserção e do desenvolvimento do Adventismo do Sétimo Dia no Maranhão e a proposta educacional das suas escolas, considerando o estatuto adventista que demonstra um caráter confessional e proselitista numa relação militar com a igreja. O estudo sobre a inserção da IASD no Maranhão dar-se-á a partir da contextualização do Campo Religioso Maranhense em um cenário de diversificação e pluralidade.

2.1 O Campo Religioso Maranhense e a Diversidade Religiosa

O campo religioso maranhense, nos séculos XIX e XX, representa um lugar de delimitação das competências do qual todos os membros fazem parte pela manifestação simbólica da condução privada e das características de cada grupo e, portanto, colocam em prática seus pensamentos concorrentes, antagônicos que manipulam a estrutura da percepção de mundo de outros. (BOURDIEU, 1990).

É nesse campo de forças e de lutas que o Adventismo institui-se buscando a consagração de um grupo unido para o alcance dos seus objetivos. Afinal, quanto mais os agentes sociais estiverem envolvidos por uma proximidade nas relações sociais e dispuserem de interesses associados, mais chances terão de serem bem sucedidos, mobilizados para a defesa dos seus interesses (BOURDIEU, 1996).

O campo religioso maranhense foi caracterizado por uma geografia cultural e religiosa que demarcava a fronteira entre a guarida e a oposição à fé reformada evangélica.

No corte temporal de 1890 a 1930 várias experiências religiosas configuraram-se nesta região favorecendo a abertura do campo religioso e a sua pluralização (SANTOS, 2006).

Durante o período a experiência do presbiterianismo na cidade de Caxias e na Capital de São Luís (fim do século XIX), a história das Assembleias de Deus (1921 a 1930) e outras expressões religiosas como os Batistas, os Cristãos Evangélicos e as missões entre os indígenas, indicavam uma ruptura com o catolicismo enquanto religião oficial, a exemplo do que estava acontecendo no Brasil. “Os ingleses, ligados ao comércio e à Igreja Anglicana, foram os primeiros protestantes no Maranhão, [...] a presença dos ingleses foi marcada na Província entre 1816 e 1870.” (SANTOS, 2006, p. 30).

No século XIX, Santos (2006, p.28) diz que os “[...] diferentes ramos reformados chegaram ao solo brasileiro em momentos e situações distintas, pelas vias da imigração, do proselitismo missionário e das diversas denominações.” Estes movimentos religiosos eram considerados como heresia protestante que se erguia contra as “representações do catolicismo luso implantado no Brasil.” (SANTOS, 2006, p.28).

O primeiro missionário protestante no Maranhão a propagar sua fé cristã reformada foi o presbiteriano J. R. Smith, em 1875 (REVISTA DA CULTURA RELIGIOSA, 1925). Outros missionários seguiram o empenho de Smith e as ideias diferentes acerca da religião foram tomando espaço (LESSA, 1938).

Frente aos avanços de diferentes movimentos religiosos, o catolicismo realizava sua defesa e anunciava superioridade, assim fazia reafirmando seus dogmas e preceitos. O Maranhão configurava-se como um espaço cultural de embates, aqui temos um cenário de subversão, onde se configura “[...] uma religiosidade beligerante, estruturada em duas faces, com ligações históricas e teológicas comuns.” O catolicismo e o protestantismo construíram um campo religioso repleto de representações mútuas, “[...] que alimentaram os conflitos, as polêmicas e os enfrentamentos, mas essa já era a própria dinâmica cultural e religiosa circunscrita àquela conjuntura histórica” (SANTOS, 2006, p.75).

Percebemos esses conflitos como originários da disputa pelo poder, as relações nesse campo religioso cumprem a função de legitimação de uma ordem simbólica, quem conquista maior espaço detém maior poder e maior influência social. Bourdieu (2003, p. 90) relata que “A força material ou simbólica que as diferentes instâncias (agentes ou instituições) podem mobilizar na luta pelo monopólio do exercício legítimo do poder religioso” depende do desenvolvimento do campo, da sua posição na estrutura social, das relações de autoridade religiosa que realizam, “isto é, da autoridade e da força que conquistarem no decorrer da

luta.” (BOURDIEU, 2003, p. 90). A busca pelo poder visa materializar a legitimidade religiosa que num dado momento é

o estado das relações de força propriamente religiosas, isto é, o resultado de lutas passadas pelo monopólio do exercício legítimo da violência religiosa. O tipo de legitimidade religiosa que uma instância religiosa pode invocar depende da posição que ocupa num determinado estado das relações de força religiosas (BOURDIEU, 2003, p. 90).

Nesse campo de lutas os católicos foram perdendo influência em virtude da conquista de espaço dos protestantes que se destacavam como uma religião concorrente e da abertura para o surgimento de diferentes religiões que multifacetaram este campo. Certeau (1982, p. 37) afirma que entre as religiões as diferenças entre as crenças tornam-se decisivas e demarcam o lugar que cada uma ocupa, “[...] a determinação daquilo que se conhece, quando se é Católico ou Reformado, fornece à comunidade seu modo de identificação e de distinção”, daí a importância de se fortalecer as peculiaridades e propagá-las enquanto estratégia de dominação, isto porque “[...] os catecismos mudam, remodelados pela urgência dessas definições que circunscrevem ao mesmo tempo os conteúdos intelectuais e os limites sócio-institucionais.” (CERTEAU, 1982, p.37). No período de 1870 a 1910 o catolicismo no Maranhão

Acentuou o processo de romanização, sofreu o impacto da separação do Estado com a perda de subsídios, enfrentou conflitos sangrentos na sua expansão missionária, combateu os erros religiosos das *seitas*, sedimentou sua posição de hegemonia junto às elites e controlou as irmandades leigas (SANTOS, 2006, p. 91).

Estas foram algumas das estratégias do catolicismo para manter-se no poder e recolocar-se no campo religioso em transformação. O protestantismo, por sua vez, foi impellido a ajustar-se a uma sociedade sob influência católica hegemônica e antagônica, que “embora dominante, permitiu o estabelecimento da fé reformada.” (SANTOS, 2006, 39). Apesar de todas as suas investidas ao final do século XIX, as forças da Igreja Católica já estavam bem comprometidas e assim o campo evangélico redefiniu-se, aprimorou-se e acentuou sua identidade religiosa (SANTOS, 2006).

A disputa pela hegemonia religiosa deve-se ao funcionamento do campo religioso dos grupos específicos, em função da posição que ocupam na estrutura de distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa. Por meio das suas diferentes instâncias (indivíduos ou instituições), esses grupos específicos confrontam-se para lançar mão do capital religioso e conquistar o monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso. Esse poder tem a capacidade de segundo Bourdieu (2003, p.57)

“modificar as bases duradouras das representações e das práticas dos leigos, inculcando-lhes um habitus religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações”, segundo as normas do grupo. Daí se justifica o interesse pela conquista de maior espaço e influência no campo.

Para que haja a expansão do território simbólico e material de uma religião é necessária a realização de um trabalho direcionado para a perpetuação do capital religioso e garantir sua conservação e restauração. Esse trabalho deve ser desenvolvido por um aparelho de “tipo burocrático” que realize uma ação contínua de inculcação dos valores religiosos - a saber, a Igreja, é ela que organiza as estratégias para conquista de novos membros, delimita os alvos, os lugares, as ocasiões; é ela que produz os bens de salvação que são instrumentos de propagação da sua doutrina (BOURDIEU, 2003). A elaboração de estratégias e a organização das igrejas no campo religioso maranhense foram determinantes para a sua descentralização e pluralização.

Em 1908, a Igreja Batista iniciava sua obra missionária em São Luís aproveitando o enfraquecimento do catolicismo e o desentendimento de duas igrejas presbiterianas (MESQUITA, 1940). A força Batista expandiu-se e atingiu as aldeias indígenas “na tentativa de evangelizar os selvagens.” (SANTOS, 2006, p. 45).

A implantação do pentecostalismo das Assembléias de Deus em 1921 na capital e nos interiores constituiu-se de forma popular “na perspectiva da pobreza, da linguagem e do elemento feminino predominantes.” O processo histórico do pentecostalismo no Maranhão representa mais uma junção de forças que contribuíram para a pluralização do campo religioso maranhense. (SANTOS, 2006, p. 45).

No final da década de 20 e início da década de 30 o Maranhão contava com a presença de protestantes em 15 municípios, incluindo a capital São Luís. Segundo Santos (2006, p. 83) o cenário maranhense estava formado por uma diversidade religiosa considerável, pois

As Igrejas ou denominações e missões atuantes no Maranhão, relacionadas por Braga e Grubb (1932), eram a Missão para o coração da Amazônia, a Convenção Batista Brasileira, a Igreja Presbiteriana do Brasil, a Igreja Assembleia de Deus, a Igreja Presbiteriana Independente [...] e o que chamou de grupos independentes. Por certo não foram relacionados inúmeros outros lugares do interior, com núcleos formados por esforços voluntários de pregadores e pregadoras. Também os números não descrevem as atividades culturais desses evangélicos, como publicações, festas, músicas, liturgias e teatros.

O crescimento do número de evangélicos durante o período se deve às investidas missionárias eclesiásticas das igrejas já estabelecidas. O protestantismo e os outros

movimentos religiosos no Maranhão se constituíram como uma alternativa religiosa. O catolicismo poderia representar “o mundo deixado para trás pela velocidade das mudanças. Não somente ele, mas os estilos de vida desde a boemia, passando pela economia e a gestão pública.” (SANTOS, 2006, p. 90).

Este é o desenho histórico o qual tece o pano de fundo para o surgimento do Adventismo no Maranhão. É neste momento que diferentes forças religiosas disputam espaço e ao mesmo tempo pluralizam o campo religioso que a IASD surge para disseminar sua doutrina.

2.2 A Introdução da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Solo Maranhense

Em 1922 o Adventismo chegava ao Maranhão. Nesse período o campo religioso estava constituído pelas Igrejas Missão para o Coração da Amazônia, a Convenção Batista Brasileira, a Igreja Presbiteriana do Brasil, a Igreja Assembleia de Deus, e a Igreja Presbiteriana Independente, havia uma diversidade religiosa considerável, esta abertura facilitou o estabelecimento da nova e peculiar fé cristã (SANTOS, 2006). A crença adventista apresentava-se com ideias diferentes e, para muitos, estranhas. A doutrina da Lei de Deus com a observância do sábado e do Dom de Profecia, ressaltavam a particularidade da religião e marcavam sua originalidade. Bourdieu (2003, p. 97) defende que

[...] a preocupação em definir a originalidade da comunidade em relação às doutrinas concorrentes leva também a valorizar os signos distintos e as doutrinas discriminatórias, tanto para lutar contra o indiferencialismo quanto para dificultar a passagem para a religião concorrente.

A peculiaridade das doutrinas adventistas pode ser entendida como estratégia para alcançar destaque no campo religioso, no entanto, a IASD dissemina a ideia de que todas as suas 29 crenças fundamentais “[...] constituem a compreensão e a expressão do Ensino das Escrituras” (Manual da IASD, 2005, p.90) e que aceitam como seu único credo a Bíblia Sagrada. O tratamento das crenças na sociedade, a competitividade no campo religioso, a diversidade e a busca pelo monopólio tornam as características de cada grupo cada vez mais diferenciadas, elas deixam de ser “religiosamente homogêneas” e tornam ainda mais necessária a criação de referências objetivas para marcar a similaridade entre membros e as doutrinas e a distinção entre os grupos: “o crente se diferencia do incrédulo – ou o católico do protestante – pelas práticas. Tornando-se um elemento social de diferenciação religiosa, a

prática ganha pertinência religiosa nova”. (CERTEAU, 1988, p. 36). As pessoas reagrupam-se e relacionam-se em função deste critério.

Desta forma o Adventismo foi levado a São Luís por Firmo Marinho que realizou os primeiros contatos que culminaram na conversão de algumas pessoas, não há registros que expliquem a origem deste homem. Seu interesse maior era agrupar mais pessoas para disseminar as doutrinas das bases da IASD. Firmo Marinho era pescador e barbeiro, seus contatos aconteciam com pessoas de classe baixa (SARAIVA, 2000). Após a chegada de Firmo Marinho, um colportor³³ adventista chamado Hans May iniciava seu trabalho, muitos outros surgiram para dar continuidade à missão expansionista

Anos após a vinda de Firmo Marinho, por volta de 1926, um outro colportor-missionário alemão de nome Hans May chegou de navio a São Luís, vindo de Fortaleza, à procura de uns crentes que guardavam o sábado. Procurou por toda a ilha e nada. Até que encontrou com um pescador lá no rio Anil que lhe deu uma dica: Se o senhor seguir pela estrada de ferro, daqui a alguns quilômetros vai encontrar uma barbearia, mas hoje é sábado e ela não funciona, pois estão reunidos, orando e cantando hinos. Eles são sabatistas (SARAIVA, 2000, p.70).

Rapidamente a doutrina adventista conquistou novos crentes, e em apenas um ano (1927) houve o primeiro batismo. Firmo organizou grupos de estudos que se reuniam nas casas dos interessados e lá desenvolveram seus primeiros cultos, ainda não havia igrejas. Outros colportores dispuseram-se a viver em São Luís para propagar o Adventismo, entre eles, estavam alguns missionários alemães originados das colônias que se espalharam nas grandes capitais. (SARAIVA, 2000).

A expansão do Adventismo no Brasil e no Maranhão tem como contribuidores, em grande parte, a ação dos colportores, os primeiros a realizar o trabalho da missão evangelística. Com seus livros nas mãos, eles andavam de casa em casa oferecendo suas literaturas e em meio às vendas dos livros ofereciam estudos bíblicos e falavam das suas doutrinas, por esse motivo eram chamados de colportores-evangelistas. Um dos colportores, José Pereira do Santos, contou sua experiência de colportagem na cidade de Barreirinhas: “Fui colportor quando o preconceito religioso e a perseguição ainda eram constantes. Eu fui colportor em Barreirinhas, vendendo o livro A Vida de Jesus. A venda foi fácil e as entradas também. Em duas semanas de trabalho, eu enchi a cidade de livros.” (SARAIVA, 2000, p. 54). Com o auxílio da colportagem muitas literaturas cristãs foram vendidas ajudando na conquista de espaço no campo religioso maranhense.

³³ A IASD denomina de colportor os missionários que sobrevivem por meio da venda de livros religiosos que propagam a fé Adventista.

Os adventistas eram apenas um grupo religioso não organizado, por este motivo iniciaram esforços para se organizar enquanto Igreja. Esse grupo era constituído de pessoas muito pobres e trabalhavam nas mais variadas profissões: pescadores, barbeiros, verdureiros, sapateiros, alfaiates, etc., nessas condições não havia possibilidade de construir uma Igreja, desta forma, perambularam por 30 anos de casa em casa (SARAIVA, 2000).

Em 1942 foi realizada em São Luís uma conferência de estudos bíblicos e como resultado dessa investida muitos novos conversos foram conquistados. Com o aumento do número de membros, a situação financeira melhorou e foi possível alugar um casarão na antiga Rua da Paz - Centro (SARAIVA, 2000).

Somente em 1949 um terreno foi comprado para a construção de uma Igreja, a primeira Igreja Adventista do Sétimo de Dia em São Luís do Maranhão foi construída na Rua Celso Magalhães – Igreja Central³⁴, o primeiro pastor foi Walter Streithorst de descendência alemã (SARAIVA, 2000). A partir desse momento, muitas outras conferências aconteceram contribuindo para a expansão do Adventismo, neste período histórico São Luís fazia parte da Missão Costa Norte³⁵ que tinha sede no Ceará e grandes dificuldades atrasaram o término da obra. Saraiva (2000, p.60) com muita propriedade comenta que

A Missão Costa Norte decidiu e votou construir o templo em São Luís. João Gnutzmann (pastor) foi apontado como responsável pela construção. Andava a procura de material, especulando por todos os lados e de muitas maneiras. Achou ser difícil encontrar o que precisava. [...] A Construção teve muitos imprevistos, mas com oração e trabalho se completou. O construtor, Jaime de Souza, era de Fortaleza, Ceará e, além do templo, construiu uma sala para a escola primária e uma casa para o Zelador.

A Construção da IASD Central foi iniciada em 1949, mas somente no dia 27 de Outubro de 1951, dois anos depois, a igreja foi inaugurada. Após a construção da Igreja Central outras foram construídas em outros bairros e cidades, como São Cristóvão, João Paulo, Monte Castelo, Anjo da Guarda, Anil, COHAB, Cidade Operária, São Francisco, Liberdade, São José do Ribamar, Maiobão e Paço do Lumiar, por exemplo (SARAIVA, 2000).

Com algumas igrejas sendo construídas outra necessidade surgiu – uma sede administrativa no Maranhão; era preciso tornar-se independente da Missão Costa Norte para

³⁴ Onde até hoje (2010) funciona a Igreja Central da IASD em São Luís.

³⁵ A Missão Costa Norte era uma das sedes administrativas da IASD no nordeste e tinha seu escritório organizado no Ceará, de lá os administradores tentavam direcionar as atividades em São Luís. Neste período o Maranhão não possuía estrutura financeira suficiente para ter sua própria sede administrativa. Esta Missão atendia os Estados do Ceará, Piauí e Maranhão.

que o crescimento acontecesse de forma mais acentuada. Com a sede administrativa no Ceará muitas decisões eram adiadas e a distância atrapalhava a organização das igrejas no Maranhão. No dia da inauguração da IASD Central, o Pastor Leo Halliwell³⁶ relata

Hoje é um dia importante para a História da Igreja no Maranhão, o primeiro templo está sendo dedicado ao Senhor. Outros templos por certo vão surgir. A Igreja no Maranhão vai continuar crescendo mais e mais. Um dia, a Obra neste Estado vai crescer tanto que terá a sua sede administrativa. Um dia o Maranhão será uma Missão Independente, não mais atrelada à Missão Costa Norte (SARAIVA, 2000, p.71).

Dos três Estados que a Missão Costa Norte atendia, o Maranhão foi o que mais cresceu com cerca de 70% do número total de membros da Missão. Com uma demanda maior de colportores, números de fiéis e batismos, foi necessária construir uma sede administrativa no Maranhão (SARAIVA, 2000).

Nos dias 27 a 30 de julho de 1988 foi inaugurada a Missão Maranhense – Sede Administrativa da IASD no Maranhão, seis mil pessoas participaram desse evento que aconteceu no Ginásio de Esportes da Escola Técnica Federal do Maranhão. O staff da Missão era composto por Izéas Cardoso – presidente; Anastácio Ximenes – secretário/tesoureiro; José Camões que acumulava o Ministério da Igreja e da Colportagem; Daniel Castro Souza – designado para cuidar da Educação e Mordomia (promoção da fidelidade através dos dízimos e ofertas). No período da inauguração da Missão Maranhense a IASD contava com 20 mil adventistas, 253 congregações e 15 distritos³⁷ pastorais (SARAIVA, 2000). Em 2009 a Missão Maranhense alcançou o status de Associação em virtude da sua expansão e por ter independência financeira. No Maranhão, a população adventista até o final de outubro de 2009 estava formada com mais de 48 mil membros (ASSOCIAÇÃO MARANHENSE, 2009).

Muitos assumiram um novo estilo de vida baseado nas crenças fundamentais do Adventismo propagadas pelas mensagens e discursos evangelísticos da IASD. Bourdieu (2003, p. 32) defende que o conteúdo do discurso das religiões são expressões mais ou menos transfiguradas que escondem estratégias de competição pela hegemonia religiosa e que impõem “princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo social” por interferir nas práticas e representações dos indivíduos. Desta forma, a IASD toma como uma das suas principais estratégias a utilização de escolas para a propagação e confirmação da sua

³⁶ Pastor Adventista Presidente da União Norte Brasileira que coordenava as Igrejas em todo Norte e Nordeste do Brasil

³⁷ Os Distritos pastorais são organizados pela concentração de várias Igrejas em um perímetro próximo.

doutrina, é por esse motivo que as escolas e as Igrejas Adventistas trabalham em atitude uníssona, uma sendo a extensão da outra.

2.3 A Proposta Educacional/Teológica Adventista no Maranhão

O Ensino Confessional Adventista no Maranhão assume uma proposta educacional estabelecida nacionalmente e que é regida pelos padrões definidos por sua Associação Geral nos Estados Unidos, esta proposta foi formulada por um grupo de estudiosos adventistas da área da educação que elaboraram princípios teológicos fundamentados nos preceitos bíblicos e nas orientações de Ellen White que são seguidos como modelo obrigatório em todas as escolas adventistas no Brasil por alunos adventistas e não-adventistas. Este Ensino Confessional assume uma ótica criacionista em toda a sua proposta pedagógica, contrapondo-se à ótica evolucionista. A IASD defende que essa perspectiva de educação é bíblica, pois declara que “Deus criou o homem à sua imagem” (GÊNESIS, 2000, p. 3) assim, o ser humano deve ser entendido sob o ponto de vista de Deus, esta visão teológica é retratada nos livros didáticos, paradidáticos e em toda a ação pedagógica. A IASD, enquanto Instituição Eclesiástica, entende a educação como o “desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais” que tem como responsabilidade preparar o educando para toda a sua vida na Terra e no Céu (CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS - UNB, 2009).

Baseados nesta visão teológica da educação os Adventistas criaram premissas educacionais que são os aspectos básicos que direcionam sua prática pedagógica, a saber: a **missão**, a **visão**, a **finalidade** e os **fundamentos**. Na **missão** está especificado o objetivo de promover, através da educação cristã, o desenvolvimento integral do educando, formando cidadãos autônomos, comprometidos com o bem-estar da comunidade, da Pátria e com Deus. A **visão** apresenta o Ensino Confessional Adventista como um sistema educacional reconhecido por sua excelência, fundamentado nos princípios bíblico-cristãos. A **finalidade** é restaurar o homem ao seu estado original de perfeição, preparando crianças e jovens para uma existência significativa na Terra e para a vida eterna. Seus **fundamentos** básicos consideram a Bíblia como revelação de Deus e se organizam da seguinte forma:

A existência de um Deus criador. A criação do universo e do mundo perfeitos. A criação do ser humano a imagem de Deus, com livre-arbítrio. O surgimento do pecado a partir da rebelião de Lúcifer. A queda do ser humano em pecado, resultando na perda parcial da imagem de Deus. A incapacidade do ser humano de restaurar a própria natureza sem o auxílio divino. A iniciativa de Deus para a

restauração do ser humano, através do nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. A ação do Espírito Santo no plano de restauração da imagem de Deus na humanidade caída. A educação como ministério restaurador da imagem de Deus na humanidade. O retorno de Cristo para pôr fim na história terrestre em sua fase de pecado. A restauração do mundo e dos seres humanos à condição original (CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS - UNB, 2009, p. 30)

As escolas adventistas no Brasil tomam por padrão expor nas suas paredes quadros contendo a **missão**, a **visão**, a **finalidade** e os **fundamentos** que foram estabelecidos em tom de regra principal da sua proposta pedagógica. Estas diretrizes são apresentadas aos alunos, professores e funcionários com o propósito de deixar claro qual é o propósito da escola. Ao se considerarem instrumentos para restaurar seus alunos a imagem de Deus as escolas adventistas assumem as doutrinas da IASD e declaram os princípios teológicos que baseiam as regras educacionais e que, portanto, dão ao ensino um caráter confessional. Daí é possível perceber que a proposta educacional das escolas adventistas confunde-se com as bases doutrinárias da IASD. Por fazerem parte desta Rede Educacional Nacional, o Ensino Confessional Adventista no Maranhão adotada as regras da Rede.

Esses são os preceitos bíblicos que fundamentam a Educação Adventista, a intenção é fazer do processo de ensino-aprendizagem na atualidade um reflexo das experiências educacionais e religiosas indicadas na Bíblia, em que o ensino e a fé estavam interligados e eram inseparáveis. Foi o motivo que levou a “Educação Adventista” a construir sua proposta pedagógica tendo em vista os aspectos teológicos da IASD.

Desde o início da trajetória do Ensino Confessional Adventista, ainda nos Estados Unidos, a intenção das escolas era evitar que os filhos da Igreja recebessem uma educação secularizada e, portanto, era necessário “protegê-los” desta influência, considerada por eles, ruim. Os líderes da IASD acreditavam que outras escolas, não-adventistas, eram fortemente secularizadas e não encontravam espaço para estabelecer esta relação estreita e contínua com a religiosidade, não era possível tornar as escolas extensão da igreja no aspecto físico (material), e principalmente, no aspecto espiritual (simbólico).

A “Educação Adventista” defende que a “[...] fonte do conhecimento relevado é Deus e que só ele possui a verdade absoluta, muito embora, no processo de interpretação humana essa verdade possa ser distorcida.” (UNB, 2009, p.35). Nesse sentido, não é possível dissociar a produção de conhecimento da influência divina e, para tanto, todo o processo de produção de conhecimento deve estar vinculado à necessidade da presença de Deus.

Analisando a proposta do Ensino Confessional Adventista no que concerne ao entendimento do que é o homem e do que é conhecimento, em ambos os casos as definições estão impregnadas pelo fator religioso que se remete às concepções antropológicas e

epistemológicas da própria IASD. Essa relação não se limita apenas a esse âmbito, mas está inserida na sua metodologia, no seu currículo, nas suas formas avaliativas e nas práticas escolares cotidianas, isso porque, a IASD defende que a Igreja, a família e a escolas devem trabalhar em conjunto, “ajudando a conservar a juventude na fé cristã, pois propicia a oportunidade de aceitar a Cristo como seu Salvador pessoal.” (CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS - UNB, 2009, p.13). Uma visão de ligação entre ensino e fé evidencia-se como estratégia para conservação e conquista de fiéis.

O Ensino Adventista no Maranhão indica o seu currículo escolar como “integral-restaurador”, pois abrange os objetivos educacionais e os valores espirituais. Nos registros Confederação das Uniões Brasileiras, o currículo “integral-restaurador” do Ensino Adventista apresenta-se

Como um currículo prescrito (formal) e desenvolvido (real), o qual comunica princípios e características de seu propósito educativo, explicita suas intenções, tem relação direta com o conhecimento eleito como educativo e apresenta diretrizes necessárias para a prática pedagógica na educação adventista. Trata-se de um currículo com um caráter contextual no qual se considera a inter-relação as agências educacionais: família, igreja e escola, tendo como alvo o cumprimento da missão e visão. (CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS – UNB, 2009, p. 52),

Esse currículo baseia-se nas perspectivas bíblicas que se envolvem nas diferentes disciplinas da estrutura curricular da instituição e se aplicam, de maneira mais direcionada, nas aulas diárias de religião. Todos os alunos de Educação Infantil ao Ensino Médio assistem diariamente, nos primeiros horários de cada turno, as aulas de religião. Os projetos escolares e a preparação das aulas pelos professores devem obedecer à regra áurea de se relacionar aos princípios bíblicos que se configuram em forma de valores espirituais para não infringir, nem afrontar a liberdade religiosa dos alunos que representam diferentes denominações do campo religioso maranhense, no entanto, os princípios bíblicos que são apresentados como “valores espirituais” contém as bases das doutrinas da IASD. Para organizar a prática pedagógica a partir dessa regra, os professores recebem fichas para a elaboração dos planos de aula com espaços reservados para a inclusão de temas e estratégias que relacionem os conteúdos aos valores espirituais, o preenchimento desse espaço é obrigatório. Assim, todas as disciplinas – história, matemática, literatura, ciências, física e química, por exemplo, são trabalhadas de forma interdisciplinar entre elas e com a disciplina de religião. Considerando a dificuldades que os professores enfrentam em relacionar alguns conteúdos, especialmente conteúdos da área de exatas, com os valores espirituais e morais que são previamente definidos e distribuídos nos meses do ano letivo, muitos treinamentos são realizados objetivando auxiliar

o professor a diminuir a distância entre os assuntos seculares e os espirituais estabelecidos pelas escolas.

Para ampliar a relação entre as diferentes disciplinas com os mais variados conteúdos e os valores espirituais estabelecidos para serem estudados mensalmente, em 2008 as escolas adventistas no Maranhão, implantaram o PMDE (Plano Mestre de Desenvolvimento Espiritual), a exemplo das outras escolas adventistas espalhadas pelo Brasil. Este programa espiritual direciona as atividades de cunho religioso, voltadas para valores morais e sociais e estabelece as habilidades atitudinais que devem ser trabalhadas em cada mês por professores, funcionários, administradores, alunos e família. Esses valores sociais são desenvolvidos com a contribuição de histórias bíblicas e reflexões espirituais. Segundo CASL (2010) a organização das habilidades atitudinais correspondentes às escolas adventistas no Maranhão para o ano de 2010, estruturou-se da seguinte forma:

- a) janeiro/fevereiro – **convivência;**
- b) março – **pontualidade;**
- c) abril – **adoração;**
- d) maio – **amor;**
- e) junho – **responsabilidade;**
- f) agosto – **cortesia;**
- g) setembro – **consideração;**
- h) outubro – **reverência;**
- i) novembro – **gratidão;**
- j) dezembro – **gratidão.**

É através destes valores morais que o Ensino Confessional Adventista no Maranhão introduz sua perspectiva teológica.

Os agentes do currículo escolar adventista, a saber, o educando e o educador ocupam lugares bem determinados nesta proposta educacional. O educador, em especial, precisa possuir um perfil específico, voltado para os aspectos religiosos, para o alcance dos propósitos do Ensino Adventista, ele precisa manifestar “a busca e o desenvolvimento das seguintes características”, “ser um imitador de Cristo” através do estudo da Bíblia e da oração; ter o “senso da presença divina” colocando-se como aprendiz de Cristo - o Grande Mestre; manter um “relacionamento interpessoal positivo”; manter o “equilíbrio emocional”; “profissionalismo e aperfeiçoamento constante”; “aceitação dos limites e possibilidades do educando” e fazer uso de uma “linguagem adequada”. (CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES

BRASILEIRAS – UNB, 2009, p. 34) Este ideal de professor esperado pelo Ensino Confessional Adventista, no entanto, encontra algumas dificuldades em se realizar na prática do cotidiano escolar. Frente à necessidade de contratar professores habilitados as escolas precisam empregar pessoas não-adventista, o que não é recomendado pelo núcleo representante da Associação Geral no Brasil com sede em Brasília para suprir as necessidades da rotina escolar, por esse motivo alguns problemas surgem da incompatibilidade entre o rigor teológico das escolas e os professores não-adventistas, tais como; exigências quanto ao uso de jóias, calças compridas para mulheres e ideias referentes ao evolucionismo. A maioria dos professores não-adventistas, no entanto, assume o perfil das escolas.

A preocupação com o perfil do educador é constante no Ensino Confessional Adventista. No Maranhão para o atendimento dos alunos de Educação Infantil ao quinto ano, os professores, obrigatoriamente, precisam ser adventistas. Os setores pedagógico e administrativo das escolas realizam as seleções docentes considerando esse aspecto por acreditarem que nessa idade as crianças apreendem de forma mais acentuada os ensinamentos desenvolvidos na escola, esta é, portanto, uma boa oportunidade para fixar na mentes dos alunos os valores espirituais e as lições bíblicas. A seleção dos professores do Ensino Fundamental II ao Ensino Médio acontece tendo como prioridade a contratação de professores adventistas, no entanto, pelas dificuldades de encontrar professores qualificados em todas as áreas de ensino a seleção se abre para aceitar pessoas não-adventistas. Estas são orientações respeitadas por todas as escolas adventistas no Brasil, o objetivo é criar as circunstâncias favoráveis para se confirmar uma identidade adventista, evitando que discursos e práticas contraditórios estabeleçam-se nas escolas. *Ana defende que é preciso fazer o possível para que todos os professores sejam adventistas, especialmente os que interagem com crianças de Educação Infantil ao quinto ano do Ensino Fundamental (informação verbal)*³⁸, isto porque

[...] como os menores pedem uma atenção especial, há necessidade de professores bem preparados, bem qualificados para trabalhar com essa faixa etária. Nós temos uma filosofia de ensino, a escola foi feita para alunos adventistas, infelizmente muitos não estão conosco, mas a escola foi criada para os alunos adventistas e se foi criada para os alunos adventistas nós temos que ter essa filosofia pra ser passada para esses alunos, daí a necessidade de professores adventistas e capacitados para trabalhar nesse segmento. Nós temos um número muito grande de pedagogas adventistas, se eu tenho um número grande de pedagogas adventistas porque que eu vou pegar uma não adventista? Se a escola é de adventistas eu tenho que dar espaço para os adventistas trabalharem. Com os maiores há falta de pessoas capacitadas para trabalhar no segmento. Se eu tenho uma pessoa capacitada adventista e outra

³⁸ Informação fornecida por Ana um dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

capacitada não adventista, eu vou escolher o adventista que é da escola da nossa religião.

Quanto a esse perfil de educador White (2007, p. 276) adverte:

Quando nossos professores estiverem verdadeiramente convertidos, terão fome de alma pelo conhecimento de Deus e, como humildes discípulos na escola de Cristo, estudarão para conhecer sua justiça. Retos princípios dominarão a vida, e serão ensinados com os princípios que regem a educação celestial. Quando os professores procurarem de todo o coração introduzir corretos princípios na obra educacional, anjos de Deus estarão presentes para causar impressões no coração e na mente.

Daí a importância que a Educação Adventista confere a seleção do professor, entende-se que é preciso escolher, de preferência, pessoas comprometidas com a Igreja que sejam mais que professores, que tenham um senso missionário para aproximar dos educandos e suas famílias os valores espirituais que levam as doutrinas da IASD. É por este motivo que o colégio possui, também, um pastor capelão para realizar a orientação espiritual dos alunos. Grupos de estudos bíblicos são organizados, visitas missionárias são feitas pelo pastor e pelos professores nas residências daqueles que se interessam por um estudo mais específico da Bíblia. Com esse objetivo voltado não apenas para a educação, mas também para a conversão de alunos e seus familiares, a “Educação Adventista” em São Luís do Maranhão iniciou o ano de 2010 com o batismo de uma família inteira, a saber: pai, mãe, filho (aluno da escola do Monte Castelo) e filha. Até outubro deste mesmo ano o Ensino Confessional Adventista em São Luís comemorava 100 batismos entre alunos, pais e pessoas de fora das relações escolares (DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO MARANHENSE, 2010), mais fiéis conquistados para a IASD pela ação das escolas adventistas. Assim, o Ensino Confessional Adventista assume um caráter proselitista.

A metodologia utilizada pelas escolas adventistas em São Luís obedece a um padrão, no entanto, sofrem alterações regionais. Os princípios metodológicos que regem o fazer pedagógico “servem como base teórica comum para as práticas metodológicas do currículo integral-restaurador” e obedecem às diretrizes educacionais, das quais indico algumas: a) **centralidade da Bíblia** – “todas as atividades educativas partem de uma perspectiva bíblico-cristã”; b) **integração fé e ensino** – “ao integrar fé e ensino, educador e educando são levados a refletir sobre os abrangentes aspectos da realidade, numa perspectiva cristocêntrica”, aqui os conteúdos são relacionados de forma interdisciplinar aos valores morais, sociais e espirituais; c) **progressão na abordagem e no aprofundamento dos conteúdos** – “partir do simples para o complexo”; d) **clareza e objetividade no processo de ensino** – “o professor precisa saber onde quer chegar e fazê-lo sem perder o rumo”; e)

Consideração aos valores bíblico-cristãos – “esta axiologia permeia o currículo escolar e seus agentes” (CONFEDERARAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IASD - UNB, 2009, p. 78 – 80).

A proposta educacional adventista também estabelece orientações a respeito dos modos de fazer a avaliação da aprendizagem, princípios teológicos básicos que norteiam a prática docente. Esses princípios teológicos estabelecem que as avaliações em todas as suas dimensões devem ser: **restauradoras**, inter-relacionando conteúdos com a perspectiva bíblica; **integrals**, respeitando as diferentes habilidades dos educandos; **significativas**, que promovam um verdadeiro crescimento; **contextualizadas**, considerando o tempo e espaço; **permanentes**, que sejam contínuas; **cumulativas**, evocando as aprendizagens já adquiridas; **pragmáticas**, relacionando causa e efeito; **coerentes**, com o uso do bom senso (CONFEDERARAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IASD - UNB, 2009).

2.3.1 O Regimento Escolar: As delimitações dos parâmetros de comportamento

Anteriormente tratamos da preocupação que o Ensino Confessional Adventista tem com o perfil do educador, a partir de agora realizaremos uma análise referente ao perfil dos alunos das escolas adventistas. Nesta pesquisa foi possível observar que um padrão de comportamento, de vestuário, de linguagem, de imagem é estabelecido para que todos os alunos sigam enquanto norma escolar. Em São Luís, todos os parâmetros referentes aos comportamentos dos alunos são indicados no Regimento Escolar, que é um documento público que orienta alunos e professores com o propósito de “preservar os elevados princípios educacionais e morais desta Instituição” (COLÉGIO ADVENTISTA DE SÃO LUIS, 2008, p.2).

Este documento rege a vida estudantil e é considerado “um importante instrumento no processo educativo e no desenvolvimento integral do aluno”. Nessas próximas páginas realizaremos um estudo acerca desse documento e das reações dos alunos, as quais foram observadas no contato de dois meses³⁹ com o Colégio Adventista de São Luís. Utilizaremos o CASL como referência deste estudo por ser ele a maior e a mais importante unidade representativa do Ensino Confessional em São Luís do Maranhão.

Nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2010 foi realizado um período de observação no CASL, momento este concernente à realização das matrículas e ao início das aulas de Educação Infantil ao Ensino Médio. Nas observações percebemos que no ato da matrícula o

³⁹ Utilizamos aqui a observação participativa.

Regimento Escolar era apresentado aos pais e aos alunos como condição para a efetivação do contrato escolar, só eram aceitos os alunos que concordassem em seguir todas as regras determinadas no documento, com a assinatura e comprometimento do responsável financeiro. Caso pais e alunos não firmassem o compromisso de seguir as regras do colégio, a matrícula não era efetivada em atitude concordante das duas partes. O regimento é feito da indicação dos direitos e dos deveres dos alunos no ambiente escolar, por ser um documento extenso analisaremos os aspectos que indicam a divergência entre os alunos não-adventistas e os princípios teológicos que o Ensino Confessional assume da IASD, os quais apresentamos agora. Segundo o documento é vedado ao aluno:

Corte de cabelo ou pinturas exóticas, e aos rapazes uso de cabelo comprido; Apresentar-se para as atividades escolares com uso de batons, unhas pintadas, joias, piercings, tatuagens, bonés, chinelos, saias curtas, camisetas regatas, blusas frente única, shorts, bermudas ou roupas que não condizem com o perfil do aluno do Colégio Adventista. No caso de jóias e celulares, as mesmas serão recolhidas e entregues somente aos pais no horário de aulas e extraclasse; Fazer uso de vocábulos pejorativos, ter atitudes impróprias, ou apossar-se do que não lhe pertence causando danos morais e materiais; Portar ou usar fogos de artifícios, jogos de carta e demais artigos contrários à filosofia da Instituição, bem como leitura de livros e revistas impróprias, fumar, usar bebidas alcoólicas e praticar qualquer ação viciosa nas dependências da Instituição conforme o artigo 12 e 16 da Lei 6.368/75 (Lei de Tóxicos); Usar aparelhos sonoros e telefones celulares, em horários de aula; Praticar atos desonestos e violentos, evitando postura que venha a turbar o bom andamento das aulas ministradas. Os namoros, mesmo autorizados pelos pais, não serão permitidos no ambiente escolar, entendendo-se neste caso toda forma de contato físico, como andar de mãos dadas, abraços, beijos, etc. (COLÉGIO ADVENTISTA DE SÃO LUIS, 2009, p. 12)

Nessa lista de proibições o Colégio deixa bem claro qual o perfil do aluno do Ensino Adventista. Esta pesquisa possibilitou notar que muitos alunos estavam sendo matriculados sem assim desejarem, isto porque seus pais procuravam uma escola para lhes impor limites. A proibição acerca de maquiagem, joias, cortes e pintura de cabelos exóticos causavam insatisfação em alguns estudantes, no entanto, efetivando a matrícula eram chamados a cumprir as normas sob penalidade de advertência, suspensão e, em último caso, anulação do contrato por incompatibilidade entre as partes.

Passado o período de matrícula no mês de janeiro, o início das aulas chegou. Percebemos que o processo de adaptação foi difícil tanto para alunos, que tiveram que se desfazer de um visual que lhes agradava, quanto para os professores que tiveram que saber lidar com as frustrações e revoltas. Com o passar dos dias a adaptação foi acontecendo de forma tranquila e no ano de 2010, ainda não houve casos de rejeição, a maioria dos alunos está correspondendo aos padrões de imagem do Ensino Confessional Adventista.

Investigamos alguns registros do ano de 2009 e notamos que houve uma boa aceitação das regras estabelecidas pelo Regimento Escolar, no entanto, o trabalho de padronização dos comportamentos aconteceu continuamente e quando houve quebra da regra os alunos eram orientados e advertidos. No ano de 2009 houve três anulações de contrato por incompatibilidade com as normas escolares (COLÉGIO ADVENTISTA DE SÃO LUIS, 2009).

As sanções pela desobediência às regras escolares acontecem,

Por transgressões de qualquer de seus regulamentos a Instituição poderá aplicar aos alunos que infringirem os regulamentos, segundo menos gravidade de transgressão, e o maior número de reincidências, as seguintes sanções:

1. Advertência oral;
2. Advertência escrita, sendo comunicado aos responsáveis;
3. Suspensão das aulas e atividades extraclasse, até 3 dias;
4. Transferências em caso de reincidência após 03 suspensões (COLÉGIO ADVENTISTA DE SÃO LUIS, 2009, p. 3).

Após a realização de todas as formas de sanção o caso do aluno é analisado em conselho escolar, composto de todos os seus professores, coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais, coordenadora de convivência escolar, direção acadêmica e direção geral. Após estudo do caso do aluno, se o conselho assim decidir, ele é encaminhado para o processo de descontinuidade⁴⁰ em que a escola solicita aos pais que façam a transferência do(a) aluno(a) por incompatibilidade entre aluno/família/escola, entendendo que não será positiva a relação quando não há acordo entre as partes (CASL, 2008). Todas essas etapas são antecipadas por períodos de orientação e aconselhamentos, sendo o rompimento do contrato a última alternativa.

A proposta pedagógica adventista através do seu Regimento Escolar é um instrumento de produção e confirmação de uma identidade educacional que se remete à identidade de uma entidade religiosa, a saber a IASD. Entendemos, também, esse processo de estabelecimento de um perfil peculiar e diferenciado como a tentativa de criar um *habitus* religioso, de inculcar uma visão de mundo.

Bourdieu (1996, p.49) explica que todo campo “contém o princípio de uma apreensão relacional do mundo social” que afirma que “toda a realidade que designa reside na exterioridade mútua dos elementos que a compõe.” Todos indivíduos e/ou grupos “existem e subsistem na e pela diferença”. As escolas adventistas são lugares onde relações acontecem e são direcionadas para a apreensão de princípios teológicos, para marcar sua diferença ante a outros grupos escolares e assim construir e propagar uma identidade educacional. O cuidado

⁴⁰ O processo de descontinuidade é a saída do aluno da escola – transferência.

com o perfil dos professores, da proposta escolar, dos alunos, a preocupação em indicar limites, padrões, normas, demonstram a criação de um *habitus*.

Em sua concepção de *habitus*, Bourdieu (1998) engendra um sistema adquirido de preferências, gostos, de estruturas cognitivas duradouras e de esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adequada. Ao conceber desta forma o *habitus* evidencia a ação do meio externo na formação do ser social que se estabelece a partir do que lhe é convencionalizado socialmente e do que lhe é imposto implicitamente enquanto realidade, este “pano de fundo” orienta toda a vida humana. O *habitus* cria padrões, influencia pensamentos, decisões, escolhas, ações, capacidades, direitos, deveres. A ação do *habitus* é extremamente eficaz. A grande aceitação deste *habitus*, é justificada pela forma como é inculcada, seu desenvolvimento acontece desde a infância e a escola surge como um espaço favorável para esse processo contínuo de inculcação. O *habitus* atua como o princípio não escolhido de todas as escolhas. O poder de impor uma visão de mundo social através de princípios e normas frente ao conjunto de um grupo realiza o “sentido e o consenso sobre a identidade e a unidade de um grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo.” (BOURDIEU, 1998, p. 118- 199). A lógica das Instituições “explora em seu proveito as tendências inscritas nos *habitus*”, através deles impõem disciplina e “põem no bom caminho os heréticos e os dissidentes” e asseguram, em nome dos interesses aos quais servem, a reprodução da sua identidade e da sua hierarquia. Chartier (1988) compreende as Instituições Escolares, nas suas diferentes modalidades e enquanto força criadora de hábitos, como próprias de cada grupo e por pertencer a esses grupos, serve como instrumento de inculcação dos hábitos mentais.

Bourdieu (2003, p. 349) afirma que o *habitus* poderia ser definido como o sistema de “esquemas interiorizados que permitem engendrar todos os pensamentos, percepções e as ações características de uma cultura, e somente esses.” Os *habitus* formam uma cultura e a escola, por ser criadora e propagadora dos *habitus*, monopoliza a formação e transmissão da cultura. Esse papel que a escola cumpre tem a função de um princípio estabelecido socialmente, e por meio deste princípio de consentimento realiza a “transmissão conscientemente e em certa medida inconsciente” do sistema de esquemas sociais “o qual constitui sua cultura, ou melhor, seu *habitus*, ou seja, em suma, de transformar a herança coletiva em inconsciente individual e comum.” A cultura não é somente um indicador, um código e/ou repertório comuns para responder a problemas reentrantes, ela constitui um conjunto “comum de esquemas fundamentais, previamente assimilados, e a partir dos quais se articula”, ela possui uma “infinidade de esquemas particulares diretamente aplicados a

situações particulares.” A escola é esse mecanismo que consagra e constitui, pelo adestramento, os “hábitos de pensamentos comuns de toda uma geração”.

É neste sentido que o Ensino Confessional Adventista em São Luís utiliza-se das suas normas e dos seus princípios educacionais para criar *habitus* e assim uma cultura. Alguns pais procuram o CASL com o propósito de verem seus filhos “domados” e educados por esse ensino confessional acreditando que assim protegem seus rebentos da influência negativa e permissiva do mundo das drogas, da violência, da corrupção e do inferno⁴¹. Outros encontram na “Educação Adventista” um ambiente favorável para a sustentação de uma vida cristã em continuidade a crença familiar.

Em entrevista com alguns sujeitos abordados nessa pesquisa percebemos as diferentes interpretações acerca do Regimento Escolar, Lia, que é mãe de duas alunas no CASL, informou que alguns alunos “*insatisfeitos com o regimento, por ser uma coisa bem forte, séria, eles foram para outras escolas. Expôs, também, que escolheu o colégio pela disciplina que é imposta aos alunos, entendendo que estas regras auxiliam na formação do indivíduo, a disciplina “nas outras escolas não é como a daqui, por isso coloquei minhas filhas aqui, eu zelo muito que os adolescentes estudem no CASL para conhecer os valores que em muitas escolas não tem, pela disciplina da escola muitos alunos vêm pra cá (informação verbal)*”⁴².

A preparação espiritual do colégio também é vista como ponto positivo e marcante, ressalta Tiago, que é pai de dois alunos,

o CASL ajuda na formação do caráter do aluno, por que os pais hoje eles querem que o aluno se dedique mais, porque o pai não tem tempo de cuidar no dia-a-dia dos filhos, então é uma maneira que a escola tem de ajudar os filhos a serem pessoas de bem, então, este é o ponto principal da escola adventista (informação verbal)⁴³.

Mateus, aluno do CASL desde 2007, afirma que está satisfeito com a formação religiosa que é oferecida e até defende que estes fundamentos cristãos tem lhe ajudado em algumas circunstâncias da vida, mas acredita que algumas proibições expressas no regimento resultam da interferência da IASD,

[...] tem uma coisa que eu já não concordo muito, a imposição da escola na questão de não usar joias, isso eu já discordo, mas pelo fato da minha opinião de achar que isso é mais um imposição da Igreja que interfere nas regras da escola e nos obriga a

⁴¹ Utilizo aqui o termo inferno em contraponto a ideia de Céu – lugar prometido e preparado para todos os salvos por Jesus.

⁴² Informação fornecida por Lia, um dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

⁴³ Informação fornecida por Tiago, um dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

seguir as regras da igreja, nós não somos adventistas, portanto não deveríamos ser obrigados a seguir as normas dos adventistas, escola é escola, igreja é igreja. Logo também, eu fiquei sabendo que é a Igreja que banca a escola (informação verbal)⁴⁴.

O relato de Mateus representa um grupo de alunos não adventista que é contrário ao Regimento Escolar e que acredita que algumas regras são imposições da IASD que por manter o colégio tem o poder de interferir na rotina escolar. Estes alunos entendem ser arbitrária a imposição dessas regras e as sanções indicadas aos estudantes que as desobedecem, mas apesar de pensarem assim aceitam as normas para manter a disciplina. Essa ordem recebida contribui para eliminar a crítica pessoal, Cunha (1979, p. 82) descreve que “o código disciplinar imposto pelos dominadores faz os dominados desejarem a dominação” e se adaptarem ao contexto escolar através da inculcação de princípios culturais. Segundo Cunha (1979, p. 91), uma relação pedagógica é arbitrária quando impõe e inculca um conteúdo cultural, tendo em vista que a ação pedagógica produz os modos de pensar, agir, sentir e perceber tornando-se referência na vida social e gerando o *habitus* que é “o produto da interiorização dos princípios de uma cultura”, suas influências permanecem mesmo após a ação pedagógica ter cessado.

As sanções aplicadas em detrimento do não cumprimento das regras servem como instrumento de disciplina para a manutenção do perfil de aluno idealizado e descrito no regimento e para realizar a inculcação dos princípios teológicos que regem esta proposta educacional, criando uma “docilidade” para impor limitações, proibições ou obrigações e para manter, assim, o controle. Para muitos as escolas adventistas podem ser entendidas como instituições disciplinadoras, dando a entender de que um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente. Foucault (2004, p. 75) enfatiza que a “disciplina fabrica indivíduos, ela é a técnica específica de um poder que torna os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e instrumento de seu exercício”, a disciplina induz aos olhos o efeito do poder e as sanções têm a função de evitar os desvios. Para alguns pais e alunos, no entanto, é justamente essa disciplina que os atrai ao Ensino Confessional Adventista, ao considerá-la fonte de segurança na formação do indivíduo. André, explica que

[...] muitos pais têm preocupação com o futuro dos seus filhos, porque tem muitos filhos que hoje estão envolvidos em drogas, em álcool, viciados e muitos pais se preocupam por causa disso, se preocupam com a segurança e com a saúde dos filhos, muitos deles não querem dar apenas uma educação social, mas também uma educação espiritual, que imponha limites (informação verbal)⁴⁵.

⁴⁴ Informação fornecida por Mateus, um dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

⁴⁵ Informação fornecida por André, um dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

Nesse contexto os trabalhos disciplinadores e espirituais desenvolvidos são reconhecidos por pais e alunos com uma característica positiva, muitas famílias não adventistas submetem seus filhos ao ensino das escolas da IASD por acreditarem que isso os protegerá na fase adulta. Alguns pais que possuem filhos com distúrbios de comportamento os encaminham para essas escolas na expectativa de que seus problemas sejam resolvidos.

2.3.2 O Ensino Confessional Adventista e as raízes teológicas da IASD

A relação entre as escolas adventistas e a IASD é nítida, a primeira é extensão da segunda, as escolas assumem um papel estratégico de conservação de membros e conquista de novos adeptos, a ligação de uma com a outra possibilita a continuidade dos princípios teológicos da Igreja. Este Ensino Confessional demonstra ter uma postura rígida nos direcionamentos da prática pedagógica, bem como no controle dos comportamentos, a exemplo da IASD. O posicionamento rigoroso quanto ao comportamento pessoal e social dos seus membros é uma característica do Adventismo, o cuidado no uso de roupas e indumentárias, no corte e pintura dos cabelos, no controle do grupo social, as advertências referentes aos hábitos alimentares e à utilização da linguagem permeiam as relações. Estes cuidados também podem ser percebidos nas escolas como norma de boa conduta inclusive para os alunos não-adventistas. Este perfil desenhado é reflexo dos princípios teológicos da IASD, do conjunto de doutrinas que estabelecem o modo de agir dos adventistas do sétimo dia. Assim, conhecer as raízes teológicas da Igreja permite compreender os motivos das regras de convivência e da proposta pedagógica das escolas.

Para dar fundamento às doutrinas, toda e qualquer religião precisa de raízes teológicas que são norteadas por princípios institucionais como parte básica da estrutura de uma religião. A IASD defende que suas raízes teológicas foram construídas a partir de cinco importantes elementos: a mentalidade anabatista; o restauracionismo; o metodismo; o deísmo e o puritanismo (KNIGHT, 2005).

Os anabatistas⁴⁶ esforçavam-se para impulsionar um retorno aos ensinamentos da Bíblia, afirmavam que era preciso realizar um afastamento da tradição igrejaireira e da formulação de credos para efetivar uma aproximação ao conceito de *sola scriptura* (a Bíblia somente) em que o enfoque principal estava no estudo profundo das Escrituras Sagradas. Os

⁴⁶ Os anabatistas “nunca exerceram muito impacto institucional sobre a religião norte-americana do começo do século XIX”, no entanto este espírito anabatista as denominações evangélicas da época (KNIGHT, 2005, P.29).

restauracionistas⁴⁷, assim como os anabatistas, tinham uma visão mais radical a respeito da *sola scriptura*. “Exigiam evidências bíblicas para cada proposição apresentada. A Bíblia deveria ser o único guia em questões de fé e prática. Quando as escrituras falassem, eles falariam; mas onde as escrituras silenciassem, eles também permaneceriam em silêncio.” (KNIGHT, 2005, p. 30). Não havia outro credo senão a Bíblia. No Ensino Confessional Adventista essa influência pode ser sentida na proposta pedagógica de integração entre a fé e o ensino que acontece relacionando os conteúdos escolares às histórias bíblicas.

O metodismo⁴⁸ foi o terceiro elemento determinante para a construção das raízes teológicas do Adventismo, isto porque a terceira fundadora da IASD, Ellen G. White, cresceu na Igreja Metodista Episcopal, assim White levou para o Adventismo as ênfases metodistas sobre santificação e perfeição (KNIGHT, 2005).

O quarto elemento foi o deísmo – “crença cética que rejeita o cristianismo com seus milagres e crença numa Bíblia sobrenatural.” A princípio parece ser contraditório, mas de fato as influências racionais do deísmo estiveram presentes no Adventismo. Explica, Guilherme Miller⁴⁹, um dos importantes agentes teológicos e pioneiro da IASD, foi deísta e por isso utilizava uma abordagem lógica em seu estudo da Bíblia. “Ele e sua geração viveram em um mundo que gostava muito de fazer abordagens racionais de tudo, inclusive da religião. O método evangelístico de Miller atingia mais o cérebro dos ouvintes do que seu coração.” Essa abordagem intelectual marcou fortemente o adventismo, quando uma pessoa afirma “que aceitou a “verdade” isto quer dizer que, em boa parte dos casos, que a mesma conseguiu compreender intelectualmente as doutrinas e, também, por isso as aceitou.” (KNIGHT, 2005, p.34).

O último elemento é o puritanismo⁵⁰, a influência puritana ressaltava a importância da estrita observância do sábado, da fidelidade a Deus em todo um modo de viver. “O pensamento pactual repousa sobre a idéia de que, se a sociedade é fiel a Deus, Ele a abençoará, mas se for desobediente à vontade de Deus, Ele removerá sua bênçãos.” A observância do sábado era um sinal de fidelidade (KNIGHT, 2005, p. 35). Nas escolas

⁴⁷ O restauracionismo foi uma energia vital que impulsionou muitos movimentos religiosos norte-americanos do início do século XIX. “Tendo começado por volta de 1800, o movimento visava reformar as Igrejas pela restauração de todos os ensinamentos do Novo Testamento.” (KNIGHT, 2005, P.30).

⁴⁸ A Teologia metodista invadiu a América do Norte no início do século XIX, era a denominação que mais crescia com sua ênfase no livre arbítrio, na morte de Cristo e na idéia de que o Espírito de Deus trabalhava nas pessoas, entre outras (KNIGHT, 2005).

⁴⁹ Guilherme Miller estabeleceu um cálculo de que Jesus voltaria por volta do ano de 1843, grande frenesi e especulação foram incorporados aos crentes da época. As previsões de Miller não se cumpriram e geraram o “grande desapontamento.”

⁵⁰ “Desempenhou papel preponderante na formação do mundo conceitual dos norte-americanos do século XIX.” (KNIGHT, 2005, p..34).

adventistas a fidelidade a Deus deve ser alcançada através do estudo da Bíblia, oração e testemunho, este último pode ser conferido pela manifestação de um bom comportamento e pelo compartilhamento da fé. A doutrina do sábado é apresentada de forma muito cuidadosa e opcional para não ferir as diversas religiões representadas no ambiente escolar. No entanto, a proposta educacional adventista no início da sua trajetória, e como havia sido pensada por Ellen White, possuía a intenção de preparar os filhos da igreja e por este motivo tratar das doutrinas da IASD deveria ser algo natural. Com a abertura do Ensino Adventista para atender pessoas de outras religiões a postura pedagógica precisou ser adaptada para não confrontar a liberdade religiosa dos alunos e, desta forma, as doutrinas fundamentais da IASD passaram a ser oferecidas de forma opcional e somente para os que tivessem interesse.

A escola é um espaço oportuno para o desenvolvimento de valores e da conscientização “do fenômeno religioso na cultura das novas gerações” (AFONSO, 2008, p.5). No entanto, este espaço e este tempo oportunos para a proliferação de uma consciência religiosa encontram nas salas de aula ideias contrárias, opostas, que conflitam com os dogmas religiosos através de conteúdos da ciência ocidental, tais como o evolucionismo e o materialismo histórico entre outros. O Ensino Confessional Adventista é um exemplo deste cenário de concepções contrárias que surgem em relação às normas das escolas, uma vez que este ambiente confessional está repleto de representações de outras religiões.

Para manter a unidade entre a proposta pedagógica das escolas e as doutrinas da IASD no Brasil, algumas orientações são dadas para a constituição e o funcionamento do Conselho Escolar. Estas orientações são indicadas em um manual de normas e procedimentos. No Manual da IASD é indicado que devem fazer parte do Conselho Escolar um ou mais membros da Igreja que “podem ser escolhidos dentre os membros da Comissão da Igreja, de modo que o Conselho Escolar fique intimamente relacionado com a Comissão da Igreja.” (MANUAL..., 2007, p. 118). O mesmo também indica que

O pastor da igreja deve ser membro do Conselho Escolar. Onde a escola é mantida por mais de uma igreja, a prática geral é que os pastores das igrejas envolvidas sejam membros do conselho escolar. Em escolas do Ensino Fundamental, o (a) diretor (a) da escola deve ser membro do conselho. (MANUAL..., 2007, p. 118).

Todo o funcionamento das Escolas Adventistas é pensado por um grupo de representantes da Igreja e da escola, e só deverão participar do Conselho pessoas escolhidas por sua “consagração, por sua crença nos princípios da Educação Cristã e lealdade a eles, por seu bom senso e tato, **devem crer nas orientações e recomendações educacionais da denominação, e estar dispostos a segui-las**” (MANUAL..., 2007, p. 120, grifo nosso). O

diretor da escola não possui autoridade maior que a do Conselho, não cabe a ele tomar sozinho decisões importantes, tais como; investimentos financeiros, admissões, demissões, etc. Todas as decisões importantes passam pelo Conselho Escola e conseqüentemente pela liderança da Igreja. O manual recomenda que

[...] o Conselho Escolar da Escola Fundamental é uma importante organização da Igreja local, os membros desse Conselho devem ser escolhidos com grande cuidado. As pessoas que não crêm na Educação Cristã, ou que não simpatizam com o seu programa, não devem ser nomeadas como membros do Conselho Escolar. A convicção quanto aos planos de origem divina, a fé, a coragem e a compreensão, são essenciais para um bom êxito neste e em outros empreendimentos. (MANUAL..., 2007, p. 120)

Estes cuidados quanto à denominacionalização das escolas reflete o interesse de manter o controle sobre as práticas escolares para que estas sejam continuidade das práticas da Igreja. As escolas Adventistas em São Luís constroem o calendário anual de atividades a partir do calendário da Igreja, e em diferentes programas da IASD as escolas atuam como força auxiliadora de propagação da mensagem adventista. Tudo o que temos analisado até aqui só confirma o caráter confessional e proselitista dessas escolas. Ludke (2005, p. 117) entende as escolas confessionais “como aquelas que professam uma fé e, a partir dela, descrevem uma filosofia de ação, pautada nas doutrinas da fé que professam, como sendo um marco diferencial das demais instituições,” e assim foi construído o perfil do Ensino Confessional Adventista.

A busca por poder, a confirmação ou a anulação deste poder está implícito e explícito nos jogos que se constroem socialmente. Como foi defendido por Foucault (1982), o poder se impõe por meio das estratégias. Em Bourdieu (1998) o conhecimento prático do mundo social é abalizado por esquemas classificatórios (estruturas estruturantes) que são produtos da incorporação da ordem social (estruturas estruturadas). Esta incorporação se dá através do *habitus* que é constituído de um conjunto de disposições convencionadas, de regras e princípios que devem ser obedecidos pelos indivíduos que almejam participar de um determinado campo. O senso comum é construído nas bases da estrutura social, é o produto da absorção dessa estrutura que constitui a ordem na sociedade, e que é comum a todos os indivíduos. O *habitus* cria os padrões sociais, a ideia de comum é fortalecida através do *habitus* que se estabelece como o poder gerador e unificador. Os campos não são estanques, são espaços de luta, são o cenário do “jogo” em que acontece a distribuição do capital cultural, social e econômico. Estes campos são regidos por normas que são arbitrariamente instituídas, neste cenário de luta as relações são norteadas pela *illusio* que mascara a

realidade. Assim, todos os indivíduos da sociedade sofrem as influências do *habitus* e da *illusio* e estão inseridos conscientemente ou não no “jogo”, alguns como agentes sociais que manipulam e outros que são passivos neste processo. É neste contexto de “jogo” que a violência ocorre e se aplica nas relações sociais na tentativa de garantir a dominação. Chartier (1988) enfatiza a apropriação como resultado do uso de um sistema particular que se impõe através de um modelo enunciado e cria “um esquema de modelização”⁵¹ que também é um dispositivo de controle e condicionamento.

Assim, considerando o estudo realizado neste capítulo foi possível entender que, a partir do desejo de expansão da IASD por todos os estados brasileiros, um plano missionário nacional foi construído e seu desenvolvimento aconteceu mais predominantemente pela ação dos colportores nas regiões Norte e Nordeste. Com o campo religioso maranhense diversificado pela presença de diferentes religiões, a IASD encontra um ambiente propício para sua inserção e desenvolvimento. Com a igreja estabelecida à instituição educacional adventista se insere no Maranhão adotando uma postura confessional e proselitista, sua proposta educacional é uma extensão dos princípios teológicos da IASD.

⁵¹ Utilizamos o conceito de “esquema de modelização” de Chartier (1990) que realça a “materialidade dos dispositivos de conformação da leitura.”(GONDRA, 2005, p. 54).

CAPITULO III

MÉMOIAS DO ENSINO CONFSSIONAL ADVENTISTA EM SÃO LUÍS E OS FATORES QUE CONTRIBUÍRAM PARA A SUA EXPANSÃO



Figura 7 - Colégio Adventista no ano de 1991, parte onde hoje é a quadra.

Fonte: CASL, 2010

O atributo mais imediato da memória é dar continuidade a um tempo, fazer com que esse tempo persista mesmo em face às mudanças, às rupturas pelo caminhar natural da vida humana. A memória constitui “um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros”, nas distinções dos diferentes olhares que repousam sobre os fatos e que dão a estes uma releitura singular, essas distinções se justificam “na escala dos indivíduos ou na escala de um grupo social, ou mesmo de toda uma nação” (HALBWACHS, 2006, p. 51). Afinal, “esquecer é morrer” e o cultivo das lembranças, das recordações é uma herança preciosa que deixamos da nossa “humanidade para a humanidade”. Esse processo de presentificação é como “um profundo dom de imortalidade a nós ofertado”. O grupo transmite, “retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. O tempo da memória é social”, porque repercute no modo de lembrar individual (BOSI, 2004, p. 30).

Neste capítulo faremos um estudo investigativo acerca da memória do Ensino Confessional Adventista através do CASL, sua maior representação no Maranhão com 1.310 alunos. A chegada da IASD no Maranhão viabilizou o estabelecimento da sua principal instituição – O Ensino Confessional Adventista. Em São Luís essa proposta educacional é representada por três escolas e um colégio⁵², os quais juntos atendem 2.100 alunos. A história dessa rede de ensino é permeada por conflitos, crises e transformações e é marcada pelo descaso em relação à preservação dos registros históricos, o que dificultou a realização dessa pesquisa. Analisaremos fontes orais e escritas com o propósito de reconstituir a trajetória de desenvolvimento dessa instituição, compreendendo as seguintes fases: **Criação e Funcionamento Precário (1943-1960); Reformas e o Fortalecimento da Escola de Enfermagem (1961-1970); Conflitos, Disputa pelo Espólio e o Fechamento da Escola de Enfermagem (1971-1983); A Superação das Limitações estruturais e a Inauguração do CASL (1984-1991); A Expansão (1992-2010)**. Durante toda a tessitura dessa trajetória utilizaremos as falas dos entrevistados, apresentados na introdução desse trabalho, para rememorar as lembranças e construir significados que possam contribuir para a construção desse cenário histórico. Após esse momento de reminiscência estudaremos os índices e os fatores que contribuíram para a expansão da instituição a partir das percepções pautadas nas falas dos sujeitos.

⁵² Escola da COHAB, Escola do Monte Castelo, Escola da Cidade Operária e Colégio Adventista, todos em São Luís

Utilizaremos, como fontes orais, os relatos de professores, alunos, ex-alunos, pais de alunos e de uma ex-diretora da primeira escola adventista em São Luís que vivenciaram os períodos estabelecidos nessa pesquisa, para trazer a lembrança os contextos históricos em questão. As falas dos diferentes sujeitos suscitados aqui são recordações de acontecimentos e sentimentos do passado que orientam o nosso olhar sobre o presente. Registramos relatos de histórias de vida, práticas docente e discente, desabafos, fazendo uma reinterpretação desses acontecimentos já interpretados através da análise dos discursos e entendendo que a história “[...] geralmente depende dos olhos e da voz de outrem: nós a enxergamos através de um intérprete que se coloca entre os acontecimentos passados e a nossa compreensão dos mesmos” (LOWENTALL, 1998. p. 113).

O tratamento dos dados, neste capítulo, acontece obedecendo a uma seqüência cronológica para evidenciar as etapas de desenvolvimento do CASL, partindo de micro-temas ou micro-histórias. Os relatos são analisados considerando como foram localizados os sujeitos; o local de onde os sujeitos falam; as introspecções; as inseguranças e temores relacionados à abordagem de eventos conflituosos e as estratégias de aferição.

3.1 O Ensino Confessional Adventista em São Luís: Criação e Funcionamento Precário (1943-1960).

Como tem sido dito neste trabalho, a história da IASD e das suas instituições educacionais se confundem e são intrínsecas, em São Luís não é diferente. Após as conferências bíblicas⁵³ que resultaram em vários batismos em 1942, houve a necessidade de encontrar um lugar apropriado para que os membros se reunissem e pudessem organizar um trabalho missionário de expansão com o objetivo de fundar outras igrejas na cidade. As conferências foram direcionadas pelos pastores Gustavo Storch e Walter Streithorst vindos do sul em missão expansionista para organizar a IASD em São Luís, antes da chegada desses pastores, os poucos adventistas que existiam se reuniam na sala de visitas da casa do líder leigo desse grupo - o irmão Sérgio (LIMA, 1995). Novas conferências foram preparadas para a conquista de mais membros, estas reuniões aconteceram no Cassino Maranhense que foi alugado especificamente para esta finalidade, no entanto, era necessário encontrar um ambiente que oferecesse aos encontros religiosos um “tom” de igreja. Assim, um casarão no antigo ex-convento Nossa Senhora do Carmo, na Rua da Paz, centro de São Luís, número 476 (sobreloja) foi alugado para a realização das reuniões, o ambiente inicial foi adaptado para

⁵³ Série de palestras religiosas baseadas no estudo da Bíblia para a conquista e batismo de novos membros.

receber os membros e estabelecer provisoriamente a igreja. No térreo havia uma mercearia, o restante do espaço era composto pela sobreloja - local alugado pela Igreja, e um espaçoso quintal cimentado. A parte exterior do casarão de dois andares era recoberto por “azulejos importados de Portugal, esse imóvel hoje faz parte do Patrimônio Estadual do Maranhão” (LIMA, 1995, p. 18). Para que os cultos fossem realizados era necessário estruturar o ambiente e dessa forma

[...] o salão de culto foi mobiliado com 100 cadeiras, estrado, púlpito, mesinha para a escola bíblica e piano. Os pastores se instalaram nos dois quartos maiores do casarão. Logo com a saída do Pr. Storch, o Pr. Walter, convidou o irmão Sérgio e sua esposa – missionários leigos, para ocuparem os aposentos vagos (LIMA, 1995, p. 18).

A sobreloja possuía um salão com um espaço adequado para organização de uma igreja, além de outros quartos que serviram para manter membros e pastores que lideravam a IASD em São Luís. Mesmo com a ocupação de duas famílias, a sobreloja ainda oferecia muito espaço vago e, assim, os líderes da igreja decidiram criar uma escola paroquial e uma miniloja para a venda do material produzido pela Editora da IASD (LIMA, 1995). Aqui é possível perceber que desde o início da trajetória da Igreja Adventista em São Luís as bases de manutenção estruturadas (escola e editora) nos Estados Unidos acompanharam o seu desenvolvimento compondo e fortalecendo sutilmente essa identidade e definindo o seu lugar no campo religioso maranhense, progressivamente as dimensões dessas instituições foram se alargando dando sustentação ao crescimento da Igreja.

Com o funcionamento da Igreja em 1942, rapidamente a preocupação em oferecer um ensino com a proposta adventista tomou conta dos membros que desejavam proteger seus filhos das más influências de uma educação secularizada. A primeira Escola Adventista foi iniciada em 1943, quando a igreja ainda ocupava o sobrado na Rua da Paz. Nesta escola funcionaram as primeiras turmas de Educação Infantil sob a direção da professora Odete Anchieta Diniz que também lecionava (SARAIVA, 2000).

É importante enfatizar que o casarão não oferecia condições apropriadas para o funcionamento de uma escola de Educação Infantil, não havia estrutura para receber crianças menores de seis anos, bem como recursos financeiros para investir no melhoramento do ambiente escolar. As condições de funcionamento eram, portanto, precárias. Com a compra do terreno para a construção da igreja um projeto foi feito com o planejamento de criar uma escola. Mesmo com o aumento do número de membros, após as conferências, ainda não havia condição financeira para a construção. Somente sete anos depois, em 1949, um terreno foi

comprado na Rua Celso Magalhães e a construção foi iniciada, sendo concluída dois anos mais tarde, em 1951, para a inauguração da IASD Central (SARAIVA, 2000).

Confirmando o pensamento protestante - “Cada Igreja, uma escola”, mesmo sem estrutura financeira, o projeto de construção já indicava a feitura de uma escola. Assim, foram construídas a igreja, uma sala de aula para a realização de um Ensino Cristão que atendia 30 crianças e a casa do zelador. Em 1952, no quintal da IASD Central, foi ampliada a primeira Escola Adventista de São Luís; quando a escola reiniciou o seu funcionamento, outras salas foram construídas e até a casa do zelador foi utilizada como secretaria em consequência da procura, cada vez maior, por vagas. Essa obra de ampliação foi viabilizada pela contribuição financeira dos membros,

[...] os irmãos contribuíram com mais de sete mil cruzeiros para a compra do material e a cada domingo e feriado os pedreiros e jovens da igreja trabalhavam arduamente, das 7h às 17h, enquanto as irmãs mandavam alimentos para aproveitarem o tempo. Dias houve que trabalharam até as 23h para concluir os preparativos da inauguração prevista para o dia 25 de dezembro de 1952. Tudo pronto, o secretário-tesoureiro da Missão esteve presente fazendo a solenidade de cortar a fita que daria entrada às crianças no novo ambiente escolar (LIMA, 1995, p. 21).

Com as reformas feitas, um número maior de alunos foi atendido, o que ocasionou a contratação de três professoras que passaram a trabalhar sob a direção da professora Nair Bessa, “a escola atuou com matrículas de 120 alunos, até o antigo quinto ano primário” (CASA PUBLICADORA BRASILEIRA, 1953, p. 10), a professora Nair, que trabalhava informalmente, foi registrada no Departamento de Educação Estadual. Em 1953, o Pr. Bessa, esposo da professora Nair, deu a seguinte declaração: “a nossa escola primária, com o curso equiparado às escolas públicas do Estado, teve no ano passado findo, uma matrícula de 140 alunos guiados por quatro professores” (CASA PUBLICADORA BRASILEIRA, 1953, p. 8). A comparação feita entre a escola adventista primária e as escolas da rede pública pretendia demonstrar que a escola adventista alcançava um nível, cada vez mais, organizado e respeitado em São Luís, demonstrando força para competir com o sistema público de ensino. Em 1960, sob a liderança do pastor Eduardo Pereyra, a escola foi novamente ampliada nos seus aspectos estruturais e melhorada pedagogicamente, foram construídas mais duas salas de aula.

Tabela 2 - Cronologia dos Eventos entre 1942 -1960

Datas	Eventos
1942	Início das conferências bíblicas e chegada dos pastores Gustavo Storch e Walter Streithorst vindos do sul em missão expansionista para organizar a IASD em São Luís.
1943	Início da primeira escola adventista de São Luís num sobrado na Rua da Paz (centro da cidade).
1949	Compra do terreno na Rua Celso Magalhães (centro da cidade) para a construção da Igreja Central da IASD, feitura do projeto de construção de uma sala de aula para atender 30 alunos.
1951	Inauguração da igreja central e mudança de local da primeira escola adventista para o terreno da igreja com apenas uma sala de aula.
1952	Ampliação da primeira escola adventista e inauguração do novo ambiente escolar.
1960	Nova ampliação – Construção de mais duas salas de aula.

Fonte: A pesquisadora, 2010

Num primeiro momento o *interesse* da IASD pela educação não estava voltado para o mercado educacional e sim para a conservação dos seus membros. Bourdieu (1996) considera importante questionar o interesse que os agentes podem ter em fazer o que fazem. Sendo assim, é preciso entender esse interesse da IASD pela educação. Os agentes não realizam algo de forma gratuita, “a palavra gratuito remete, em parte a ideia de não motivado, de arbitrário,” pode ser entendido também como o que não é pago, que não custa nada, que não é lucrativo. O interesse das pessoas que ocupam posição em um campo está relacionado ao acordo oculto e tácito de que vale a pena lutar. Podemos tomar “como lei antropológica universal que há lucro (simbólico e, às vezes, material) em submeter-se aos critérios oficiais de um campo, em dar-se a aparência de virtude, em curva-se, exteriormente à regra oficial de um grupo.” (BOURDIEU, 1996, p. 219).

O reconhecimento universalmente concedido à regra oficial faz com que o respeito, ainda que formal ou fictício, à regra assegure lucros de regularidade e de regularização (em regularizar uma situação). Consequentemente a regularização é a estratégia universal da legitimação (BOURDIEU, 1996, p. 220).

Quanto maior o número de indivíduos regularizados a uma regra oficial, maior será o poder legitimador e aquele que se conforma às regras coloca o grupo ao seu lado. Esta é a estratégia de oficialização pela qual os agentes manifestam sua “reverência pela crença oficial do grupo, são as estratégias de universalização que atribuem ao grupo o que ele exige

acima de tudo, isto é, uma declaração pública de reverência pelo grupo e pela representação que ele pretende dar e dar-se a si mesmo.” (BOURDIEU, 1996, p. 218).

Visto desse ângulo o interesse da IASD pela educação justifica-se na tentativa de ampliação e de consolidação da sua influência no campo religioso de São Luís, quando seus agentes estabelecem estratégias de crescimento confirmam um interesse não gratuito, mas compensatório. Cada grupo “produz uma forma de interesse que do ponto de vista de outro campo pode parecer desinteressante.” (BOURDIEU, 1996, p. 149).

De fato, a escola é um eficaz agente formador de opinião e de perspectivas, estando ela a serviço de uma obra proselitista, os que estiverem sob sua tutela receberão suas influências. É preciso entender a importância do papel da Instituição Educacional que é esse lugar particular numa redistribuição do espaço social, é ela que tem a função não apenas de dar uma estabilidade social a um pensamento religioso, “ela o torna possível e, sub-repticiamente, o determina.” (CERTEAU, 1988, p. 70).

3.1.1 O Cenário Maranhense no Período

No momento em que o Ensino Confessional Adventista iniciava sua trajetória em São Luís (1943), a educação no Brasil passava por um processo de organização escolar no contexto do modelo nacional desenvolvimentista com base na industrialização (1937-1955) marcado pelo “crescimento cada vez mais acelerado de forças econômico-sociais novas no contexto brasileiro, forças essas surgidas antes de 1930” (MOREIRA FILHO, 2008, p. 128). A educação brasileira, nesse período, se inseri na ideia de reconstrução da Nação

[...] evidentemente o novo Estado necessitava que a educação escolar concorresse para promover esses valores atribuídos à família, à religião, à Pátria e ao trabalho – que circulavam desde os anos 20 – para serem aceitos nacionalmente, por toda a sociedade, como bases de uma nação moderna. A questão que se coloca é que, servindo à Nação, a educação servia ao Estado, instituidor da Nação (MOREIRA FILHO, 2008, p. 99)

Dessa forma, as linhas ideológicas que desenharam a política educacional do período vão estar pautadas pelas diretrizes instituintes do Estado Novo: “centralização, autoritarismo, nacionalização e modernização”. Aqui a educação passa a desempenhar um papel de alta importância política enquanto “instrumento de conformação e controle da sociedade” (MOREIRA FILHO, 2008, p. 98).

Após a promulgação da 4ª Constituição Republicana “que não diferia, em essência da de 1934”, a educação reafirmava alguns princípios de “democratização” propiciando um

ataque ao analfabetismo que apresentava índices muito altos. Em 1940, 56% dos brasileiros não sabiam ler e escrever, em 1950, 50% da população brasileira era analfabeta (MOREIRA FILHO, 2008, p. 130).

O processo de redemocratização do País em 1946 não rendeu novidades significativas, no Maranhão os novos partidos “[...] refletiam velhos agrupamentos e, por sua vez, reminiscências do Maranhão do século XIX”, isso representava a permanência de um sistema oligárquico “que sobreposto a uma realidade econômico-social apenas parcialmente varrida do escravagismo, retinha nas mãos de poucas famílias o comando político que lhe advinha”. A permanência do sistema oligárquico garantia a mesma arrumação econômica e social, e, assim em todo o século XX o poder econômico se concentrou na relação de oligopólio⁵⁴ constituída de alianças latifundiárias. Os grupos políticos se organizavam em situacionistas ou opositores e mesmo em lados opostos “[...] compunham nas suas cúpulas uma unidade social”. A população do Estado era constituída com 82% da população vivendo no setor rural, apresentando um índice de 72% de analfabetos concentrados na zona rural. Na capital, vários núcleos urbanos foram sendo criados com a maioria dos seus habitantes “[...] composta por imigrantes que não tinham compromisso com o *status quo* maranhense” (MOREIRA FILHO, 2008, p. 27). O Maranhão possuía uma cultura de subsistência com a produção de arroz, babaçu e algodão, houve o crescimento do hinterland com o extrativismo desses produtos. A SUDENE considerava o Estado um

Celeiro estratégico da região. Boas terras, se comparadas com as do Nordeste, muita água de superfície e subterrânea, previsíveis condições climáticas, com estações bem definidas, bacia hidrográfica contando com rios piscosos e perenes, cobertura vegetal quase intacta na época, grande oferta de proteína animal e milhões de hectares de terras devolutas (MOREIRA FILHO, 2008, p. 40).

A arrecadação era basicamente político-partidária visando à manutenção do poder em detrimento dos baixos níveis de escolarização da sociedade, especialmente na zona rural, o que facilitava a corrupção e a exploração. O Estado possuía “[...] grande parte do setor primário, onde cerca de 40% da população se dedicava a cultura de subsistência, não pagava imposto, não tinha renda e o consumo da agricultura tinha índices elevados” (MOREIRA FILHO, 2008, p. 58). O alto consumo da população chegava a 30% do Produto Estadual Bruto prejudicando o processo de exportação. Dessa forma, a geração de renda era radicalmente comprometida tanto para o produtor, quanto para o Estado.

⁵⁴ “1 - Mercado no qual um pequeno número de grandes vendedores se confronta com infinidades de pequenos compradores; 2 – situação de um mercado em que a concorrência é imperfeita do lado da demanda, devido à presença de um número muito ilimitado de compradores” (MOREIRA FILHO, 2008, p. 28).

A educação era o outro grande desafio, com a concentração da população na zona rural, o Estado possuía um baixo nível de escolarização, as dificuldades de estrutura física, formação de professores, investimentos públicos se somavam às resistências culturais resultando num baixo índice de “[...] absorção creditícia e tecnológica de seu contingente populacional”, estes eram grandes obstáculos para o desenvolvimento e a modernização do processo agrícola maranhense (MOREIRA FILHO, 2008, p. 27). Com um contexto educacional precário havia uma vontade social, que se evidenciou nos anos de 1950 e 1960, pela educação e em busca de escolas.

O campo religioso maranhense tinha o seu enfoque em duas religiões “ao mesmo tempo antagônicas e complementares, o catolicismo e o protestantismo”. Este era o primeiro passo para “compor mais amplamente o campo religioso maranhense em sua diversidade e complexidade, inserindo na análise as religiões afro-brasileiras” (SANTOS, 2006, p.78).

3.2 Reformas e o Fortalecimento da Escola de Enfermagem (1961-1970).

O período de 1961 a 1970 marca a busca por iniciativas pela melhoria estrutural e pedagógica da primeira escola adventista em São Luís. Em 1967, a escola recebeu o nome de IAMA (Instituto Adventista Maranhense) – atendendo cursos primário e ginásial (SARAIVA, 2000). Esse instituto permaneceu no “quintal” da IASD Central até 1990 com uma estrutura física limitada e sem grandes investimentos na área pedagógica. Segundo Ana, *as salas feitas atrás da igreja permaneceram no decorrer do tempo e atualmente são utilizadas somente para o acompanhamento religioso de crianças, adolescentes e jovens, bem como para reuniões de planejamento dos líderes* (informação verbal)⁵⁵.

Ainda sem estar reconhecida pelo MEC⁵⁶, o IAMA⁵⁷ começava os trabalhos para a regularização dos procedimentos e dos documentos a fim de acelerar o processo de reconhecimento da escola e receber autorização permanente para o seu funcionamento. Nesse período, o instituto oferecia o Ensino Fundamental até a quarta série e o curso técnico de enfermagem inaugurado em 1969 pela irmã Alice Freitas (LIMA, 1995). Nesses anos o curso de enfermagem era bastante procurado e possuía um bom movimento de alunos adventistas e

⁵⁵ Informação fornecida por Ana, um dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

⁵⁶ Ministério de Educação e Cultura.

⁵⁷ Instituto Adventista Maranhense

não-adventistas. De acordo com Sara este curso técnico acontecia *lá nos fundos da igreja e tinha muitos alunos (informação verbal)*⁵⁸.

Esta pesquisa tem revelado que a IASD, desde o início da sua trajetória, investiu em escolas, editoras e hospitais, com a intenção de construir uma identidade religiosa, de criar opções de trabalho e de atender os membros da igreja. Por este motivo, onde a IASD se estabelece busca meios, quando possível, para o desenvolvimento dessas instituições. As grandes capitais como o Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Belém, por exemplo, conseguiram alcançar esse alvo.

A escola de enfermagem recebeu muitos alunos adventistas que estavam sem opção de trabalho e se interessaram em adquirir a formação profissional na expectativa de conseguir um emprego no Hospital Adventista de Belém ou nos hospitais da cidade de São Luís. Segundo Sara alguns membros da Igreja concluíram o curso técnico e *até conseguiram se aposentar com esta formação. Sem a escola de enfermagem eles não teriam esta oportunidade.*

A escola de enfermagem surgiu da iniciativa de Alice Freitas que era membro atuante da IASD em São Luís e não possuía nenhuma formação acadêmica, sua motivação para abertura desse curso técnico veio da própria proposta da Igreja através do tripé de sustentação já analisado neste trabalho.

Em 1968 a IASD em São Luís ainda não era independente financeiramente e, portanto, não possuía sua própria sede administrativa, dependendo, assim, da Missão Costa Norte com sede em Fortaleza. A administração da Igreja e da escola era realizada à distância com algumas eventuais visitas para supervisão dos procedimentos gerais. Cabia a Missão Costa Norte decidir quem iria dirigir o IAMA e assim escolheram, a priori, Alice Freitas considerando o trabalho e o interesse pela escola de enfermagem. No entanto, não foi possível para Alice assumir, visto que não tinha formação acadêmica para tanto. Assim, O departamental de educação⁵⁹ da Missão Costa Norte, pastor Valdomiro, nomeou a professora Ogla Feitosa para o cargo de diretora do IAMA.

Em 1970 a escola já havia passado por algumas reformas, porém, poucas melhorias foram feitas, isso porque os recursos financeiros eram bastante limitados. A escola pagava com dificuldade suas dívidas e enfrentava problemas para assumir suas responsabilidades salariais frente aos seus funcionários, não deixando, no entanto, nenhuma pendência nos pagamentos. Preso ao quintal da IASD Central e com dificuldades financeiras,

⁵⁸ Informação fornecida por Sara, um dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

⁵⁹ O departamental de educação é a pessoa responsável pela coordenação de todas as escolas da sede administrativa.

o IAMA não conseguia encontrar maneiras para crescer. Havia muita procura, porém, não era possível ampliar o atendimento. Nesse momento, o IAMA deixa de se preocupar somente com a oferta de um ensino confessional adventista para os filhos da Igreja e decide criar estrutura para entrar no mercado educacional de São Luís e aumentar seu número de alunos, adventistas e não-adventistas.

Tabela 3 - Cronologia dos Eventos entre 1961 -1970

Datas	Eventos
1967	Estabelecimento do nome IAMA (Instituto Adventista Maranhense), atendimento dos cursos primário e ginásial.
1969	Inauguração da Escola Técnica de Enfermagem.
1970	Conclusão de algumas reformas e dificuldades financeiras.

Fonte: A pesquisadora, 2010

3.3 Conflitos, Disputa pelo Espólio e o Fechamento da Escola de Enfermagem (1971-1983)

Com a decisão de ampliar a oferta do seu serviço no mercado educacional de São Luís o IAMA intensifica seus esforços para conseguir a regularização de funcionamento mediante o processo de reconhecimento junto ao MEC. Muitas dificuldades e conflitos, no entanto, marcam o período que culmina com o fechamento da Escola de Enfermagem por incompatibilidade no relacionamento entre igreja e escola.

Este período, também, revela uma personagem fundamental para o crescimento do Ensino Confessional Adventista em São Luís – Dinah Freire⁶⁰. Em 1971 Dinah, já muito idosa, faleceu e deixou a sua herança em nome da Igreja. “Entre o espólio havia cinco casas, todas no centro da cidade”, com excelente localização (SARAIVA, 2000, p. 45). A família, não conformada com a perda do espólio, entrou em diligência com Igreja e houve assim uma batalha judicial. Dinah Freire havia feito em cartório um testamento deixando todos os seus bens para a IASD, a disputa judicial durou vários anos e a Igreja conquistou o direito garantido pelo testamento de Dinah a tomar posse das cinco casas. Essas casas foram vendidas e com o valor da venda foi comprado um espaçoso terreno na Avenida Daniel de La

⁶⁰ Não há informações mais específicas a respeito de Dinah, o que se sabe é que ela era uma fiel devota da IASD e vivia sozinha, a família não a apoiava na sua religião.

Touche – Maranhão Novo para a construção da sede administrativa, até então, Missão Maranhense, e do Colégio Adventista de São Luís – o antigo IAMA (SARAIVA, 2000) .

Todo este processo, no entanto, foi permeado por conflitos. De acordo com Sara o terreno da escola foi conseguido com a junção de valores *que a igreja tinha somado com o dinheiro do terreno da Irmã Dinah, ela era uma irmã que morava no centro e tinha quatro casas além da dela que ela morava.*” Antes de morrer Dinah deixou todos os seus bens para a igreja mesmo em oposição a família, *“na época o presidente da União veio aqui e fez dois atestados de sanidade mental, por dois médicos diferentes e guardou tudo num cofre”*. Na disputa judicial pelos bens de Dinah estes atestados foram determinantes para garantir a causa em favor da Igreja. Sara afirma que *“ela tinha baús de joias, as joias não ficaram pra igreja, porque a igreja foi boba, podia vender que ia dar um bom dinheiro, mas preferiu deixar as joias pra família.”*

Outros conflitos marcaram este período, a relação entre o IAMA e a Igreja Central era marcada por desentendimentos. Segundo Sara, o IAMA tinha problemas com sua documentação e, portanto, enfrentava dificuldades em concretizar o seu reconhecimento. A escola de enfermagem era a que mais sofria com esses problemas, visto que muitos professores não eram habilitados para lecionar as disciplinas técnicas, havia muitos professores não adventistas, o que não era bem aceito pela Igreja. *“O Conselho queria que as escolas de enfermagem partissem do Ensino Médio, isso que dificultou. Aí a Igreja não teve interesse, eu digo assim, não se preocupou com a melhoria da escola, o problema ficou só com o IAMA”*. De acordo com Sara a escola de enfermagem possuía muitos alunos *“todos os alunos que faziam prova para o INSS tiravam o primeiro lugar, era uma escola bem vista na sociedade, abriu um leque de oportunidades para os membros da Igreja.”*

Um dos principais problemas desse período era a formação do professor, Sara afirma que para a escola de enfermagem receber o reconhecimento do MEC era necessário regularizar a documentação dos professores. *“Nós só tínhamos autorizações provisórias, acabava o tempo e nós tínhamos que renovar, como na escola tudo tinha que vir da Missão Costa Norte os processos eram demorados, aqui no Maranhão não tinha nada”*.

Os conflitos entre os líderes da Igreja Central e o IAMA se intensificaram, a igreja não apoiava o funcionamento da escola no terreno que lhe pertencia. Segundo Sara houve muitas perseguições dos membros contra a escola. *“Olha, é um negócio, assim, que não dá pra gente entender, olha era tão sério o problema que nós achávamos na rua a documentação da escola, toda jogada,”* lembra Sara. Segundo a entrevistada, algumas pessoas que trabalhavam na escola participavam dessa perseguição e viabilizavam o acesso

aos documentos, isto complicava ainda mais o processo de reconhecimento do IAMA que tinha seus registros dispersados. Sara enfatiza que as pessoas não queriam dividir a igreja com a escola, tanto que “a escola de enfermagem acabou. Veio o diretor do Hospital Belém, Abraão Dantas, veio a enfermeira-chefe do Hospital Belém pra ver se conseguiam arrumar a situação, mas não teve jeito.” Por falta de documentação e de professores habilitados a escola de enfermagem encerrou suas atividades no ano de 1976, restando, apenas, o funcionamento da escola de jardim a quarta série ainda atrás da Igreja Central (LIMA, 1995). A partir de 1982 o professor e pastor Otaciano Felipe Costa, o então diretor da escola, “trabalhou nos processos de regularização e recebeu o número da resolução de primeira a oitava série, com o número 072-83- CEE, oficializando o nome de Instituto Adventista Maranhense (IAMA)” (LIMA, 1995, p. 24).

Em 1983 foi desenhado o projeto de construção que tirou a primeira escola adventista de São Luís do quintal da Igreja Central e a levou para um terreno bem localizado, com grande visibilidade e que possibilitou a ampliação e o melhoramento da sua estrutura física. Poucos membros da IASD sabem que o CASL se originou do IAMA – a primeira escola adventista. Com a mudança de endereço, de perfil pedagógico e de estrutura física foram abertas as possibilidades para o crescimento do número de alunos (SARAIVA, 2000, p.145).

Tabela 4 - Cronologia dos Eventos entre 1971 -1983

Datas	Eventos
1971	Falecimento de Dinah Freire e início da disputa judicial pela sua herança.
1976	Fechamento da Escola Técnica de Enfermagem.
1982	Processo de Regularização da Escola e oficialização do nome IAMA.
1983	Realização do projeto de construção da nova escola.

Fonte: A pesquisadora, 2010

Os conflitos configurados nesse período demonstram a busca por maior influência e poder no sentido de ter domínio sobre o espaço em questão e sobre as relações que ali aconteciam. Os poderes exercem-se em “níveis variados e em pontos diferentes da rede social”, esta relação complexa de micropoderes diz respeito a “gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos (FOUCAULT, 1979, p. 8). Mesmo não sendo os principais líderes da IASD no Maranhão, os líderes da Igreja Central dispunham de certa autoridade para gerenciar a rotina dessa comunidade religiosa e, portanto, faziam parte dessa

“rede de dispositivos e mecanismos a que nada ou a ninguém escapa”. É interessante notar, que no início da trajetória da primeira escola adventista em São Luís a ação dos membros da Igreja Central juntamente com seus líderes foi determinante para o seu estabelecimento. Em alguns momentos, certo nível de sacrifício foi desprendido para que esse ensino confessional se desenvolvesse, no entanto, quando as relações de poder foram se tornando mais complexas e a escola passou a se tornar mais autônoma, conquistando espaço e, conseqüentemente, influência, as resistências e as lutas foram surgindo. Foucault (1979, p. 14) afirma que “onde há poder há resistência” e que “qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, ele sempre está presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de força.” Afinal onde há poder ali ele é exercido. Aos líderes pertencia o domínio sobre o espaço da igreja, tanto o físico, quanto o relacional, com o crescente desenvolvimento da escola, sentiram, no entanto, esse domínio ameaçado. Foucault (1979) entende que a dominação acontece em múltiplas formas num corpo social demarcando posições. O desejo dos líderes da Igreja Central era avesso ao desejo dos líderes da IASD em São Luís que buscavam meios para superar o problema procurando condições para estabelecer o Ensino Confessional Adventista na cidade. Tal qual como Foucault (1979, p. 221) explica, a rede de poder da IASD no Maranhão, no Brasil e no Mundo se dá numa forma piramidal, “o ápice e os elementos inferiores da hierarquia estão em uma relação de apoio e de condicionamento recíprocos; eles se sustentam”, assim as decisões devem estar alinhadas, no entanto, alguns conflitos de interesse criaram um sentido de contrariedade entre essas esferas hierárquicas, momentaneamente, prevalecendo, porém, a autoridade da esfera superior – os líderes da IASD no Maranhão, através da permanência da escola.

3.4 A Superação das Limitações Estruturais e a Inauguração do CASL (1984-1991)

Os conflitos entre a IASD Central e o IAMA perduraram até a saída da escola do terreno da igreja em 1990. O relacionamento permanecia permeado de desentendimentos, Ester, afirma que a relação da escola com a igreja “*não era muito boa, porque alguns anciões da igreja não gostavam da escola, da presença da escola na igreja, não eram muito satisfeitos com a escola ali, o maior sonho deles era que a escola saísse da área da igreja.*” (*informação verbal*)⁶¹.

Enquanto ali ficou o IAMA enfrentou problemas na sua estrutura física e pedagógica, além da falta de apoio dos líderes adventistas. Maria, outra entrevistada, conta

⁶¹ Informação fornecida por Ester, um dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

que por três anos realizou a função de professora de Educação Infantil, a partir dos seus relatos foi possível descrever, mais especificamente, como era a estrutura física e pedagógica da primeira escola adventista nos anos de 1985, 1986 e 1987. Neste último ano o IAMA teve como diretora a professora Onorata Azevedo, esposa de um importante pastor de São Luís, a estrutura física era bem simples e atendia alunos de Educação Infantil a oitava série, as salas de aula estavam em péssimo estado de conservação e quando chovia muitas goteiras molhavam os pisos, era preciso espalhar baldes para conseguir conter as poças de água. A qualificação dos professores era mínima, nenhuma professora possuía nível superior, *Maria conta que na época ela só tinha o magistério (informação verbal)*⁶².

Em virtude da dificuldade de encontrar professores com a formação do magistério no seio da Igreja, algumas professoras não-adventistas foram chamadas para ensinar as crianças até a quarta série. Nesse momento, encontrar professores adventistas habilitados era um grande desafio, isto porque, a maioria dos membros era oriunda da classe pobre de São Luís (SARAIVA, 2000). Contratar professores não-adventistas é hoje enfaticamente evitado, privilegiam-se profissionais adventistas para trabalhar na Educação Infantil e no Ensino Fundamental até o quinto ano. *Ana* justifica esta atitude explicando que a influência, *nessa faixa etária, é mais facilmente aceita e, portanto, esta é a hora de inculcar os valores religiosos e morais*. A entrevistada afirma, também, que a escola adventista foi feita para alunos adventistas,

infelizmente muitos não estão conosco, mas a escola foi criada para os alunos adventistas e se foi criada para eles nós temos que ter essa filosofia pra ser passada para esses alunos, daí a necessidade de professores adventistas e capacitados para trabalhar nesse segmento.” *Ana* considera, também, que há atualmente uma procura muito grande de profissionais adventistas por emprego, por este motivo conclui; “nós temos um número muito grande de pedagogas adventistas, se eu tenho um número grande de pedagogas adventistas porque que eu vou chamar uma não-adventistas? (Informação verbal)

Quanto ao não atendimento de algumas crianças da IASD carentes pela rede de escolas, *Ana* explica:

Digamos que a escola, por ser uma escola particular, as pessoas da igreja talvez não tenham dinheiro para custear isso, porque eles entendem que a escola deveria ser de graça pra eles ou um preço irrisório. Na realidade uma escola particular tem um custo específico e precisa viver financeiramente.

Para *Ana* a escola, apesar de ser uma entidade particular, oferece meios para dar oportunidade aos membros mais carentes da igreja, disponibilizando bolsas de estudo e atendimento da assistência social.

⁶² Informação fornecida por Maria, um dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

Voltando a analisar a estrutura pedagógica do período em questão percebemos, através das fontes orais, que o material didático era limitado, o método de ensino na alfabetização era o tradicional/silábico com o uso de cartilhas e cartazes, com livros específicos produzidos pela Editora Adventista no Brasil – CASA para trabalhar este método. A escolha desse procedimento deve-se a influência pedagógica das outras escolas adventistas no Brasil, todas elas trabalharam com o método silábico e utilizavam a mesma cartilha de leitura, atualmente a abordagem dos livros de formação de leitores está voltada à ênfase construtivista. Quanto ao salário dos professores *Maria* alega que era “*muito baixo*” e não era pagos em dia, a escola passava por sérios problemas financeiros e tinha dificuldades na realização do ajuste de contas, “*saí da escola chateada, estava grávida, prestes a ganhar meu bebê, estava cansada, não tinha professora auxiliar, eu queria que fizessem um acordo comigo, mas falharam nesse processo*” (*Informação verbal*).

O IAMA não possuía monitores e nem porteiros e por isso as professoras acumulavam a função do magistério nas salas de aula e “*abriam*” o portão quando alguém chamava. *Maria* afirma que por presenciar as dificuldades da primeira escola adventista em São Luís nunca quis enviar seus filhos para estudar lá, mesmo sendo da mesma religião - “*quando tive meu filho pequeno, não queria colocar na escola, nunca coloquei meus filhos lá, sempre tive medo.*” Atualmente ao perceber o crescimento da Educação Adventista decidiu matricular seus filhos e está satisfeita. Impressionada com a transformação pela qual passou a Educação Adventista, presentemente defende que “*existem muitas diferenças, hoje chega ao ápice de educação, nenhum trabalho é dado por concluído, o crescimento deve ser contínuo*”

De acordo com *Ester*, entrevistada pela pesquisa, o IAMA no período em questão possuía cerca de 170 alunos, Ana acrescenta que as turmas eram pequenas, “*tinha sala que tinha 12 alunos, a escola era pequenininha mesmo.*”

3.4.1 O Recomeço

Após os períodos de fragilidade estrutural e organizacional, o IAMA inicia uma nova fase. As transformações começam com a iniciativa da professora Creunete Cardoso, que administrou a escola entre 1988-1992 e era esposa do presidente da Missão Maranhense, Pr. Izéias Cardoso. No final da década de 90 já com a Missão estabelecida e com certa independência financeira, a IASD em São Luís, sensibilizada pelos apelos da professora Creunete Cardoso, decide iniciar a construção de uma nova escola e já de posse do projeto desenhado em 1983 e adaptado à nova realidade, escolhe o terreno para a construção. Os

eventos que culminaram com a edificação de uma nova escola e com a escolha de um novo nome para o IAMA, foram marcados por fortes diligências na Igreja.

O espaço físico do IAMA começou a ficar pequeno, os conflitos não cessavam e assim, com intuito de implantar o Ensino Médio os líderes da Missão iniciaram a procura por um terreno. Na ocasião já havia recurso para construção em consequência da venda dos terrenos da irmã Dinah e de outros recursos acumulados, a escolha do terreno foi um pleito extenso. *Sara* descreve que havia um espaço amplo na Avenida Daniel de La Touche que estava em foco para a compra. *Ester* menciona que

Este terreno não tinha nada, era cheio de altos e baixos, muita gente foi contra a compra, muita gente criticou o tesoureiro da Missão que queria comprar aquele terreno cheio de mato, foi uma briga muito grande com todo mundo da Missão (Informação verbal).

Após várias conversas a Missão decidiu não comprar o terreno por acreditar ser um desperdício. Segundo *Sara*, como os líderes da Missão não queriam realizar a compra, apenas o tesoureiro da Missão, juntamente com mais dois membros da Igreja compraram os lotes nos seus nomes. “*Com o tempo a Missão viu que o terreno era bom, aí quiseram comprar,*” um dos membros envolvidos na compra negou vender sua parte, “*várias pessoas ficaram de olho, a Missão conseguiu comprar uma parte dos lotes.*” Somente em 1988 todo o terreno foi vendido à Missão para construção do Colégio Adventista de São Luís (antigo IAMA) e da sede administrativa de São Luís.

Desta forma, no dia 4 de março de 1991 o Colégio Adventista de São Luís foi inaugurado, nessa data o CASL contava com “*171 alunos, distribuídos em 9 salas de aula sob a orientação de 15 professoras e a colaboração de 7 funcionários*”. A professora Creunete Cardoso de Oliveira foi a primeira diretora desse colégio que iniciou uma nova etapa em sua história (DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO MARANHENSE, 2009, p. 1).

Segundo os relatos de *Maria* mesmo depois da inauguração do colégio os problemas relacionados à habilitação dos professores permaneceram. Era necessário encontrar um profissional habilitado para assinar pelo colégio junto à Secretaria de Educação. Como dentro do CASL não havia ninguém habilitado, a professora Ogla Feitosa foi chamada para assinar como coordenadora, supervisora e diretora, assim, todo o processo de reconhecimento foi encaminhado.

Tabela 5 - Cronologia dos Eventos entre 1984 -1991

Datas	Eventos
1985-1987	Funcionamento precário e dificuldades financeiras.
1988	Compra do terreno da Avenida Daniel de La Touche.
1991	Mudança para o novo prédio escolar, estabelecimento novo nome e inauguração do CASL

Fonte: A pesquisadora, 2010.

3.5 A Expansão (1992-2010)

Após a inauguração do CASL, em 1991, o colégio continuou passando por um período de instabilidade financeira, sua estrutura física era muito limitada e necessitava de ampliações, apesar disso, muitos interessados procuravam informações concernentes às matrículas. Em 1993, o colégio implantou o segundo grau e foi reconhecido para a oferecimento dos cursos de pré a oitava série “com a resolução (pré-127-92 CEE, primeira a oitava série, 125-92), número de autorização do segundo grau 108-91, reconhecido pela resolução 027-95 CEE” (LIMA, 1995, p. 22). No ano de 1994 o colégio já estava com o triplo de alunos comparativamente à sua inauguração

Em 1994 o número de alunos triplicou e no ano seguinte já havia quase 7 vezes mais o número de alunos em relação a 1991. De lá para cá, essa média vem sendo mantida, o que significa a capacidade máxima do Colégio. No Início o Ensino Médio foi implantado com apenas uma turma de 39 alunos e hoje contamos com 11 turmas que totalizam 368 alunos (DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO MARANHENSE, 2009, p. 1).

Nesse período as limitações eram grandes, não havia quadra, laboratório de ciências e de informática, biblioteca; o parquinho para as crianças e as salas de aulas ainda não estavam apropriadas para receber os alunos. *Ana* lembra bem das dificuldades que eram vivenciadas; “*era só o primeiro piso, inacabado, as salas não tinham lajota, tava tudo no cimento, não tínhamos recursos, era muita poeira, era muito barro, na realidade quando nos mudamos não tinha estrutura, só que havia necessidade de mudar*”. Segundo *Mateus*, o espaço utilizado como quadra era “*um terreno que era só areia, aí a escola foi se transformando*”(Informação verbal). Quando o CASL, o antigo IAMA, saiu do quintal da Igreja Central, trouxe consigo os professores que trabalhavam lá e passou a atender alunos de Educação Infantil ao Ensino Médio ampliando, assim, a sua oferta.

Em 1994, o professor Valdir Mota, diretor da época, iniciou o projeto de crescimento e ampliação do espaço físico e buscou ajuda financeira da Missão Maranhense e da Golden Cross⁶³ para construir o segundo e o terceiro pisos do colégio. Outros auxílios financeiros vieram da França, em razão das relações que o presidente da Missão desse período, Pr. Mannier, que era francês, mantinha com alguns importantes empresários desse país. Os recursos levantados foram investidos na ampliação e no acabamento da estrutura física do CASL. De acordo com Ana, a cada ano o CASL foi aumentando o número de alunos e com esse crescimento foi possível investir na capacitação dos professores, no suporte pedagógico, nos recursos didáticos e na estrutura física. Desde o início da sua trajetória ainda no “quintal” da Igreja Central da IASD, passaram pelo CASL muitos diretores, a saber:

Tabela 6 - Diretores do CASL (1943-2010)

Período	Nome
1943-1950 (aproximadamente)	Profa. Odete Anchieta Diniz
1951-1957 (aproximadamente)	Profa. Nair Bessa
1958-1960 (aproximadamente)	Pr. Eduardo Pereyra
1960-1962	Profa. Madalena Barreto
1963-1964	Pr. Emanuel de Jesus Saraiva
1965-1966	Profa. Maria Nilde Feitosa
1967	A escola foi administrada, provisoriamente, por um grupo de professora – Ercília Costa Araújo, Ilsa Feitosa, Maria Nilde Feitosa.
1968-1979	Profa. Ogla Feitosa
1979-1980	Pr. Ronald
1981	Pr. Robson Marinho
1982-1984	Pr. e Prof. Otaciano Felipe Costa
1985 e 1986	Profa. Iva Souza
1987	Profa. Honorata Azevedo
1988	Profa. Neide Ferreira Silva
1988-1992	Profa. Creunete Oliveira
1993-1999	Prof. Valdir Mota
2000	Pr. Gedeon Alves
2001	Pr. Erasmo Santos
2002	Profa. Sônia Filiú
2003 e 2004	Prof. Marcos Nunes
2005	Prof. Elias Marques

⁶³ A Golden Cross é uma empresa de referência no setor de saúde suplementar e sempre que solicitada contribui financeiramente com os projetos da IASD no Brasil, isto se deve ao fato de que seu presidente, Dr. Milton Afonso é Adventista do Sétimo Dia.

2006-2009

Prof. Almir Pires

2010

Prof. Eduardo Vasconcelos

Fonte: A pesquisadora, 2010.

Analisando a passagem dos diretores que fizeram parte da história do CASL é possível dividi-los entre pastores e professores. Atuaram na administração desse Ensino Confessional sete pastores e um deles com formação pedagógica, isto porque, entendia-se que a prioridade estava centrada em manter a instituição em sintonia com os princípios da Igreja, era interesse da IASD não perder o controle sobre essa importante força proselitista. Perante a esta preocupação todas as decisões tomadas deveriam, antes de mais nada, estar em situação concordante aos planos e programas da Igreja. Foucault (1979, p. 186) defende que a influência se exerce por meios sutis e assim “é obrigado a formar, organizar e por em circulação um saber, ou melhor, aparelhos de saber”. Os professores que atuaram no CASL como diretores eram pessoas estreitamente relacionadas aos empenhos da IASD, com um vínculo religioso marcante. Para garantir este perfil eram (e são) os pastores, líderes da Igreja em São Luís, que escolhiam (e ainda escolhem) os diretores das suas instituições. Isto garante que a proposta educacional das escolas seja uma extensão dos princípios teológicos da Igreja. A grande rotatividade dessa função é por causa do caráter missionário dessas pessoas, em especial, dos pastores. Em ambos os casos a Igreja decide onde seus colaboradores devem morar e por quanto tempo, assim, quando a IASD entendia que um funcionário seria mais importante em outra localidade do estado ou do País, fazia a transferência desse indivíduo com sua família alinhando sua perspectiva a do seu colaborador. Nos últimos anos, entre 2003 a 2010 apenas pessoas do sexo masculino foram escolhidas para assumir a função, isso porque a IASD no Brasil e no mundo dá preferência aos homens para a administração das grandes instituições adventistas, entendendo que a complexidade das atividades relacionadas às funções, “roubariam” da mulher o tempo necessário para atuar no seu principal campo missionário – sua família. Há, no entanto, poucas exceções.

Na sua trajetória de desenvolvimento grandes investimentos foram realizados na melhoria do prédio escolar, dos quais é possível destacar a construção de um auditório, do pátio de recreação, do ginásio coberto, sala de professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, sala de vídeo, recepção, biblioteca, cantina e novo projeto para a fachada da escola. Em 1998, o CASL inaugurou seu próprio parque aquático, “oferecendo natação, diversas atividades físicas direcionadas, difundindo um saudável estilo de vida.” (DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO MARANHENSE, 2009, p. 2). O

foco na educação, saúde e literatura sempre esteve presente confirmando a função de sustentação através da união dessas forças.

No ano de 2009, com todas as reformas realizadas e com sua nova fachada pronta, o CASL realizou a inauguração da sua nova estrutura predial para comemorar 18 anos de existência no “mercado educacional maranhense”. Na ocasião a IASD declarou que por meio da Educação Adventista objetivava contribuir para a “formação do homem em suas múltiplas dimensões: intelectual, social, afetiva, física, estética, ética e espiritual.” Estavam presentes o Presidente da Divisão Sul-Americana – Pr. Erton Koller; o Presidente da União Norte Brasileira⁶⁴ – Pr. Marlinton Lopes; o Presidente da Missão Maranhense – Pr. Ezequias Guimarães, os Administradores do CASL, representados na pessoa do seu diretor Almir Pires, entre outros. Este evento foi considerado pelos líderes da Igreja um marco na história da Educação Adventista de São Luís, por representar um momento de considerável crescimento da instituição (DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO MARANHENSE, 2009, p. 2). Atualmente o colégio funciona com 50 professores regentes, e 70 funcionários distribuídos em diferentes setores, totalizando um número de 120 pessoas para atender os 1310 alunos de Educação Infantil ao Ensino Médio.

Tabela 7 - Cronologia dos Eventos entre 1992 -2010

Datas	Eventos
1993	Implantação do segundo grau e reconhecimento dos cursos de Pré-Escola ao Segundo Grau.
1994	Início do projeto de crescimento e ampliação; busca de ajuda financeira.
1997	Crescimento – Triplo dos alunos comparativamente ao ano da inauguração (1991).
1998	Inauguração do Parque Aquático.
2009	Inauguração da nova fachada do CASL.

Fonte: A pesquisadora, 2010

Durante os períodos estudados aqui, o colégio manteve uma estreita relação entre sua proposta pedagógica e os princípios da IASD, marcando seu caráter confessional e proselitista. As falas dos entrevistados são unânimes em destacar esta relação como uma das características fortemente sentidas na rotina escolar. “*A questão espiritual, no momento em que eu era estudante, sempre foi bem trabalhada, talvez até um pouco melhor do que hoje*”, Mateus explica que mesmo não sendo adventista participava de todos os encontros religiosos

⁶⁴ O presidente da Divisão Sul Americana é responsável pela Igreja Adventista do Sétimo Dia em toda a América do Sul; o presidente da União Norte Brasileira é responsável pela administração da IASD nos Estados do Pará, Amapá e Maranhão.

que aconteciam semanalmente e estes estavam sempre relacionados aos conteúdos trabalhados em sala, “lembro uma vez que foi o Dia do Livro e eu até ensinei a Bíblia na época, tinham as encenações, tinha participação dos alunos, era bom por causa disso”. Para André a questão espiritual é o diferencial do CASL, “a escola nos educa, nos dá embasamento religioso, nos dá fé, eu acho isso bacana”. Apesar de manter sua proposta educacional dentro dos limites das doutrinas da Igreja, o CASL foi se voltando, cada vez mais, ao público não adventista com uma postura, progressivamente, menos doutrinária, segundo Mateus “o colégio foi se adaptando a realidade de São Luís.” Com um perfil menos restrito e com interesse em conquistar espaço, o CASL foi criando estratégias para o crescimento do número de matrículas e conseqüentemente para a ampliação da IASD que agora, de uma forma mais tácita, constrói a rotina escolar.

3.5.1 Analisando os Índices de Expansão

O CASL é, hoje, o principal representante da rede de Escolas Adventistas no Estado do Maranhão. O colégio fechou o ano de 2008 com um quadro de 47 professores e 42 funcionários, é uma das maiores escolas da rede no Brasil. Em 2009 seus registros apontavam um total de 1.022 alunos, apresentando um crescimento médio de 8,2% no número de alunos nos últimos dois anos. Em 2010 os registros do CASL indicam um total de 1310 alunos (DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO MARANHENSE, 2009) com 29,4% de crescimento em relação a 2009.

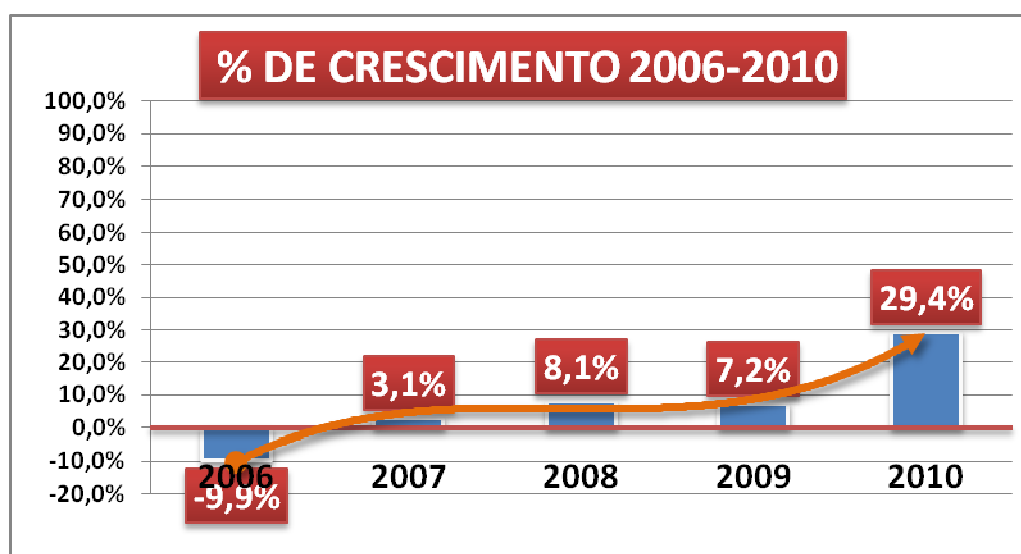


Gráfico 2 - Crescimento do CASL (2006-2010)

Fonte: Departamento de Educação da Associação Maranhense, 2010

De acordo com os dados explicitados no gráfico 2, no ano de 2006 o CASL sofreu um decréscimo de -9,9% no número de alunos em detrimento de uma medida retificadora, tomada pela administração do colégio na pessoa do prof. Almir Pires, para resolver um problema grave – o alto índice de distribuição de bolsas para alunos adventistas e não-adventistas. Com a situação financeira comprometida o colégio enfrentava uma sequência de anos sem alcançar um lucro satisfatório, por esse motivo, o valor das bolsas foi reduzido para revitalizar a situação financeira e, assim, muitos alunos saíram por problemas financeiros. *Ana* explica que

[...] com o tempo abriu-se muito as portas dos descontos e bolsas. Para resolver o problema houve um corte nas bolsas e quando se faz isso se reduz o número de alunos. A escola passou por uma crise financeira, foi justamente nesse período que teve que apertar, que houve uma diminuição de alunos por conta dos cortes nos descontos e bolsas. Diminuição de alunos, consequentemente demissões, muitas demissões. Foi um período crítico.

Com uma perda considerável do número de alunos e com o quadro de funcionário sendo “enxugado” o CASL precisou da intervenção da Missão Maranhense para superar esse momento de crise, já no ano seguinte (2007) o colégio reagiu e confirmou 3,1 de acréscimo no número das matrículas. A liberação inapropriada das bolsas aconteceu por causa da necessidade de aumentar o número de alunos para justificar todo o investimento aplicado no CASL. Após essa grande crise, em que o Ensino Confessional Adventista em São Luís esteve em grande risco de não se recuperar, as estratégias de expansão foram construídas vislumbrando alcançar destaque em São Luís entre os melhores colégios, efetivando a estabilidade financeira da instituição em situação ascendente em relação ao primeiro ano do seu funcionamento em 1943. Vejamos a tabela 8 que demonstra a expansão do CASL no decorrer da sua história.

Tabela 8 - Comparativo Ano-Número de Matrículas

Ano	Número de Matrículas
1943	40 alunos (aproximadamente)
1951	30 alunos
1952	120 alunos
1952-1953	140 alunos
1985-1988	170 alunos
1991	171 alunos
2005	940 alunos

2006	847 Alunos
2010	1310 alunos

Fonte: A pesquisadora, 2010

Em 67 anos, o CASL cresceu 3.275% considerando o primeiro e o atual ano de funcionamento. É importante destacar que essa linha ascendente se acentuou após a mudança para a Avenida Daniel de La Touche, uma das principais avenidas de São Luís, e depois da abertura do Ensino Médio. Posteriormente a crise de 2006, os índices de expansão têm sido superados a cada ano, com maior visibilidade no mercado educacional de São Luís o CASL tem conquistado reconhecimento social. No dia 28 de janeiro de 2010, o Colégio Adventista de São Luís recebeu a premiação da empresa de publicidade Globo Marketing que entrega a cada ano o prêmio de melhor marketing desenvolvido pelos diversos segmentos empresariais e institucionais existentes em São Luís-MA. A Educação Adventista ficou em primeiro lugar superando as 267 instituições de Ensino Fundamental e Médio do Maranhão.

O departamental de educação da AMA em seu agradecimento declarou: “Um prêmio como este, traz grandes alegrias, pois no ano de 2009 mantivemos uma equipe de trabalho focada no ensino, investimos na estrutura física, em que fachadas harmônicas e modernas fizeram dos colégios alvo dos olhares, e ainda tivemos eventos de qualidade em que a família do aluno foi priorizada. Por diversas vezes a mídia local esteve presente nestes eventos, fazendo assim com que o marketing fosse concretizado. A estes fatores e, principalmente, a direção de Deus é que atribuímos mais este mérito em nossa história” (ASSOCIAÇÃO MARANHENSE, 2010). Muitos dos expectadores da Educação Adventista não poderiam imaginar que esta rede de escolas internacional e com proeminência social tem nos seus registros de origem uma história bastante simplória e com objetivos contrapostos aos da atualidade. Isto se justifica na mudança de postura das Instituições Educacionais Adventistas em todo o mundo, especialmente em São Luís, o foco nas estratégias empresarias e a busca pela visibilidade social são importantes nesse processo, como é evidenciado na fala do prof. Almir e diferem da posição simplista de educar apenas os filhos da Igreja como era o propósito da escola adventista no início da sua trajetória no mundo, no Brasil e no Maranhão. Além dessa premiação, o CASL recebeu mais dois destaques no ano de 2010, como melhor escola de São Luís pelas empresas Topp Brasil Marketing Comercial LTDA e CONBRAPE – Pesquisas e Estatísticas. Nos registros da empresa Topp Brasil Marketing foi possível encontrar a seguinte menção: “O Colégio Adventista foi escolhido como a melhor escola e o melhor ensino de São Luís”.

A partir do cenário atual do CASL voltamos à análise do interesse dos líderes da IASD e o quanto as estratégias foram se transformando para atingir esses interesses. Bourdieu (1990, p. 127) afirma que “o interesse é simultaneamente condição de funcionamento de um campo, na medida em que isso é o que estimula as pessoas, o que as faz concorrer, rivalizar, lutar, isso é produto do funcionamento do campo.” A legitimação de influência e o interesse dos indivíduos que ocupam um determinado grupo estão interligados, afinal, juntamente com o crescimento do colégio, cresce também a Igreja.

A função genérica de legitimação não pode realizar-se sem que antes esteja especificada em função dos interesses religiosos ligados às diferentes posições na estrutura social. Isto ocorre pelo fato de que o interesse religioso naquilo que ele tem de pertinente para a sociologia, a saber, o interesse que um grupo ou uma classe encontra em um determinado tipo de prática ou crença religiosa e, sobretudo na produção, reprodução, difusão e consumo de um tipo determinado de bens de salvação (dentre os quais a própria mensagem religiosa), é função de reforço que o poder de legitimação do arbitrário contido na religião pode trazer a força material e simbólica possível de ser mobilizada por este grupo ou classe ao legitimar as propriedades materiais ou simbólicas associadas a uma posição determinada na estrutura (BOURDIEU, 1996, p. 48).

É nesse sentido de reforço das regras oficiais da IASD que percebemos o interesse pela educação, reforço para garantir o poder de influência, reforço para criar condições de existência na estrutura social, no campo religioso maranhense. Esse poder se manifesta em propriedades materiais (escolas, hospitais, editoras, etc.), e nas propriedades simbólicas (influência, persuasão, capacidade de criar um *habitus* religioso, etc.) (BOURDIEU, 1996).

Voltamos, também, a idéia de reforço para buscar nessa análise as funções dos discursos que possibilitam a solidificação das representações de um grupo específico, no caso a Educação Adventista. Em nome desse reforço, vários discursos se desenvolvem com o efeito de criar hábitos mentais que remetem aos condicionamentos de comportamentos, que nem sempre são conscientes, mas que são interiorizados e que “fazem com que um grupo ou uma sociedade partilhe, sem que seja necessário explicitá-los, um sistema de representações e um sistema de valores.” (CHARTIER, 1988, p. 41). O mesmo defende que

As idéias apreendidas por meio da circulação das palavras que as designam, situadas nos seus enraizamentos sociais, pensadas na sua carga afetiva e emocional, tanto quanto no seu conteúdo intelectual, tornam-se assim, tal como os mitos ou os complexos de valores, uma dessas forças coletivas pelas quais os homens vivem o seu tempo e, portanto, uma das componentes da psique coletiva de uma civilização (CHARTIER, 1988, p. 48)

A escola é esse lugar onde as palavras circulam e os discursos têm esse efeito de inculcação das regras oficiais de um grupo. É preciso tentar captar o discurso manifesto e também o não manifesto que escondem verdades implícitas e relações complexas. Foucault (1987, p. 84) defende que atrás do sistema acabado, o que a “análise das formações descobre não é a própria vida em efervescência, a vida ainda não capturada; mas sim uma espessura imensa de sistematicidade, um conjunto cerrado de relações múltiplas.” É necessário compreender que esse discurso está repleto do ausente, do distante, do oculto que se manifestos desvendariam os limites e características de um grupo.

As apreensões do discurso possuem ligações estreitas com o desejo e com o poder, nos discursos não estão apenas os saimentos da tradução das lutas ou “dos sistemas de dominação”, mas o motivo da luta e o poder que se deseja ter com a disseminação desse discurso. Os discursos evocam poder, domínio e são utilizados por instituições para atingir a sociedade através de um influência coercitiva, Certeau (1982, p. 70) afirma que um discurso está associado a uma ordem social que se configura nos enunciados individuais e que, muitas vezes, esconde um sentido particular. “Que o discurso como tal, as regras próprias, isto não o impede de articular-se com aquilo que não diz – com o corpo, que fala à sua maneira.” Cada grupo possui procedimentos internos de propagação dos seus discursos que servem como instrumento de influência, afinal, o novo não está no que é dito, mais nos efeitos, nas consequências, nos acontecimentos que derivam desse dito que é a autoridade e que, por sua vez, remete ao poder.

3.5.2 Fatores que Contribuíram para a Expansão do CASL

As narrativas de acontecimentos que construíram a memória do Colégio Adventista em São Luís evidenciaram alguns fatores que contribuíram para o crescimento do CASL e ofereceram “pistas importantes para o mundo em que foram contadas” (BURKE, 2005, p. 158). Por certo, a continuidade dessa pesquisa poderá evidenciar, posteriormente, outros fatores; indicaremos, no entanto, os que se destacam e os quais entendemos ser os mais determinantes para esse processo de desenvolvimento e que foram captados nas falas e nos registros que se constituem em fontes dessa história e que nos ajudam a encontrar significados, a saber: a) – a pluralização do campo religioso; b) – mudanças na abordagem; c) – ênfase no caráter confessional da instituição.

a) a Pluralização do Campo Religioso - como vimos no capítulo II, o campo religioso maranhense foi se constituindo a partir de uma diversidade religiosa a exemplo do que tem

acontecido no Brasil. As escolas assumem a mesma ordem que implica num processo de pluralização religiosa. Esta pluralidade está relacionada à ideia de diversidade percebida não somente em números, mas também no transcorrer da história e na construção dos elementos sociais, políticos dos últimos setenta anos no Brasil (CAMPOS, 2008, p.9).

A pluralidade é um estado de diversificação e este estado está vinculado ao processo e ao grau de desenvolvimento da diversidade religiosa. O processo pelo qual a religiosidade se aplica e o grau que dimensiona a amplitude do desenvolvimento da diversidade religiosa configuram o estado de pluralidade de um país (BASTIAN, 2008). É este estado de pluralidade que permite a abertura religiosa corrente na sociedade brasileira desde a colonização “baseado na convivência de brancos, índios e negros (JACOB, 2003, p.33).

Na década de 1980 a propagação de mensagens religiosas através dos meios de comunicação em massa, como o rádio e a televisão principalmente, alavancaram o crescimento dos evangélicos. Dessa forma, com o surgimento de novos grupos religiosos e com o crescimento das religiões tradicionais evangélicas o campo religioso acentuou sua resignificação. Com a abertura e o pluralismo no campo religioso o número de evangélicos aumentou significativamente enquanto que o número de católicos sofreu um declínio considerável, este fenômeno possibilitou o surgimento e o fortalecimento de novas religiões em solo brasileiro (CAMPOS, 2008). Os dados publicados pelo IBGE referentes ao Censo 2000 indicam que em 1940 os católicos possuíam uma representatividade de 95,2% da população brasileira enquanto que os evangélicos marcavam um percentual de apenas 2,6%. Já no ano de 2000, a Igreja Católica apresenta um percentual de 73,9% comparativamente à indicação de crescimento dos evangélicos com uma representatividade de 15,6%. A queda do catolicismo confirma-se nos anos seguintes à essa pesquisa, assim como também o despontar dos evangélicos.

Algumas informações do Datafolha (2007) confirmam as mudanças no campo religioso ao indicar um índice de 22% no número de religiões evangélicas pentecostais e não pentecostais juntas, enquanto que a Religião Católica apresentou declínio com apenas 64% de alcance dos fiéis, como é possível verificar na tabela 9.

Tabela 9 – Os números de religião no Brasil

Religiões	%
Católica	64
Evangélica Pentecostal	17
Evangélica não-pentecostal	5
Kardecista	3
Outras Religiões	3
Não tem religião	7

Fonte: DataFolha - 2007

Atualmente o panorama das religiões no Brasil é complexo e multifacetado. “O Brasil continua sendo mais católico apostólico romano, entretanto, com um ritmo crescente pequeno.” (CAMPOS, 2008, p. 13). A pesquisa do DataFolha (2007) evidencia que os dados referentes aos católicos indicam uma perda de 31.3% entre 1940 e 2007. Em contrapartida nos últimos nove anos do século XX, os evangélicos saltaram de 13,1 milhões para 26, 4 milhões, ganhando 13 pontos percentuais entre 1940 e 2000, eles nunca tiveram um crescimento médio abaixo de 50% por década (CAMPOS, 2008). “Somente nesses últimos nove anos do século XX, eles saltaram de 13,1 milhões para 26, 4 milhões, ganhando 13 pontos percentuais entre 1940 e 2000.”(CAMPOS, 2008, p. 13). Assim o período de 1980 a 2000 “se caracteriza por um amplo movimento de diversidade religiosa , ligado à redução do número de católicos e a um forte aumento do número de evangélicos” (JACOB, 2008, p. 33).

São Luís faz parte das capitais que continuam a se diversificar incorporando essas mudanças ao seu campo religioso. Segundo Jacob (2003, p. 34) esse processo de pluralização que atinge todas as regiões do país em diferentes níveis está relacionado a três elementos fundamentais da dinâmica da ocupação do território brasileiro

[...] a preexistência de espaços não-católicos ligados a história do povoamento; o avanço de frentes pioneiras onde os pastores encontram terreno favorável junto a uma população migrante desenraizada; e a urbanização acelerada que favorece o surgimento de novas religiões, ou a difusão de religiões vindas do exterior.

O campo religioso pluralizado de São Luís contribui para o aumento do número de alunos do CASL, uma vez que estes alunos representam diferentes religiões. É importante

ênfatizar que o colégio tem buscado atender essa diversidade religiosa para alcançar o crescimento. Essa abertura na proposta educacional do colégio se dá com o respaldo de que é preciso matricular o maior número possível de adventistas para que a escola não se distancie do seu princípio fundador que centraliza o atendimento aos filhos da Igreja. De posse dessa ressalva o CASL tem matriculado, cada vez mais, alunos não adventistas, mas com a preocupação de criar condições para que os filhos da igreja tenham acesso ao seu ensino confessional e mantendo as regras que condicionam os alunos não adventistas ao perfil da proposta educacional no que concerne a aparência física e ao comportamento. Essas regras são estabelecidas para garantir que o ambiente escolar, que tem a presença de não adventistas, esteja propício para receber os filhos da Igreja de forma que os primeiros se adaptem a esse contexto escolar confessional.

Tabela 10 – Diversidade Religiosa – CASL 2010

Religião	Quantidade
Adventistas do Sétimo Dia	325
Adventistas da Promessa	1
Assembléia de Deus	36
Batista	73
Católica	584
Cristã	33
Deus é Amor	5
Espírita	3
Evangélica	159
Islamismo	1
Outras	50
Presbiteriana	3
Protestante	21
Quadrangular	4
Testemunha de Jeová	6
Universal do Reino de Deus	6
TOTAL	1310

Fonte: CASL, 2010

Os dados da tabela demonstram que a pluralidade da sociedade brasileira e, mais especificamente, da sociedade ludovicense tem influenciado a abordagem do CASL que procura, cada vez mais, adaptar-se a essa realidade para alcançar competitividade no mercado

educacional. Nessa configuração é possível perceber que a maioria dos alunos é católica e apenas 325 alunos são adventistas, isso ressalta que se o CASL atendesse apenas ao público adventista não teria alcançado o grande crescimento no número de matrículas e, revela, também, que com a abertura do atendimento tanto aos católicos (584 alunos) quanto aos evangélicos (159 alunos) além das outras religiões representadas, o CASL reflete a diversidade religiosa do campo religioso no qual está inserido. O atendimento a esses diferentes públicos tem representado um dos mais importantes fatores de crescimento da instituição e do Ensino Confessional Adventista em São Luís a exemplo do que acontece no País.

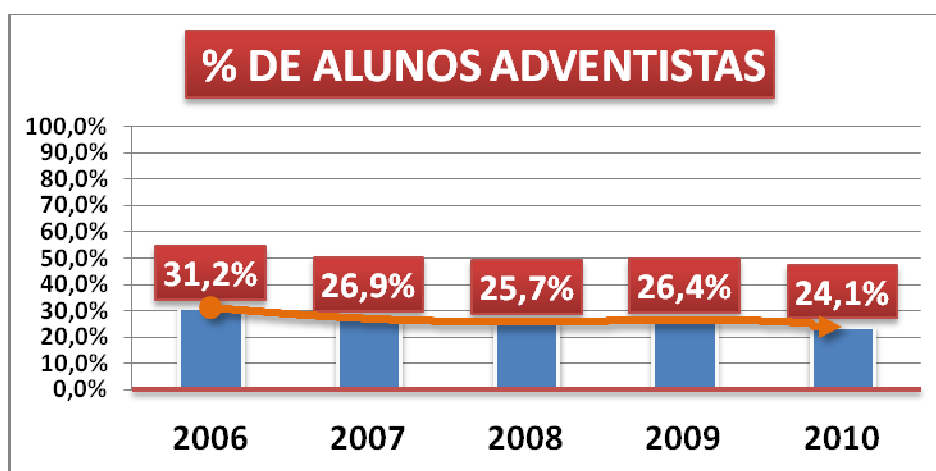


Gráfico 3 – Percentual de alunos adventistas (2006-2010)
Fonte: CASL, 2010

De acordo com os dados representados no gráfico 3 o número de alunos adventistas tem sofrido um decréscimo nos últimos quatro anos, período correspondente ao maior crescimento da instituição, em situação inversamente proporcional o número de alunos não adventistas tem ascendido, confirmando a percepção de abertura para o atendimento à diversidade do campo religioso maranhense. Para Campos (2008, p. 45) toda essa crescente diversidade se justifica através da descentralização e do surgimento de novas religiões reafirmando a busca ao sagrado;

[...] é inegável que se há um ressurgimento do religioso, embora dentro de novos moldes, há um crescente processo de secularização ou de desencantamento do mundo. Nesse novo contexto, a intervenção do sagrado sobre a vida cotidiana vai se tornando muito mais subjetivo do que institucionalizado.

Efetivamente não se pode mais estudar o campo religioso brasileiro, com representação em qualquer estado, sem considerar as transformações que efervesceram a

pluralidade, isto exige maior atenção dos pesquisadores, afinal, “o que sobrevive no presente da religião cristã já não tem nada a ver com a situação que decidiu o seu desenvolvimento; com as condições graças as quais se impôs e desenvolveu” (CAMPOS, 2008, p. 45).

b) mudanças na Abordagem - Temos dito nesse trabalho que o perfil do Ensino Confessional Adventista no início da sua trajetória centralizava sua atenção no atendimento aos filhos da Igreja, com escolas paroquiais construídas atrás das IASDs e sem características competitivas. A abordagem estava pautada mais na conservação de membros do que na conquista de novos interessados (SHUNEMANN, 2002). Com a necessidade de sobrevivência e diante de um espaço bastante promissor – a educação, com um número, cada vez maior, de pessoas interessadas em um ensino fundamentado em princípios cristãos e valores morais, o Ensino Confessional Adventista despertou para a oportunidade de crescimento e passou a desenvolver estratégias empresarias para buscar novos alunos sem perder sua principal característica o caráter declaradamente confessional.

No CASL as estratégias foram pautadas na melhoria da qualidade dos serviços prestados; na realização de uma forte empreitada de marketing através de outdoors, cardoors, busdoors; veiculação de publicidade em diferentes mídias, parcerias com equipes de rádios; realização de grandes eventos em praça pública com a presença de representantes da sociedade, tais como governador, deputados estaduais e vereadores. O objetivo era tornar o colégio conhecido na sociedade ludovicense. Algumas parcerias foram efetivadas com empresários e escolas com cursos até o Ensino Fundamental. Desde 2008, o CASL promove um encontro de empresários para estabelecer vínculos e buscar mais parcerias. Todos os anos o colégio veicula um slogan que deixa claro qual é a sua proposta educacional, nos três anos os temas foram: “Ensinando Valores, Construindo Vencedores” e “Compromisso com o Futuro”. *Raquel* afirma que

A escola cresceu e de uma forma muito rápida porque eu só tenho cinco anos que eu terminei o ensino médio e saí daqui e o crescimento neste período foi enorme, isso por causa do bom trabalho da equipe, tanto na questão espiritual e na qualificação dos profissionais. Isso é fruto do reconhecimento dos pais, você sabe que a melhor propaganda é aquela feita boca-a-boca, se eu estou satisfeito com o serviço da escola do meu filho, logicamente, que eu vou aconselhar, orientar a mãe do amiguinho do meu filho para que traga a criança pro CASL. Isso é fruto da satisfação dos pais, enquanto clientes, com o atendimento e com a qualidade do ensino (informação verbal)⁶⁵.

Essas estratégias demonstram a mudança na abordagem do Ensino Confessional Adventista que busca novos interessados, que passam a ser clientes, assim a relação entre as

⁶⁵ Informação fornecida por Raquel, um dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

partes ocorre entre cliente e empresa. Segundo *Mateus* o colégio aperfeiçoou suas técnicas de propaganda e marketing, “*a escola consegue sempre atrair um público bom pra cá, uma escola que todo ano entra aluno, saem poucos e entram mais do que saem, nesse sentido a escola melhorou bastante*” (informação verbal)⁶⁶..

O esforço do CASL está no sentido de construir uma imagem que conquiste mais clientes e, por esse motivo, tem investido em reformas que deram uma aparência de modernidade à estrutura física do seu prédio para dissipar a imagem de um ensino tradicional, no sentido de fechado ao contexto contemporâneo. Nessa perspectiva o colégio reformou sua fachada realizando, posteriormente, uma cerimônia inaugural para evidenciar o investimento. O objetivo é informar aos clientes que assim como a estrutura física do colégio está adaptada ao perfil contemporâneo das pessoas que são atendidas ali, também sua proposta busca alcançar a diversidade da sua clientela sem abrir mão da sua visão educacional-teológica.



Figura 4 - CASL 2008
Fonte: A Pesquisadora



Figura 5 - CASL 2010
Fonte: A Pesquisadora

Nos últimos dois anos as transformações na aparência do colégio se tornaram ainda mais evidentes, bem como suas estratégias empresariais de crescimento. Nas fotos indicadas acima é possível perceber que num curto período de tempo o CASL se desfez de uma fachada mais tradicional para apresentar uma estrutura moderna que explora diferentes cores e formas para chamar atenção dos clientes. Esse também foi um fator importante para o crescimento da instituição. Segundo *Raquel* “*a estrutura física de antigamente nem se compara com a que está hoje aqui, o CASL é uma das escolas mais bonitas de São Luís.*” Todo esse investimento tem gerado resultados através do aumento da procura de pessoas interessadas no Ensino Confessional Adventista.

Quando Ellen White (2007) pensou o Ensino Confessional Adventista pleiteou uma ação educacional que semeasse essa fé e declarava que a mente do estudante deveria ser despertada para uma santa instrução, seu foco estava, acima de tudo, centrado em delinear

⁶⁶ Informação fornecida por Mateus, um dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

uma elevada educação que possibilitasse o “une-te, pois, a Ele” (JÓ, 2000, 431). Na atualidade, há um esforço constante para manter essa base de fé permeando todo o processo de ensino-aprendizagem, no entanto, é evidente que estando inserido num contexto de competitividade o CASL “lança mão” de posturas empresarias para, não apenas anunciar sua fé, mas, também para alcançar crescimento e destaque na sociedade ludovicense. Esses discursos manifestos através da mudança de postura fundamentados na adaptação ao campo religioso maranhense, à realidade da competitividade e na necessidade de manutenção dos princípios teológicos da religião, revelam um vínculo ao desejo e ao poder, afinal, o discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas, ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos” (FOUCAULT, 1970, p.10), esse poder se define no objetivo de alcançar maior influência. Para Foucault (1970, p.23) a educação “pode muito bem ser, de direito, o instrumento graças ao qual todo o indivíduo, numa sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso”, ela representa maneiras ou de modificar ou de manter as “apropriações dos discursos” através dos poderes e saberes a estes incorporados. Os discursos produzidos pelas escolas adventistas reiteram sua característica confessional ajustada a um contexto plural e capitalista.

c) ênfase no Caráter Confessional da Instituição - Com o pensamento voltado para o crescimento, o CASL tem buscado se adaptar ao mercado educacional ludovicense, no entanto, a ênfase no caráter confessional da sua proposta pedagógica é alvo do interesse de alguns pais que desejam oferecer aos filhos um ensino cristão, este fator também contribui para o aumento no número das matrículas. *Mateus* afirma que colocaria seus filhos no CASL

[...] não pelo rigor, nem pelas regras, mas sim pela direção que a escola dá pro aluno, principalmente pra quem não é adventista, é sempre bom a pessoa ter uma visão diferente, e seguir uma certa linha, é bom isso, ter regras também. A escola me ensinou, no tempo que eu estudei nas escolas adventistas, ter regras, seguir uma certa linha, não sair dessa vertente que vai dar certo, acho que esse é o principal ponto da escola adventista é esse – é guiar o aluno pro caminho do bem. (informação verbal)⁶⁷.

Tiago entende que esse ensino confessional serve de sustentação espiritual para algumas famílias, que por isso, decidem procurar escolas com essas características.

[...] hoje os pais veem que a escola também é responsável pelos filhos, só que a educação não vem só da escola, mas também da família, a escola é uma complementação, só que o pais veem a escola adventista que é cristã, talvez eles

⁶⁷ Informação fornecida por *Mateus*, um dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

acham que vai dar um jeito no filho, muitas vezes é o que acontece os filhos chegam aqui de um jeito e a escola, de alguma maneira, através de acompanhamento ajuda o aluno a saber como se comportar, como agir, essa é a grande diferença que a escola adventista tem das outras escolas. (informação verbal)⁶⁸.

Aqui *Tiago* ressalta que o colégio possui uma função disciplinadora do comportamento, os pais que procuram o CASL estão cientes do perfil e, na verdade, procuram submeter seus filhos a esse condicionamento na expectativa de protegê-los de problemas sociais, ou mesmo para corrigir comportamentos indevidos. *Tiago* afirma, também, que alguns pais que possuem problemas de relacionamento com seus filhos escolhem o Ensino Confessional Adventista para corrigi-los e controlá-los através do estabelecimento dos limites e regras de convivência, que eles próprios não conseguiram construir com os filhos. As regras têm uma característica de vigilância contínua que alinha os comportamentos, Foucault (1979, p. 218), explica que “apenas um olhar, um olhar que vigia e que cada um, sentido-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo”, dessa forma, cada um se torna vigia de si mesmo. *Tiago* afirma que o ensino que se estrutura a partir de limites e regras fundamentadas em valores morais e espirituais auxilia na formação do caráter dos alunos. Para *Raquel* a escola trabalha para a formação de um indivíduo completo, “*em muitas escolas não tem essa preocupação de um ensino religioso, não é porque o aluno vem pra cá que eu tenho que fazer aquele doutrinamento, mas é importantíssimo ter esse lado espiritual.*” *André* defende que a “*escola adventista na sociedade maranhense é um diferencial pelo fato de nenhuma escola dá essa atenção especial ao lado religioso como a escola (CASL) dá para os alunos. Esse foi um dos fatores que mais influenciou meus pais a me colocarem nessa escola*” (*informação Verbal*). Ellen White, a principal pensadora do Ensino Confessional Adventista, enfatiza que o papel desse ensino é “provê mais do que disciplina mental; mais do adestramento físico”, seu propósito é fortalecer o caráter para que possa resistir ao “desejo egoísta ou a ambição mundana”. Este é o foco defendido pelo colégio. Essa proposta educacional confessional desenvolve-se a partir da ação pedagógica da instituição, para Bourdieu e Passeron (2009, p. 7) uma ação pedagógica se “exerce sempre numa relação de comunicação” com efeito de inculcação dos conceitos de um grupo social para a formação de um *habitus* que perpetua os princípios e que visa a “institucionalização.” É a incorporação desses “arbítrios culturais”, que permanecem mesmo depois da ação pedagógica, que é possível adestrar o comportamento. Para Chartier (1988, p. 43) essas concepções e conceitos são apreendidos por meio “da circulação das palavras que as designam, situadas nos seus enraizamentos sociais, pensadas na sua carga afetiva e emocional, tanto quanto no seu

⁶⁸ Informação fornecida por *Tiago*, um dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

conteúdo intelectual” e, assim, tornam-se complexos de valores “de forças coletivas pelas quais os homens vivem o seu tempo”, esses complexos de valores interiorizados pressupõem uma ação disciplinadora.

As ações que são típicas do Ensino Confessional Adventista, tais como os costumes e hábitos desenvolvidos pelas pessoas que vivenciam essa realidade, são artefatos (imagens, ferramentas, estruturas físicas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar) culturais que constroem narrativas culturais e que “oferecem pistas importantes para o mundo em que foram contadas (BURK, 2005, p. 158). É preciso pensar que as relações sociais se organizam a partir das lógicas que estão em jogo, assim as representações da cultura de um grupo suscitam significações e enunciados nos discursos e nos comportamentos. A cultura denota “um padrão transmitido historicamente, de significados corporizados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes” perante a vida (GEERTZ apud CHARTIER, 1988, p. 67). As relações sociais são “campos de prática cultural e produção cultural”, essas experiências não podem ser pensadas a partir de uma “dimensão extracultural” (HUNT, 1992, p. 9), isso nos faz conjecturar que as relações sociais que se estabelecem em um ambiente escolar confessional são culturais, visto que um padrão é corporificado.

As instituições educacionais são ambientes propícios para a manifestação das representações. Toda representação social suscita uma dominação simbólica que acontece através da imposição de valores e conceitos e funcionam como estratégias de um determinado grupo social, assim, a representação é inseparável da prática aspirando à universalidade, “são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam”, estando sempre presentes em um campo de concorrência e de “competição cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” (CHARTIER, 1988, p. 20). A representação é o instrumento que permite a visualização, o conhecimento do objeto ausente “através da substituição por uma imagem capaz de reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é” (CHARTIER, 1988, p. 20). Num contexto de luta, no qual está em jogo o poder, “a ordenação”, as representações ganham um sentido de estratégia “que determinam posições e relações” de um grupo, “atribuem um ser-apreendido constitutivo da sua identidade” (CHARTIER, 1988, p. 23).

Os três fatores trabalhados anteriormente: a) a pluralização do campo religioso; b) mudanças na abordagem e c) ênfase no caráter confessional da instituição; são dispositivos essencialmente estratégicos que pressupõe uma intervenção racional e organizada para alcançar um objetivo, no caso específico - crescimento e influência. Segundo Foucault (1979,

p. 246) “[...] o dispositivo está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam.” Essas estratégias de poder acontecem em micro relações nas mais diferentes esferas, elas produzem efeitos novos e avançam “sobre domínios que, até o momento, não estavam concernidos.” A estratégia faz com que “determinada relação de forças possa não somente se manter, mas se acentuar, se estabilizar e ganhar terreno, é necessário que haja uma manobra.” Aqui está o foco empresarial do CASL “se manter, se acentuar, se estabilizar e ganhar terreno” (FOUCAULT, 1979, p. 255).

CONCLUSÃO



Figura 10 - Materiais da primeira Escola Adventista no Brasil.
Fonte - A pesquisadora, 2010

As últimas páginas deste trabalho representam mais que um delinear dos “resultados finais” de uma pesquisa, significam a superação de desafios e limitações que despertaram, por muitos dias, uma vigilância teórica e a reconstrução constante da escrita. Ao lembrarmos das primeiras páginas compostas, no início desse percurso investigativo, em um tatear ainda tão claudicante, somos “roubados” pelas marcas que em nós ficaram dos momentos de dificuldades pelos quais precisávamos passar para refinar o olhar. Esse foi mais do que um processo de descobertas, foi o incansável repensar da nossa própria história. É de fato uma “realização” chegar até aqui, e daqui podermos olhar para frente e saber que necessitamos continuar imersos no conhecimento para descobrirmos novos significados.

O início da produção desse trabalho esteve repleto de expectativas que desembocaram em repetidos redirecionamentos quanto ao objeto de pesquisa até que, enfim, após o transitar por diferentes disciplinas e olhares soubemos qual caminho deveríamos trilhar. O caminho que, inicialmente parecia tão longo, agora, aparentemente, tão de repente, encontramos-nos diante dele, do seu final. Ao olharmos para trás vemos as pilhas de livros espalhadas ao nosso redor, vemos os dias e as noites que passaram, vemos os encontros e desencontros, e, ao olharmos para frente podemos enxergar tão próximo de nós o final dessa trajetória, há apenas alguns poucos passos de distância. E assim somos tomados por um misto de sentimentos que se interpõem - a satisfação e a saudade. Satisfação por saber que alcançamos nossos objetivos, que contribuímos de maneira importante para a rememoração da história de uma instituição educacional, que colaboramos para a compreensão do campo religioso maranhense, que demos voz e vez aos sujeitos que fizeram parte dessa história, e que crescemos nesse processo. Saudade das horas de leitura e escrita, das interlocuções, do diálogo com os autores através dos seus textos, do ambiente de construção visivelmente “bagunçado” pelos papéis rabiscados; saudade da reclusão, do ócio produtivo, dos momentos de reflexão e questionamentos; enfim, saudade da pesquisa. Quando nos vimos encobertos pelos desafios pensamos que, talvez, esse momento não fosse chegar e, portanto, escrever essas linhas enche-nos de emoção.

Falamos aqui das lembranças de acontecimentos e momentos que só foram percebidos por nós enquanto estávamos sozinhos, de algo que não está em um conjunto de indivíduos, mas está, tão somente, apenas em nós, nos fazendo recordar. Falamos, nesse trabalho, das lembranças dos sujeitos que fizeram parte de uma história, falamos da memória de uma instituição educacional. Esse desbravar pelo passado nos fez perceber que “[...]ao lado de uma história escrita, há uma história viva[...]”, dinâmica e que se renova com o passar do tempo (HALBWACHS, 2006, p. 148).

Durante esses muitos dias de pesquisa e construção evocamos a reminiscência do Ensino Confessional Adventista, através do Colégio Adventista de São Luís (CASL) e tal qual diamante bruto lapidamos as suas lembranças em um trabalho de reflexão e de localização da sua imagem fugidia (BOSI, 2004). O valor histórico de um passado lembrado pode ser mensurado nas informações significativas que proporciona, na transmissão da consciência individual e coletiva e atribui uma perspectiva histórica através de interpretações retrospectivas (THOMPSON, 1992). Lançamos então a essa memória, enquanto “a presença do passado” e enquanto reconstrução psíquica e intelectual seletiva da representação desse passado para garantir a continuidade do tempo e do “[...]elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros[...]” (AMADO; FERREIRA, 1996, p. 95).

Para a reconstituição dessa história enveredamos no campo de pesquisa em observação participativa para captar o contexto sócio-cultural da realidade em questão, buscamos as fontes documentais para tecer a narrativa histórica e, por fim, nos confrontamos com as diferentes percepções que emergiram das falas dos entrevistados cujas vivências se imbricaram aos acontecimentos da primeira Escola Adventista em São Luís. Assim, transitamos por diversos períodos que compõem a trajetória histórica do CASL rememorando e registrando as suas lembranças.

Essa pesquisa suscitou problemas quanto às fontes, sentimos grandes dificuldades em buscar informações sobre a primeira Escola Adventista em São Luís; especificamente no período de 1943 a 1990, por haver raros registros oficiais que dessem conta da história da instituição abordando seu surgimento. Percebemos que a IASD em São Luís não promoveu a conservação das fontes documentais, referente ao período anteriormente mencionado, e ainda hoje não há um planejamento relacionado ao registro dos acontecimentos e a preservação de informações acerca das suas instituições educacionais. Todas as fontes documentais do período de 1943 a 1990 foram dispersas, entendemos que com a mudança da localização da escola para a Avenida Daniel de La Touche esses documentos foram perdidos. As fontes documentais só aparecem após a inauguração do CASL, no entanto, como não há a preocupação em registrar os acontecimentos. Num primeiro momento, este fato nos intrigou e cogitamos que talvez a não-conservação das fontes documentais fosse proposital para “esconder” informações conflituosas, porém, com o andamento da pesquisa percebemos que esse descuido não é proposital, mas eventual. Assim, notamos que ainda não houve o despertar para a necessidade de se registrar os acontecimentos e preservar as fontes ao contrário do que acontece em Santa Catarina na primeira Escola Adventista paroquial, em Gaspar Alto, onde a IASD mantém um museu com a história e objetos dos pioneiros e o cemitério onde estão

enterrados os primeiros adventistas do Brasil. Ainda em nome da preservação histórica a Igreja mantém, também, a primeira Escola Adventista paroquial no Brasil em funcionamento com apenas 5 alunos.

Partimos do propósito de recuperar a reminiscência do Colégio Adventista de São Luís através da análise de discursos e práticas para compreender as condições históricas e sociais que possibilitaram sua expansão, fazendo uma incursão investigativa no período de 1943 a 2010. O recorte temporal da pesquisa nos permitiu captar as diferentes fases pelas quais passou o CASL e as transformações ocorridas no seu perfil confessional. Para entendermos o contexto gerador do Ensino Confessional Adventista em São Luís, “lançamos mão” de um estudo sobre sua mantenedora – a IASD, para abarcarmos todos os vieses possíveis.

Sendo assim, nossa pesquisa constatou, inicialmente, que a origem da Igreja Adventista do Sétimo Dia aconteceu após a Grande Decepção que resultou na desorganização do movimento millerita no século XIX na sociedade estadunidense. Dessa crise se levantaram os principais líderes que idealizaram essa nova religião (IASD), e que progressivamente foi se estabelecendo conquistando novos adeptos em outros países. Dentre os principais mentores, percebemos que Ellen White assumiu um papel de profetiza e projetou o que é hoje o Ensino Confessional Adventista. Em nossa incursão inicial averiguamos que a história da IASD se confunde com a história da “Educação Adventista” e que a segunda é extensão da primeira. Notamos que, com uma postura empresarial, a IASD executou um plano internacional de expansão que alcançou o Brasil e posteriormente o Maranhão. Com a introdução da Igreja em solo brasileiro, logo suas instituições educacionais foram estabelecidas, acontecendo o mesmo em São Luís.

Em nossas análises concluímos que há uma organicidade interdependente entre Igreja e Escola, a primeira investe na segunda visando à construção de uma identidade religiosa para assim conquistar mais espaço (tanto simbólico, quanto material) no campo religioso. Assim, percebemos que o Ensino Confessional Adventista assume implicitamente uma postura proselitista. Em alguns momentos da pesquisa falamos detidamente do que se constitui a IASD, fizemos desta forma porque igreja e escolas estão imbricadas e possuem objetivos e projetos em comum, por esse motivo, para compreender o processo histórico de formação das instituições confessionais adventistas é imprescindível conhecer o funcionamento e os princípios teológicos da IASD, pois são esses que se constituem as bases das escolas.

Quanto ao papel organizador de Ellen White, captamos a imagem de uma mulher do século XIX que em meio a uma forte crise no campo religioso do qual fazia parte, ela conquistou influência e poder suficientes para estruturar uma nova religião, a qual é atualmente no Brasil responsável 14, 3% dos evangélicos de missão, configurando-se a segunda mais importante igreja protestante tradicional e possuindo uma dimensão nacional, com representação em todo o País (JACOB, 2003). Ainda hoje, seus escritos e orientações, continuam sendo um dos principais fundamentos da IASD, sem espaço para questionamentos.

Quanto à proposta educacional/teológica do Ensino Confessional Adventista em São Luís, vale ressaltar, segue as mesmas diretrizes da sua rede escolar em todo o Brasil, aqui há uma padronização dos procedimentos que giram em torno dos princípios da Igreja. O regimento escolar da instituição traz em si padrões de comportamento da IASD como a proibição quanto ao uso de joias, roupas curtas, uso de palavras obscenas entre outras. Estabelecemos aqui a relação entre Igreja e escola no que concerne as decisões educacionais, assim, mesmo atendendo pessoas de diferentes religiões as escolas adventistas mantém suas normas quanto ao perfil do comportamento do aluno e por esse motivo, os estudantes não adventistas nessas escolas precisam assumir o mesmo padrão de comportamento.

Afunilamos a pesquisa até chegar à história do Colégio Adventista de São Luís, primeira escola da IASD na cidade, e verificamos que as sucessivas transformações, pelas quais passou o CASL, contribuíram para a sua expansão. Essas transformações aconteceram mediante a configuração de contextos os quais relacionamos a seguir:

- (1) A primeira escola adventista em São Luís originou-se a partir das investidas dos membros da IASD Central que desejavam oferecer aos seus filhos um ensino fundamentado nos princípios da igreja;
- (2) A escola é construída atrás da IASD Central;
- (3) Não havia estrutura física para um atendimento escolar adequado e nem a pretensão de se tornar competitiva, o foco estava voltado para a educação dos filhos da igreja;
- (4) Um conflito de interesses entre Igreja e escola estabelece um cenário de crises e a Igreja passa a desejar que a escola saia das suas dependências;
- (5) Com a necessidade de crescimento para alcançar mais recursos para a sua sobrevivência e com o auxílio da Sede Administrativa da IASD em São Luís a escola muda de endereço, de nome e passa a oferecer o curso de segundo grau.
- (6) O Colégio inicia reformas e projetos de ampliação estrutural;

- (7) Após crise financeira o CASL adota estratégias empresarias para alcançar crescimento;
- (8) Em 2010 o Colégio conquista 1310 alunos.

Para desenhar este cenário histórico contamos com fontes orais que reconstituíram essa memória. Diante das fontes notamos que alguns fatores foram determinantes para a expansão do CASL no transcorrer do tempo, a saber: **a pluralização do campo religioso; as mudanças na abordagem e a ênfase no caráter confessional da instituição.**

Por fim, nossa análise, a partir das fontes documentais e orais, possibilitou-nos compreender que o campo religioso maranhense é constituído de uma significativa diversidade religiosa, com representatividade de diferentes religiões, tais como: os católicos, os espíritas, as religiões afro-brasileira, os neocristãos, as religiões orientais, o Judaísmo e o Islamismo, os evangélicos de missão, os evangélicos pentecostais entre outros (JACOB, 2003). Concluimos que essa pluralidade religiosa tornou-se um dos mais importantes fatores de crescimento do CASL. Como foi dito anteriormente, no início da sua trajetória a primeira escola adventista em São Luís focava apenas o atendimento dos filhos da igreja, com a necessidade de crescimento e de conseguir mais alunos, foi preciso descentralizar a abordagem para receber alunos de diversas religiões e assim foi feito. Segundo os registros da secretaria do colégio, atualmente o CASL atende representações de 15 religiões diferentes, com maior concentração de católicos. Em 2010 apenas 29, 1% dos alunos do CASL eram adventistas, desde 2006 esses índices vem caindo, exatamente o período de maior crescimento do colégio. Assim, constatamos que se o CASL atendesse apenas alunos adventistas, por certo, não apresentaria um crescimento tão significativo.

Outro fator importante que contribuiu para o crescimento do CASL foi a mudança de postura do colégio que passou a desenvolver estratégias empresariais e a investir em marketing e publicidade. A mudança também aconteceu na sua estrutura física para apresentar uma imagem moderna, em apenas dois anos as transformações na sua aparência foram muito evidentes, deixando um prédio com desenhos tradicionais para oferecer um ambiente mais contemporâneo. Em nosso estudo percebemos que o colégio mantém seu foco na relação entre sua proposta educacional e os princípios da IASD, no entanto, tem buscado se tornar competitivo para alcançar destaque e conquistar mais alunos de diferentes religiões.

A ênfase no caráter confessional da instituição foi outro fator verificado, essa é a “bandeira” do colégio. A preocupação em oferecer uma educação com princípios morais e espirituais tem levado muitos pais a procurarem o CASL. Alguns pais procuram o colégio

para impor limites aos seus filhos e ensinar regras que eles próprios não conseguem ensinar. Aqui o CASL assume uma função disciplinadora do comportamento. Entendemos que essas são estratégias de um jogo de poder, onde micro relações acontecem para ampliar influência e conquistar terreno.

Assim procuramos construir uma narrativa histórica auto-reflexiva, cientes de possíveis fragilidades. “Se não quisermos a palavra fragilidade, podemos substituí-la por flancos abertos, canais ou sulcos deixados para ainda serem trilhados e explorados” (SANTOS, 2006). Cientes, também, de que não podemos dar por encerrada esta pesquisa, isto por que ainda existem muitas memórias sobre essa história para serem lembradas. Quem disse que essa história acaba no final: Há ainda muitas nuances a serem exploradas e analisadas, zonas obscuras a serem esclarecidas, na mutabilidade própria do homem.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ASSOCIAÇÃO MARANHENSE . **Documento Oficial**. São Luís, 2009. Relatório Impresso.
- ASSOCIAÇÃO MARANHENSE . **Documento Oficial**. São Luís, 2010. Relatório Impresso.
- AFONSO, P. M. Índices de pluralidade no Brasil. São Paulo: BPM, 2008.
- AZEVEDO, Roberto Cesar. **Voz da Profecia e a conversão no Estado de São Paulo**. São Paulo, USP/ECA, 2004 [Dissertação de Mestrado].
- BAKHTIN, Mikhail. **Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- BASTIAN, J. P. **Protestantismo y modernidad latinoamericana: História de unas minorias religiosas activas em América Latina**. México, 1990.
- BAUMAN, Zygmund. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BABBIO, Norberto. **O tempo e a memória**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BEM-PERETZ, Miriam. Episódios do passado evocados por professores aposentados. NOVOA, Antônio (Org.). **Vidas de Professores**. Lisboa: Porto, 1995.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.
- _____. **Coisas Ditas**. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- _____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.
- _____. **Questões de Sociologia**. Lisboa, 2003.
- BOURDIEU, P; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 2009
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOUMARD, Patrick. **O lugar da etnografia na epistemologia construtivista**. Disponível em: <<http://www2.uel.br/ceb/psicologia/texto>> . Acesso em: 17 nov. 2009.
- BURKE, Peter. **O que é História cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

BURKE, Peter, 1937- **O que é história cultural?** / Peter Burke; tradução Sergio Goes de Paula. – 2.ed. ver. E ampl. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008

Brasil. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LEI Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O.U. de 23 de dezembro de 1996.

CAMARGO, C. P. F. **Católicos, Protestantes e Espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

CAMPOS, L. S. **Teatro, Templo e Mercado: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. São Paulo, 1953. Documento Oficial.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rio de Janeiro, CASA, 2009. Disponível em: <<http://www.casa.org.br>>. Acesso em: 15 jun 2010.

CARR, Hallet Edward. **O Que é História?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IASD . Departamento de Educação. **Documento Oficial**. São Paulo, 2004. Documento Impresso.

CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IASD. Departamento de Educação. **Documento Oficial**. São Paulo, 2009. Documento Impresso.

COMISSÃO MARANHENSE DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA CASL. Departamento financeiro. **Relatório**. São Luís, 2009. Relatório Impresso.

COLÉGIO ADVENTISTA DE SÃO LUÍS – CASL. **Regimento Escolar**. São Luís, 2008. Documento Impresso.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Lisboa, Viseu, 1988.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Lisboa: Bertrand, 1990.

CASSIRER, Ernest. **Antropologia Filosófica**. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

CUNHA, Luís Antônio. **Uma leitura da teoria da Escola Capitalista**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

DATAFOLHA. **As Religiões dos Brasileiros**. Folha de São Paulo, Caderno Especial, 2007.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO MARANHENSE. Departamento financeiro. **Relatório**. São Luís, 2010. Relatório Impresso.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO MARANHENSE. Departamento financeiro. **Relatório**. São Luís, 2009. Relatório Impresso.

DELUMEAU, Jean. **Nascimento e Afirmação da Reforma**. São Paulo: Pioneira, 1977.

DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IASD. **Pedagogia Adventista**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IASD. **Pedagogia Adventista**. 2. Ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

DOSSE, François. **História do Estruturalismo I**. O campo do signo, 1945/1966. 2. ed. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994

DOUGLASS, E. H. **Mensageira do Senhor**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

DECLARAÇÕES da Igreja. São Paulo, Casa Publicadora Brasileira, 2005.

DECLARAÇÕES da Igreja: União Norte Brasileira. São Paulo, 2010. Documento Impresso

EDUCAÇÃO ADVENTISTA. Belém, IASD - UNIÃO NORTE BRASILEIRA, 2009.
Disponível em: <<http://www.unb.org.br>>. Acesso em: 13 mar. 2009.

ERICKSON, Frederic. **Descrição Etnográfica**. Disponível em: <
www.servicos.capes.gov.br/arquivos/avaliacao/estudos/dados>. Acesso em: 02 nov. 2009.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa Participante**. 2 ed. São Paulo: Autores Associados, 1989.

FEBVRE, Lucien; MARTINS, Henry. **O Aparecimento do Livro**. São Paulo: UNESP, 1984.

FISCHMANN, Roseli. Escola é lugar de fé? **Revista Educação**, São Paulo. Edição 127, Editora Segmento, 2007.

FINO, C., N. **A etnografia enquanto método**. Disponível em:
< <http://www.uma.pt/carlosfino>>. Acesso em: 23 fev. 2006.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. SP: Loyola, 1970.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Arqueologia do Saber**, RJ: Forense, 1987.

_____. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

GEERTS, Clifford. **A Representação do eu na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara - Koogan, 1989.

GONDRA, José Gonçalves (Org.). **Pesquisas em História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HALL, Stuart. Identidade e Diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In: _____. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. 6. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HILSDORF, Maria Lucia S. **O Aparecimento da Escola Moderna: uma história ilustrada**. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2000 – Características Gerais da População – Resultados da Amostra**. Rio de Janeiro, IBGE, 2003.

Jó, Português. In: **Bíblia Jovem Amigo: antigo e novo testamento**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. Bíblia Nova tradução na Linguagem de Hoje.

JACOB, Cesar Romero. **Atlas da Filiação Religiosa no Brasil**. Rio de Janeiro, Ed. PUC-RIO; São Paulo, Loyola, 2003.

REGULAMENTO Nacional Adventista. São Paulo, 1994. Documento Impresso.

LESSA, Vicente Themudo. 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo, 1863 – 1903. **Anais...** São Paulo: Cruzeiro do Sul, 1938.

LE GOFF, Jacques. **Memória**. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1984 Enciclopédia Eunaldi, v. 11.

LOWENTHAL, David. Os muitos tempos da memória. **Projeto História**. São Paulo, número 17, Nov. 1998.

LUDTKE, Mizael. **Origem e Desenvolvimento da Igreja Adventista no Espírito Santo**. São Paulo, Centro Nacional da Memória Adventista/IAE, 2005.

LIMA, Marisa. **A História do Adventismo no Maranhão**. São Paulo: Faculdade Adventista, 1995 [Trabalho Monográfico].

MANUAL da Igreja. São Paulo, 2005. Documento Impresso.

MANUAL da Igreja. São Paulo, Casa Publicadora Brasileira, 2006.

MANUAL da Igreja. São Paulo, Casa Publicadora Brasileira, 2007

MATOS, Carmem L. G. de. **Estudos etnográficos da educação**. Disponível em: <<http://www.faced.uff.br/educacaoemfoco/asp>>. Acesso em: 12 nov. 2006.

Mateus. Português. In: **Bíblia Jovem Amigo: antigo e novo testamento**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. Bíblia Nova tradução na Linguagem de Hoje.

- MAXWELL, C. M. **História do Adventismo**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1982.
- MESQUITA, A. N. de. **História dos Batistas no Brasil de 1907 até 1935**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1940.
- MENSLIN, J. Douglas. **Educação Adventista no Brasil: Um início a partir de um ideário missionário à uma rede educacional de âmbito nacional**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- MOREIRA FILHO, Eliezer. **Histórias que os jornais não contaram**. São Luís: UNICEUMA, 2008.
- NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Historiografia da Educação e Fontes**. In: Gondra, José Gonçalves (Org.). **Pesquisa em História da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- KNIGHT, George R. **Filosofia e Educação: uma introdução da perspectiva cristã**. Engenheiro Coelho, SP. Imprensa Universitária Adventista, 2001.
- _____. **Em Busca de Identidade: O desenvolvimento das doutrinas da IASD**. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- OLIVEIRA FILHO, de José Jeremias. **Formação histórica do movimento adventista**. Artigo, Estud. v.18 n. 52 São Paulo Sep./Dec. 2004.
- REVISTA DA CULTURA RELIGIOSA. Santo André, Casa Publicadora Brasileira. 1925.
- REVISTA ADVENTISTA, Santo André, Casa Publicadora Brasileira. Out /72.
- SARAIVA Emmanuel. **A História do Adventismo no Maranhão**. São Luís. MA: Maia, 2000.
- SANTOS, Lyndon de Araujo. **As Outras Faces do Sagrado: Protestantismo e Cultura na Primeira República Brasileira**. 2006. 326 f. Tese de Doutorado em Ciências Sociais e Religião – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2006.
- SETOR FINANCEIRO DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA MARANHENSE. Departamento de controle financeiro. **Relatório**. São Luís, 2010. Relatório Impresso.
- SERVIÇO EM EDUCAÇÃO, LAR E SAÚDE - SELS. Setor de Colportagem. **Relatório**. São Luís, 2010. Relatório Impresso.
- SCHUNEMANN, Haller Elinar Stach. **“O tempo do fim”**: uma história social da Igreja Adventista do Sétimo dia no Brasil. 2002. 412 f. Tese de Doutorado em Ciências Sociais e Religião – Universidade Metodista, São Paulo, 2002.
- SCHAFF, A. **História e verdade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- SPENCE, William. **A Nossa Luz da Profecia**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1958.

SILVA, Abdoral Fernandes da. **Nossas Raízes: A história da aliança das igrejas cristãs evangélicas no norte do Brasil.** São Luís: SIOGE, 2006.

TODESCHINI, Marcos. Graças a Deus e não a Darwin. Revista **Veja**, São Paulo. Edição 2025, Abril, 2007.

TUDO sobre os Adventistas do Sétimo Dia, [2010]. Disponível em: <<http://www.advir.com.br>>. Acesso em: 17 set. 2010.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UNIÃO BAIXO AMAZONAS (UNB). Departamento de Educação. **Documento Oficial.** São Paulo, 2009. Documento Impresso.

WHITE, Ellen. **Educação.** São Paulo: CPB, 2007.

_____. **Conselhos sobre Educação.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994.

_____. **Conselhos aos pais e professores.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1976.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Roteiro de Entrevista

- 1 – Qual é o seu nome? Lugar e data de nascimento?
- 2 – Qual a sua relação com a “Educação Adventista”?
- 3 - Quando e como foi o seu primeiro contato com o Colégio Adventista de São Luís?
- 4 – Explique como era o CASL neste momento?
- 5 – Fale sobre a estrutura física.
- 6 – Fale sobre a proposta pedagógica.
- 7 – Fale sobre a proposta espiritual.
- 8 – Como você vê a relação entre a IASD e o CASL?
- 9 – Como você vê o CASL na atualidade?
- 10 – Descreva os pontos positivos.
- 11 – Descreva os pontos negativos.
- 12 – Se possível, relate algum momento histórico importante do CASL?
- 13 – Você consegue perceber alguma mudança significativa no perfil do CASL no decorrer na sua história? Se sim, Explique
- 14 – Na sua opinião a que se deve essa transformação? (caso a resposta anterior seja positiva)
- 15 – Na sua opinião porque não houve mudanças significativas? (caso a resposta anterior seja negativa)
- 16 – Como se dá a relação dos alunos com as regras estabelecidas pelo colégio?
- 17 – Como se dá a relação dos pais e/ou responsáveis com as regras estabelecidas pelo colégio?